

REVISTA DA SEMANA



N.º 28

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

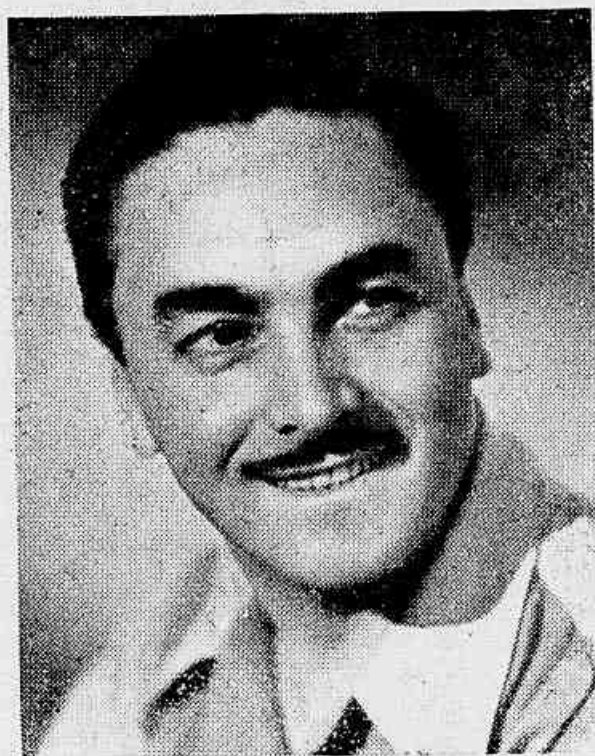
9-7-49



Comece

antes que se esgote.

O ALBUM DE "A CENA"



★

Um rico brinde de A CENA MUDA aos seus leitores: um presente especial para as férias do meio do ano com 100 páginas. Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso. A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar. O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00

★



A' venda em todos os pontos de jornais



Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do correio á

Companhia Editora Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 -- RIO.

Suplícios da Guanabara

QUANDO as caravelas dos descobridores transpuseram a barra da baía dominada pelos tamoios e, julgando estar dentro da embocadura de grande rio, lhe deram o nome de S. Sebastião do Rio de Janeiro, por ter sido no dia do santo e o primeiro rio descoberto naquele mês, o quadro que se lhes abriu aos olhos foi emocionante, incrivelmente belo.

O conjunto de picos, cabeços e serras por todos os lados; um céu azul, a temperatura quente, tropicalmente morna; numerosas e lindíssimas ilhas e ilhotas semeadas na vastidão das águas serenas do imenso porto virgem; as florestas subindo pelas serras e refrescando as encostas e os vales...

A notícia ganhou o mundo, e se o Brasil não fosse tão cioso de suas belezas apenas para contemplação interna, hoje seríamos o maior empório turístico deste planeta.

Depois vieram os grandes artistas. Pintaram nossa Guanabara de várias formas e em muitos ângulos. Botafogo, o Pão de Açúcar, as encostas do outeiro da Glória, tudo muito belo e fascinante; mas sucede que, àquele tempo, ainda predominava no sentido da Arte e da poesia o critério do "gordo". Os tipos de beleza eram avantajados. Todos os pintores representavam a beleza feminina com linhas enxundiosas, volumes atualmente julgados ridículos, incompatíveis com o sentido moderno de beleza plástica.

Também a nossa Guanabara no pincel dos Rugendas e Debrets foi vista e sentida assim, gorduchinha, com suas banhas que o mar refrescava nas horas de soalheira tropical.

Mas já dizia o sr. Pelletan que o mundo marcha. Cada ano que se passa, outras concepções vêm à inteligência do homem e este procura criar, modificar, revolucionar, inovações surgem de todos os lados.

Também o conceito de beleza sofreu suas alterações profundas. A mulher gorda já não era mais o tipo de beleza. Venceu o franzino, o espiritual, o delgado, e os poetas e os pintores, os escultores e os artistas, cantaram seus hinos à cinturinha de vespa, aos bustos reduzidos, aos braços finos.

E veio a tempo, naturalmente, com a vida mais cara, os tecidos pela hora da morte, a alimentação pouca e de alto preço. Tinham as mulheres que emagrecer mesmo, pela arte ou sem ela.

Mas infelizmente essa revolução nas formas humanas passou também para a Natureza sob o controle dos civilizados. Os jardins sofreram cortes bárbaros; as cidades perderam aquelas mangueiras e amarindeiros umbrosos, sendo tudo substituído pelos "figos" e oititeiros "à la garçonnette", com as copinhas podadas e pequeninas, que não dão para os ninhos dos pardais e tico-ticos.

Nossa Guanabara, que serviu de palco a tantas lutas gloriosas, com a resistência do índio contra o invasor, e que viu as refregas dos abusteiros com os lusitanos, as batalhas em terra e no mar, nas ilhas e nas praias; nossa Guanabara também começou a ser supliciada com os novos preceitos de beleza plástica, perdendo suas larguras, aterrada constantemente pelas imposições da comodidade dos seus habitantes.

E foram sendo arrasados os seus morros e aterradas as suas praias. Onde está hoje a praia da Lapa? Que é feito da de Santa Luzia? E a antiga praia da Misericórdia, com a primeira rua que se construiu no Rio, ao sopé do morro do Castelo?

Não se cansam os homens nessa obra de converter águas em terras. Botafogo diminui de cinturas; a Glória vai, aos poucos, perdendo a harmonia até desaparecer brevemente com a ganga bruta do morro de Santo Antônio.

A Guanabara, se hoje fosse vista pelos artistas dos tempos da "gordura", dos braços roliços, dos seios túmidos, dos rostos luzidios e davam à beleza feminina uma sensação de felicidade de espírito e de estômago, se esta Guanabara fosse vista hoje, eles até pensariam que o mundo mudou de posição e está no Rio o porto de Vitória... Mas é que vai predominando na alma dos homens de nossas administrações urbanas o mesmo sentido que venceu o espírito dos artistas dos tempos que correm. Nada de larguezas, de belezas adiposas, de cinturas amplas, de braços gordos. Agora é tudo fininho, reduzido a elegadas, cinturinhas de vespa, perninhas finas, braços esguios, elementos, espirituais...

E a Guanabara que também é mulher, está subordinada à condescendência da moda que rege a vida social: aperta-se nas cintas de dras e terra batida, subjugada, estreitando a cintura, sufocada pelos erros, gemendo e chorando num suplício de quem já foi livre, de quem já viveu em liberdade, e hoje sofre o ataque da terra que se desce dos morros destruídos, reduzindo-lhe a beleza nativa, diminuindo-lhe a vastidão panorâmica, afogando-a em barro, pedra e lama, até que, em futuro próximo, um espírito piedoso lhe erga, à beira da barra, uma lápide com estas palavras: **Aqui jaz a Baía Guanabara**.

RENATO DE ALENCAR ★ Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

Suplícios da Guanabara (Renato de Alencar)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
Correio da REVISTA	50

REPORTAGENS

O Sansão de Portland (Harold Green)	4/ 6
A guerra ainda causa vítimas (John T. W. Smith)	15/17
Dinheiro, a mola do mundo (Milton Pedrosa)	32/35
Gente sã para o amanhã (H. Ferraz)	36/39
Quando as princesas viajam	44
Os Gaudérios do futebol	55/58

CARICATURA

O prato do dia (Théo)	7
Com humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	14

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris, conclusão)	12/13
--	-------

NOVELA

Triste experiência (Nestor Chancer)	18/19
-------------------------------------	-------

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Simplicidade e elegância	20
Férias de junho	21
O vestido e o seu "manteau"	22
Detalhes e novidades	23
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24
Últimas criações	24/25
Mães e filhos	25
Week-end na cozinha	26
Modelos de Hollywood	26
Interiores	27
Problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	27
Modelos práticos	40
Modelos desportivos	41

CINEMA

Cine-Revista (Leon Eliachar)	28/29
------------------------------	-------

CONTOS

A cruz (Galvão de Queiroz)	30/31
A espera (João Morelli)	42

RADIO

Broadcast (A. Migueis)	43
------------------------	----

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)	46
-----------------------------	----

TEATRO (José Fomm)	47
--------------------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	49
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	50
-----------------------------------	----

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)	51
---------------------------------	----

ILUSTRADORES

Orlando Matos	
Luis Canabrava	
Osvaldo Cunha	

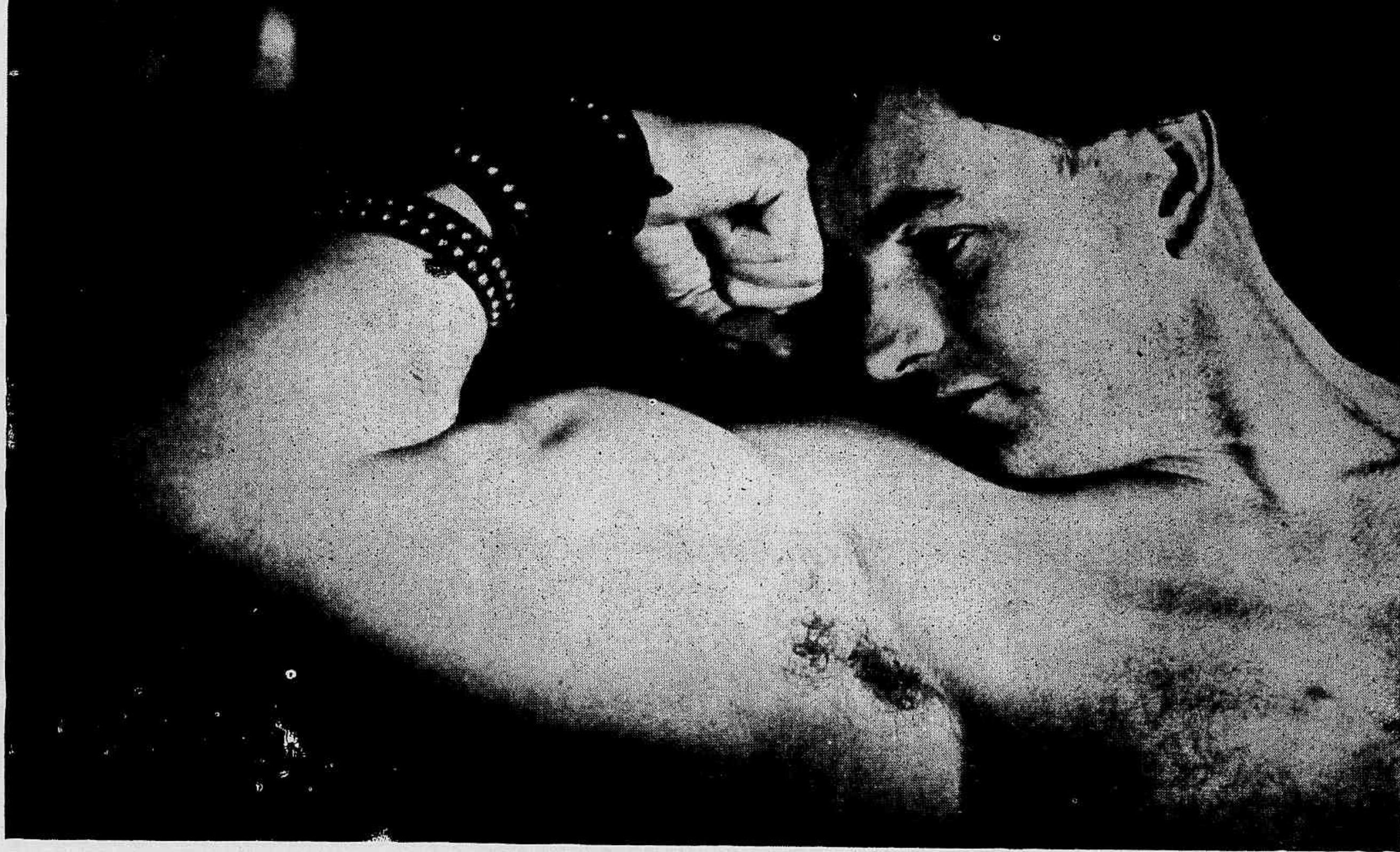


A jovem e talentosa Nancy Coleman, que há muito vem emprestando a Hollywood o brilho de seus dotes artísticos e de sua beleza, foi a escolhida para a nossa capa de hoje. Descoberta pelos "talent-scouts" quando atuava em "Liberty Jones", pegou na qual fazia o papel-título, Miss Coleman transferiu-se para Hollywood, onde tem apresentado trabalhos do quilate de "Kings Row", "Devotion", "In Our Time", aparecendo mais recentemente em "Sacrifício de uma vida", ao lado de Rosalind Russell.

Sua força muscular é tremenda
e apanha um prego desses bem
grossos e o quebra em dois
pedaços, facilmente



O SANSÃO DE PORTLAND



Quando ele faz funcionar os músculos do seu "biceps" de 17 polegadas e meia, compreendemos a força que possui

ALEXANDER MARSHALL é um jovem de Portland, com vinte e seis anos, dono de prodigiosa força muscular. Mas não é invencível apenas no poder de seus biceps. Como o outro gigante Sansão, ele guarda uma força descomunal em seus cabelos também.

E não é apenas nisso. Também nos dentes, Alexander é extraordinário. Esse jovem já tem arrastado multidões para ver-lhe a força descomunal, como sucedeu faz pouco, quando ele puxou um ônibus com 20 passageiros através de "Regent's Park".

Seus pais nada têm de extraordinário. Apenas são dotados de excelente saúde. O filho, porém, tornou-se um tipo super-normal em relação ao desenvolvimento físico e à incrível força de que foi dotado. Tem agora

TEXTO DE HAROLD GREEN FOTOS KEYSTONE

27 anos, com a altura de 6 pés e duas polegadas, pesando mais de cem quilos.

Há três anos passados, mais ou menos, quando ele trabalhava como maquinista de um guindaste no serviço das docas, os seus companheiros de serviço do porto ficaram impressionados com o precoce desenvolvimento físico de Alexander.

Interessando-se, ele mesmo, por isso, comprou equipamento de exercícios musculares, e, dentro de poucos meses estava transformado num autêntico gigante de força atlética e resistência física.

Atualmente sua complexão é verdadeiramente assombrosa, com enorme pescoço, "biceps" com dezessete polegadas e um quarto; mas, segundo diz, o seu tormento é a compra de camisas, em virtude da circunferência do pescoço, com dezoito polegadas...

A título de curiosidade pública e como parte em programas de festivais, ele tem puchado carros de estrada de ferro com os dentes...

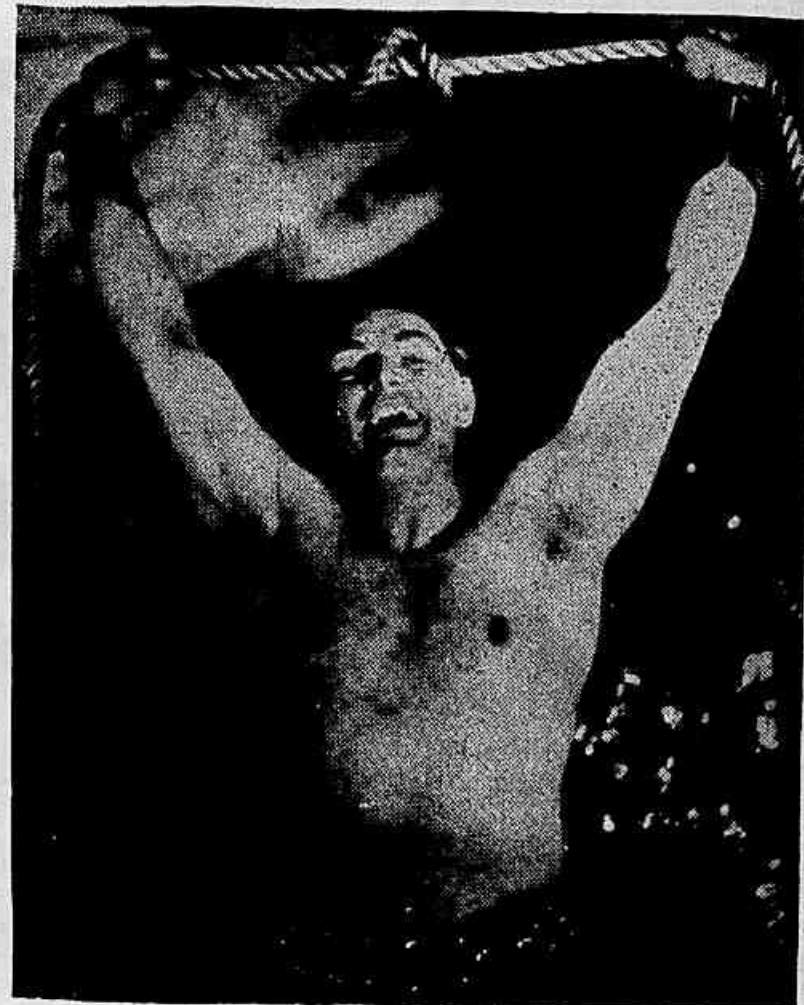
Alexander Marshall é, não há dúvida um gigante que surgiu inesperadamente, sem qualquer preocupação dos pais ou de amigos. E ainda poderá ir mais longe, uma vez que apenas começa a utilizar todo o seu potencial de cultura física. Que será ele quando estiver nos seus trinta e tantos?



O gigante de 27 anos faz um molho de vergalhões de ferro e os enverga mostrando que nem sempre a união faz a força...

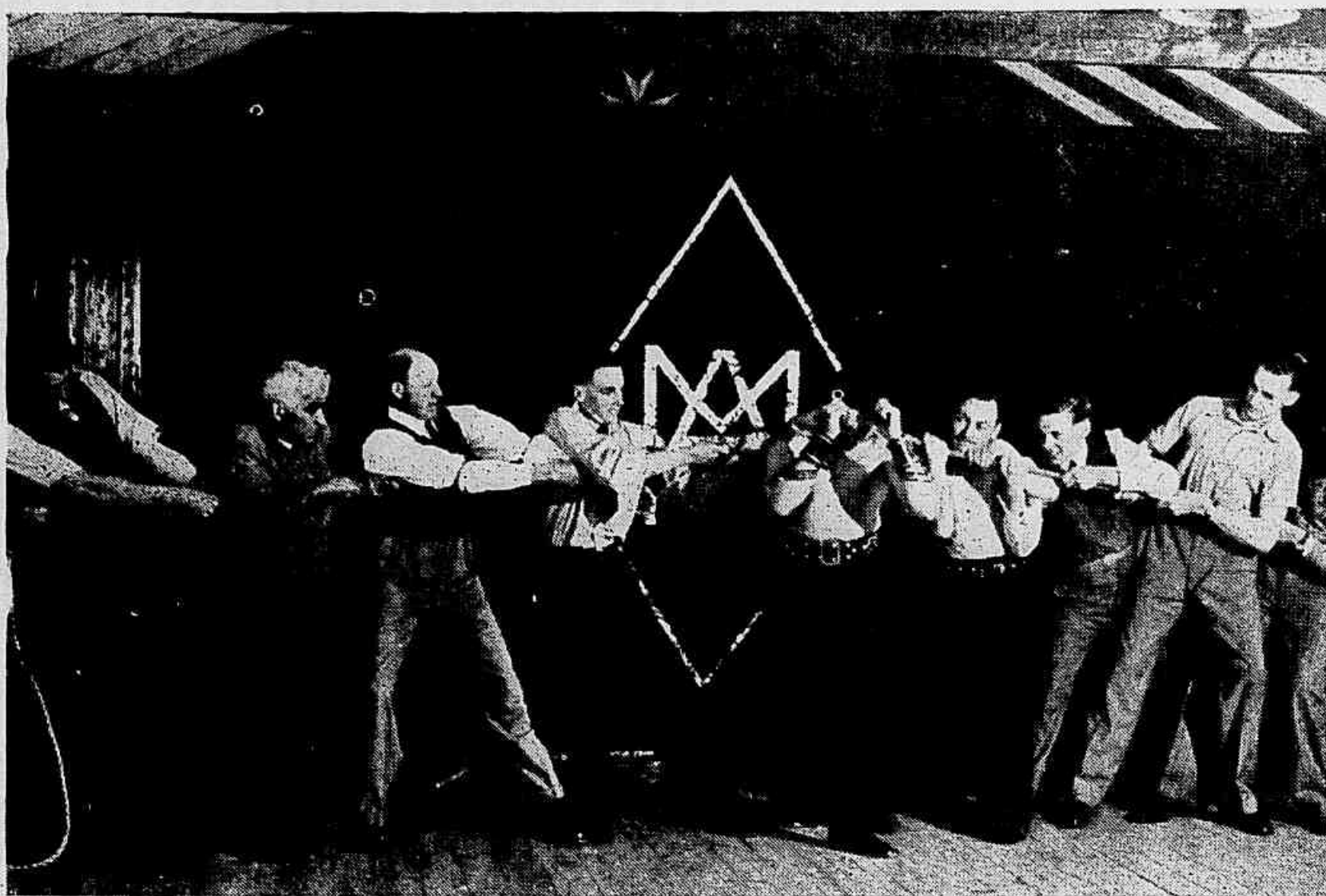


"Close up" tomado no momento em que dez homens procuravam estrangulá-lo com uma corda e um nó corredição



Para que não pensem que foi "fita", ele suspende sobre a cabeça o nó corredição com que quiseram estrangulá-lo

O SANSÃO DE PORTLAND



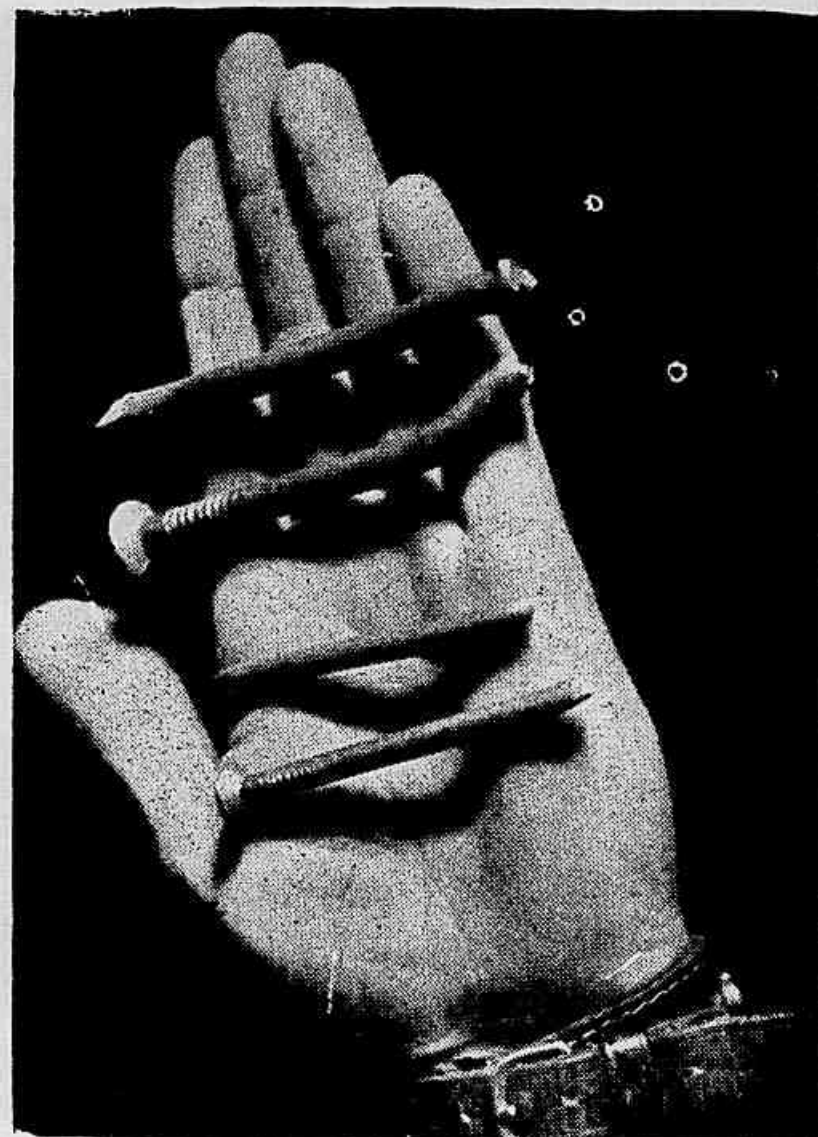
Dez homens, cinco de cada lado, procuram dar um nó no pescoço de Alexander, que resiste, e eles nada conseguem



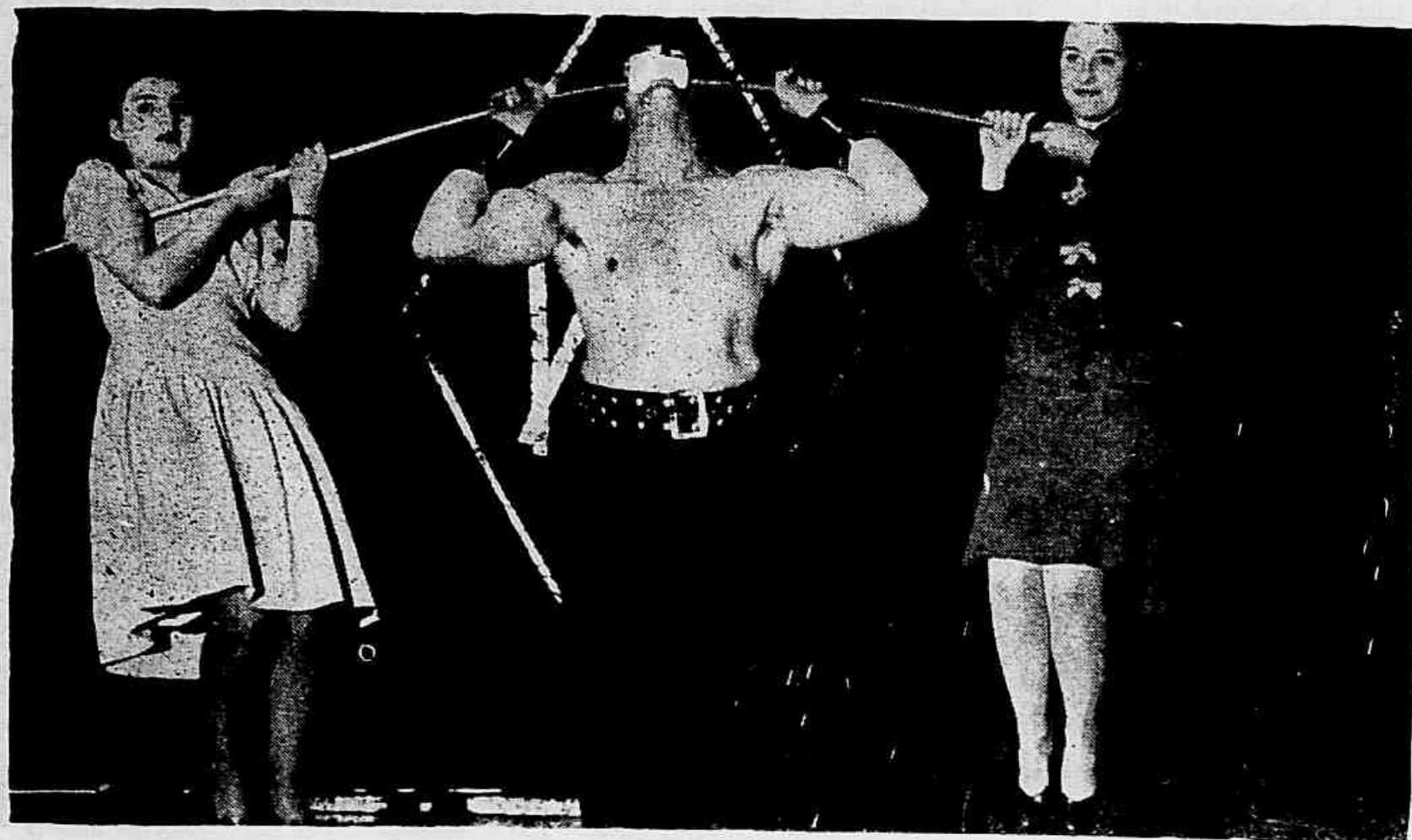
Depois de seus treinos e exercícios físicos, todo o seu corpo se transformou rapidamente, como vemos aqui



E esta agora! Alexander gosta de ouvir música nesta "comoda" posição. O diabo é se ele se entusiasma e vai bater palmas depois



Estes enormes pregos de seis polegadas foram arrebatados em cinco e meio segundos, pelas mãos de Alexander

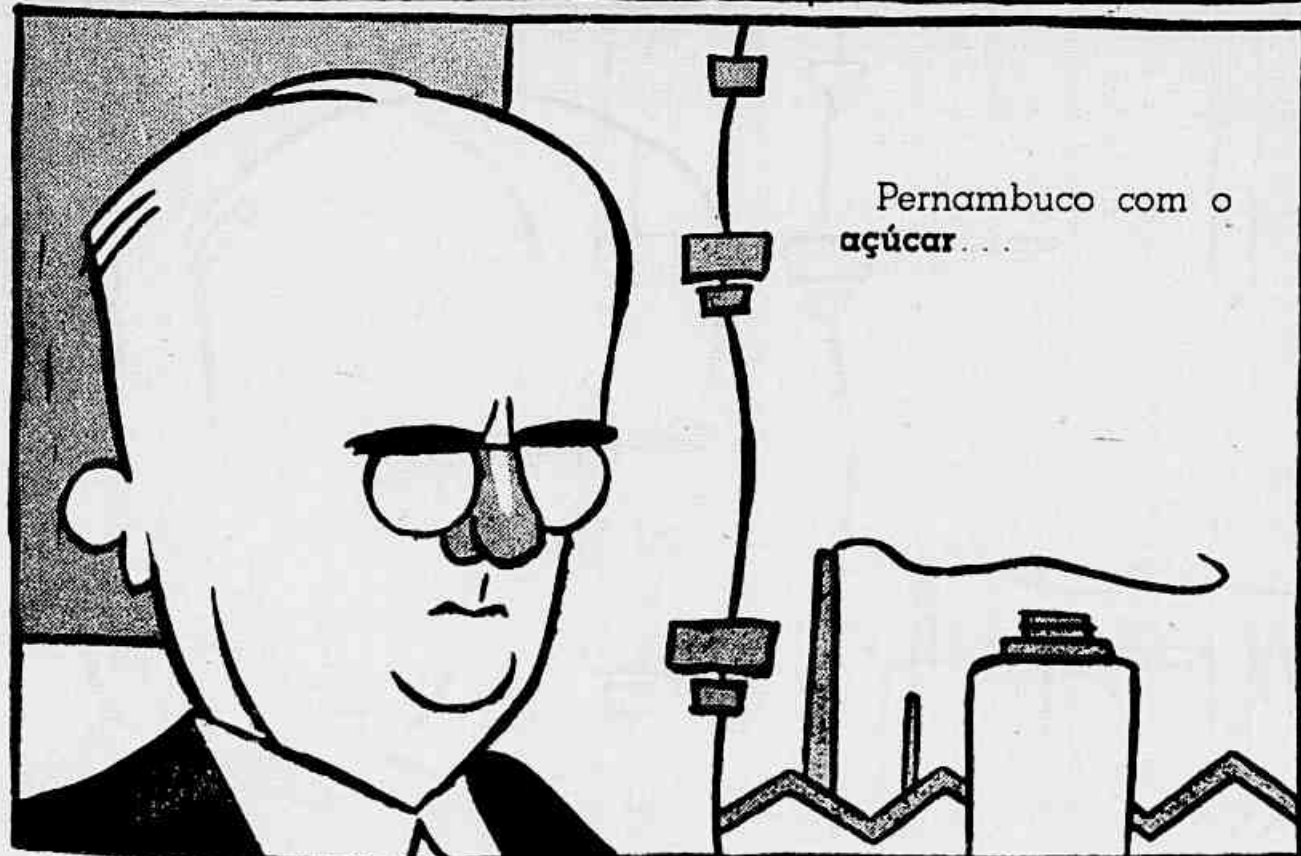


Este é um número de circo. Alexander suporta o peso de duas moças robustas, sustentando-as com uma barra na boca



Alexander suportando um bloco de pedra de 250 quilos sobre o peito e um cidadão a martelar por cima

O PRATO DIA





Apesar de ainda um tanto distante, a sucessão presidencial está movimentando todos os setores da política nacional.

Reunem-se no Rio, governadores de grandes e pequenos Estados, e, guardando uma discrição digna de louvores para que não haja comentários precipitados e maiores pruridos na superfície das águas mansas por onde desliza a nau do Estado, eles voltam aos seus pagos com a mesma tranquilidade com que aqui aportaram.

Comentam o jornais em seus tópicos e artigos políticos a marcha da política em torno da luta eleitoral que virá em 1950, mas ainda não se pode determinar quais os candidatos que irão medir forças nas urnas nacionais.

O único homem público que está quebrando a monotonia desse panorama e forçando interpretações antecipadas é o Sr. Ademar de Barros, governador do Estado de S. Paulo.

Acontece que seu partido, o P. S. P. até o momento está fora dos âmbitos do chamado acórdio interpartidário. E o Sr. Ademar de Barros certamente se acha livre de pés e mãos, e procede segundo os seus planos políticos em face da sucessão.

Homem possuidor de dinamismo, espírito arrojado e audaz em matéria de competição dessa natureza; presidindo aos destinos do mais poderoso e influente Estado do Brasil, o Sr. Ademar de Barros



Sr. Ademar de Barros

se lançou, incontestavelmente, na faina de aplinar os caminhos para disputar a cadeira do Catete nas próximas eleições.

Dispondo de aviões de sua propriedade e de muitos de Companhias que hoje estão sob o seu controle, ele programou e cumpriu um plano de visitas a vários Estados, nos quais foi recebido por seus colegas de executivo, aplaudido por massas populares, homenageado por líderes políticos, classes conservadoras, etc.

Sua viagem foi até à capital do Amazonas, onde se demorou mais do que estabelecia preliminarmente.

No Amazonas foi alvo de considerações e fez visitas a zonas recentemente assoladas pelas enchentes dos grandes rios da região do chamado "Inferno Verde".

O governador de S. Paulo, com esses vãos em momento de tanta inquietação, palpites e suspeições, proporcionou entre os meios políticos nacionais a impressão de que ele está, na verdade, desbravando as estradas para disputar o lugar de Presidente da República no futuro período, não obstante as suas declarações de que o assunto só deveria ser abordado em janeiro de 1950.

Seu nome ocupou todas as atenções nos sete dias que se foram, e, por esse motivo, se tornou, muito justamente, a personagem da semana.

PROJETO JORGE DE LIMA

O sr. Jorge de Lima, escritor, poeta e médico, seita como poucos as falhas deste país. Mergulhando nas estatísticas do Distrito Federal em relação à mortalidade infantil, tão elevado é ainda o seu índice que bem merece o nome de **mortandade**, o vereador udenista apresentou um projeto de lei que, se aprovado, vai dar ao processo de casamento no Rio de Janeiro uma feição absolutamente inédita no País. Assim, para casar, teriam as noivas que apresentar um atestado de que possuem curso de higiene pre-natal e de higiene infantil. Para o dr. Jorge de Lima, estando uma noiva munida com esses diplomas, os filhos que advierem do matrimônio estarão salvos. É digno de louvores o projeto; mas o caso é muito mais complexo do que parece à primeira vista, e o legislador alagoano bem sabe disso. Morrem as crianças brasileiras no período do aleitamento, não pela falta de diplomas de puericultura das mães, e sim porque trazem elas, no sangue, já muita coisa impura, um corpo físico perturbado, desde a vida placentária, pela sub-nutrição materna; a existência prejudicada pela falta de leite, más condições de higiene ambiente, pobreza, falta de conforto e tanta coisa mais a assassinar nossos pequeninos compatriotas. Quando se casam noivos ricos, ou um deles opulento, e que podem cercar os filhos de conforto, assistência, nutrição cientificamente dosada, é claro que as noivas poderão ser até analfabetas. Mas quando uma jovem portadora até de diploma de medicina, mas pobre, sem recursos, une-se a um jovem pobre, os filhos estarão na iminência de morrer depois de nascidos. O leite é impuro, a mamãe está tuberculosa, o pai enfezado... Diploma! Pois sim...

OS GOVERNADORES E A SUCESSÃO

Vieram ao Rio, por força da agitação do problema da sucessão presidencial da República, diversos governadores de Estado. E, nota-se logo, alguns tiveram o cuidado de declarar que aqui se achavam a chamado de seu partido, para trocar idéias a respeito do assunto. Como era natural, a chegada dos "big" despertou as atenções gerais. E toda gente pensou que desses entendimentos saísse logo o candidato, ou melhor, um dos candidatos. Entrevistas, conferências, almoços, entendimentos e... afinal, nada feito. A primeira vista, isso pode parecer coisa estranha, indecisão ou algo semelhante. Mas, aos olhos de quem observe os acontecimentos serenamente, o fato é auspicioso: esses homens reuniram-se para, afinal, declarar ao País que não são donos do assunto; que a matéria é de competência dos partidos; que, mesmo parecendo incrível, não é mais possível a fabricação de candidatos mediante simples conversações entre figuras detentoras do Poder Executivo. Estas, embora ligadas ao problema, porque são homens públicos filiados a agremiações políticas, são apenas responsáveis, o presidente da República inclusive, pela ordem democrática. Inteligência? Habilidade? Conveniência? Seja lá o que for, é mister reconhecer algo de novo na nossa vida política. Outrora era o caudilho político; depois veio o poder eleitoral dos governos dos grandes Estados. Agora, porém, forçoso é reconhecer que os presidentes de partido, os diretórios nacionais existem para alguma coisa. Servem pelo menos para elaborar candidatos que oportunamente serão submetidos ao julgamento do eleitorado através do voto secreto. Que o povo saiba desempenhar-se do seu mister. Saiba escolher. Porque depois... Depois? Só cinco anos depois.

AFINAL, A RIO-BAHIA

Não há quem, de boa fé, possa negar que vai tendo execução, tanto quanto possível, eficiente, o Plano Rodoviário Nacional, dentro do qual se vinha arastando e constituindo uma aspiração de todos, a estrada de rodagem Rio-Bahia, ou seja, a ligação rodoviária Norte-Sul. Anuncia-se para breves dias a abertura oficial do tráfego que, por sinal, já vem sendo feito em trechos prontos e nos chamados "caminhos de serviços". E, positivamente, um notável acontecimento, sobretudo considerando-se que a grande obra obedece a um traçado que se apóia na técnica e é indicado para uma auto-estrada destinada a intensa utilização. Dizem os entendidos e os leigos que, como rodovia sem pavimentação, o trabalho recomenda a engenharia nacional. Mas os cuidados do Departamento respectivo em tempo reconheceram que o movimento da Rio-Bahia não pode desaguar na Estrada União e Indústria que faz a ligação Rio-Minas e regiões anexas por Petrópolis. O trecho Areal-Rio de Janeiro, já tão congestionado, não suportará tão sensível sobrecarga, em zona montanhosa. Por isso, a verdadeira e definitiva Rio-Bahia descerá ou galgará a Serra do Mar por Teresópolis, facilitando o tráfego e encurtando trinta quilômetros no percurso geral. E assim, graças às medidas já em andamento, não durarão muito as dificuldades do trânsito no trecho da União e Indústria entre Areal e o Rio. A rota para o Norte terá, pois, sua saída própria e, de resto, cortará extensa região da terra fluminense, que já agora, malgrado as deficiências de transporte, contribui e muito para o abastecimento da Capital Federal. O problema não é somente inaugurar uma estrada e sim também melhorá-la sempre que possível.

ATÉ PARECE LEILÃO

Lemos num dos nossos jornais uma notícia curiosa e, talvez, inédita. O chefe da Inspetoria de Ensino sediada em Angra dos Reis afixou edital oferecendo a qualquer professora diplomada a escola rural de Bracuí, situada no segundo distrito daquela cidade. O caso é digno de meditação. Pela notícia ficamos sabendo que há uma escola rural vaga em Angra dos Reis e que, sabendo que há uma escola rural vaga em Angra dos Reis e que, para seu preenchimento, não dispõe a Inspetoria Escolar da cidade de nenhuma provável candidata que merecesse a nomeação. E no restante do Estado do Rio? Será que a Secretaria da Educação esteja desta forma tão desfalcada de mestres para o ensino rural? Angra dos Reis é uma velha cidade do nosso litoral, ligada ao Rio e a várias cidades do interior, até por trens elétricos. E o escoadouro de grande parte da produção de Minas Gerais, Cidade evocativa e turística, merece todo o nosso respeito e veneração quase religiosa; mas está em crise de professores, todos estes requisitos de cidade atraente e próxima da Capital Federal, com porto de mar e uma baía que é uma das mais belas do mundo só pensa em vir para o Rio ou S. Paulo, mesmo onde todo mundo só pensa em dormir nos bancos dos jardins e alimenter-se a médias com pão duro sem manteiga! E como seria fácil conquistar professores e alunos para os cursos rurais, se os nossos governos olhassem mais para o interior e para o campo do que para as conveniências políticas e as paradas brilhantes do asfalto das avenidas! O episódio de Angra dos Reis nos conflagra o coração.

LOUCURA INOCENTE

O sr. James Mangan, residente em Chicago, acaba de fazer ao mundo uma comunicação sensacional. Diz ele que é o proprietário de um mundo interplanetário a que deu o nome muito bonito e delicado de "Celéstia". Para dar todos os requisitos de legalidade à sua posse plena e incontestável, Mr. Mangan foi a cartório e registrou a propriedade "celestial". Tudo está inscrito no Condado de Cook, com data de 20 de dezembro p.p., e aceito o registro a 18 de janeiro último pelo procurador do Estado de Illinois. Portanto, está o dono dos espaços siderais que envolvem a Terra, com sua propriedade "Celéstia" perfeitamente enquadrada nos termos da Lei. Mas James Mangan é homem prevenido e já expediu cartas de advertência ao Governo dos Estados Unidos, ao da Rússia e de outros países deste mundo tão pequeno e invejoso, para que os mesmos não se metam a fazer viagens à Lua, pois que isso seria violar o território que lhe pertence. Preveniu ainda ao Exército, à Marinha e à Aviação dos Estados Unidos e de todos os países do mundo que não admitirá incursões através de seus domínios. Para prevenir qualquer sorriso indiscreto, ele esclareceu imediatamente que isso não era nenhuma "idéia de louco", e, para mostrar como estava a falar sério, já pediu filiação de seu novo país na Organização das Nações Unidas com o número 609... Diante desse fecho de argumentação, os estadistas se entreolharam e veio à baila aquela anedota do louco diante de um imperador em visita ao manicômio. Depois de reclamar que era vítima de perseguições, o doido disse: — "Veja Vossa Majestade: eu estou perfeitamente bom". Para provar, começou a cantar como galo. Parece que o fim do sr. James Mangan não será muito diferente...

UM GRITO EM TERESÓPOLIS

O vereador João de Camargo, da Câmara Municipal de Teresópolis, acaba de propor àquele Legislativo um projeto de lei destinado a acabar com o analfabetismo naquele município dentro de dois anos. Chegou mesmo a fixar a data de 13 de maio de 1951 como a da redenção dos analfabetos teresopolitanos. Em que consiste essa lei? Em linhas gerais, no seguinte: criação de um livro de analfabetos no município, no qual seriam inscritos todos os adultos que ainda não conhecessem o A-B-C. Esses inscritos ficariam obrigados a pagar uma taxa inicial de Cr\$ 10.00 e mais Cr\$ 5.00 semestralmente, até que pudessem comprovar que já não eram analfabetos. Toda essa renda reverteria em favor do ensino supletivo e da fiscalização dos analfabetos. Além desse tributo, os analfabetos ficariam proibidos de exercer atividades profissionais dentro do perímetro urbano. Outra novidade do projeto é a da classificação de "adultos", com esta definição: "São considerados adultos, para o efeito desta lei, todos os indivíduos maiores de 15 anos". A lei também isenta do pagamento daquelas taxas "os inválidos, os incapazes de qualquer espécie, os senegários e todos os que provarem a impossibilidade de se alfabetizar". A Prefeitura organizaria escolas, inclusive ambulantes, para a alfabetização de todos os municípios. Aos alfabetizados seria fornecida uma carteira própria após prova prestada perante banca oficial nomeada pelo Prefeito, constante de conhecimentos de leitura, escrita e aritmética, conhecimentos úteis sobre geografia, história pátria e educação cívica, um brevírio dos deveres do bom cidadão brasileiro. Os exemplos de S. Paulo estão sendo imitados. Parabéns, Teresópolis!

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 28 — 9-7-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140.00	Seis meses	Cr\$ 70.00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170.00	Seis meses	Cr\$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270.00	Seis meses	Cr\$ 140.00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3.50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149. Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Arular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS



Manifesta-se grave crise econômica na Inglaterra. O Departamento de Estado dos Estados Unidos e a Embaixada da China naquele país continuam em silêncio sobre o prometido bloqueio nacionalista nos portos ocupados pelos comunistas chineses. Intensificam-se as divergências entre o clero católico e o governo da Tchecoslováquia. Dirigentes operários de 33 países da Europa, América, Ásia e África combinam a fundação de uma Federação Operária Anti-Comunista. Está ameaçado de fracasso o Plano Marshall para a Europa, diante das dificuldades entre os dezenove países por ele beneficiados. Venceram os católicos as eleições para representantes legislativos na Bélgica. Declaram-se em greve seis mil portuários de Londres, solidários com os marinheiros canadenses. Os membros da Câmara dos Lordes foram autorizados a retirar as cabeleiras postíças em virtude da onda de calor que assola a capital inglesa. Foi assinado o convênio comercial anglo-argentino. Registraram-se violências entre partidários políticos nas eleições canadenses para renovação parlamentar. Declarou-se nos Estados Unidos uma depressão econômico-financeira a que deram o nome de "depressão parcelada". A Confederação Geral do Trabalho da Argentina qualificou Jacinto Oddone como traidor da Pátria pelo fato de ter aceitado o cargo de representante argentino para a nova organização trabalhista anti-comunista em Genebra. Promove o governo argentino todos os meios para a instalação de fábricas de papel em bobinas naquele país. Continua a reinar calor intenso na costa oriental dos Estados Unidos. Dizem que foi descoberto na Inglaterra um "Elixir da Juventude", produto da flora daquele país. Viaja para o norte do Brasil o governador paulista Ademar de Barros. Vinte e três mil mineiros de carvão entraram em greve na Austrália. Reage a Grã-Bretanha contra a crise que a envolve. Volta-se a China Nacionalista contra os Estados Unidos e a Inglaterra. Travam-se lutas corporais dentro da igreja de Notre Dame de Paris, por motivos políticos, nas comemorações religiosas do sexto aniversário da morte de Herriot. O Vaticano ataca violentamente o governo da Romênia em virtude de prisões de sacerdotes. Renunciou o Gabinete Uruguio. Anula o governo da Tchecoslováquia as excomunhões decretadas pelo Vaticano aos católicos e prelados que se aliaram àquele governo. Dá o Brasil garantias financeiras aos antigos proprietários da companhia de bondes do Ceará, ultimamente expropriada. Chega a Moscou o novo embaixador norte-americano, almirante Allen Kirk. Desce a produção industrial americana. O veterano político e estadista Bernard Baruch critica severamente o governo americano, como incapaz de defender o país em caso de nova guerra. Nega o Tribunal Superior Eleitoral, por 4 votos contra 2, o registro do Partido Popular Progressista, que vai recorrer para o Supremo Tribunal Federal. São presos cinco suspeitos de conspiração comunista em Mar del Plata, Argentina. Van Zeeland aceitou o convite para chefiar o Governo da Bélgica. Mais de cem navios de guerra da Grã-Bretanha, França, Holanda e Bélgica fazem manobras de guerra na costa ocidental inglesa. Sarah Churchill, filha de Winston Churchill, estréia no teatro nos Estados Unidos. E' aumentado o preço do açúcar no varejo do Distrito Federal. Continua a ameaça de despejo da favela do Jacarezinho. Procuram os Estados Unidos, Inglaterra e outros países europeus do Plano Marshall uma fórmula para acautelar interesses britânicos na atual crise econômica inglesa. Lutará o Partido Católico Belga pela volta do rei Leopoldo. Tremenda onda de calor ataca os Estados Unidos. Sofre o governo francês grande derrota política sobre a desnacionalização da indústria de manufatura de aviões. Os Estados Unidos e a Inglaterra se declararam contra o bloqueio dos portos chineses em poder dos comunistas. E' estabelecido na Tchecoslováquia o regime de censura prévia para os sermões do clero naquele país. Xangai é bombardeada pela aviação nacionalista causando as bombas cerca de 600 vítimas nos bairros pobres da cidade. Ruiu em S. João de Porto Rico uma plataforma em que cantava Tito Guizar, morrendo de rapazes e saindo feridas outras pessoas. Fracassam tentativas do Brasil para obter créditos junto ao Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos. Termina em Berlim a greve de quarenta dias dos ferroviários alemães contra a administração russa. E' denegado "habeas-corpus" ao padre Francisco Alves Correia, da Igreja Brasileira, em Minas Gerais. Comemora-se o 28º aniversário da descoberta da vacina BCG contra a tuberculose. Firma o governo americano contrato para compra de carne da Argentina para o exército daquele país. Entrega a Inglaterra uma nota à URSS sobre violações dos tratados de paz com a Bulgária, Romênia e Hungria. Vishinski põe em destaque os triunfos russos na recente Conferência dos Chanceleres em Paris. São iniciados processos judiciais contra poderosas empresas norte-americanas que violaram as leis contra os monopólios. Frio intenso na Argentina, chegando a 16 graus abaixo de zero. Trabalhadores alemães se levantam contra conferências do antigo líder nazista Schacht sobre finanças, sendo as mesmas proibidas pelas autoridades inglesas. Sobe a cerca de dois bilhões de dólares o "deficit" do ano fiscal norte-americano, temendo alguns financistas que a nação vá à bancarrota. Foi condenada Judith Caplon acusada de fazer espionagem a favor da Rússia, dependendo ainda de julgamento em Nova York. O secretário de Estado norte-americano, Dean Acheson, apresenta ao Congresso o projeto de lei a fim de iniciar o programa de Truman de auxílio às regiões atrasadas do mundo, a começar pelo Equador. Rejeita o governo tchecoslováquio o protesto do Vaticano sobre perseguições de religiosos naquele país. O estudante autor do atentado contra Togliatti declarou que agira a serviço de uma potência estrangeira. Sun Yat Sen, viúva do fundador da República Chinesa e irmã da esposa de Chiang-Kai-Chek aderiu ao Partido Comunista chinês. Continua crítica a situação do porto de Londres em face da greve dos trabalhadores. E' lançada em Alagoas, por um deputado, a candidatura do general Góis Monteiro à Presidência da República. Milhares de cidadãos ingleses enchem as igrejas implorando chuvas. Mac Arthur, em mensagem de 4 de julho aos japoneses, ataca o comunismo. Provoca vivos comentários nas esferas políticas do País o discurso do general Dutra no almôço dos militares oferecido pelo prefeito do Rio. O primeiro ministro da Austrália declara que prefere abandonar o cargo e a vida pública a sujeitar-se às imposições dos mineiros de carvão. O clero da Tchecoslováquia pede aos seus fiéis que se mantenham com a devida coragem em face da luta entre a Igreja e o Estado. Regressa de sua excursão até Manaus o governador de S. Paulo. E' descoberto pela General Electric um aparelho, a que deram o nome de hipsômetro, para medir com absoluta precisão as grandes altitudes. Estudam as nações a adoção do novo calendário perpétuo através da organização reunida em Genebra.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

CANTO CHORADO

Versos calpiras de
JACY G. RICARDO

São Paulo
1949

Nada, no correr destas páginas criadas para as cenas pitorescas, os colóquios de amor e os des-cantes à viola, dá a impressão de soar falso ou destoar. Como que os versos se compõem, se ajustam, tomam acentos e inflexões, rigorosamente por si mesmos. Já se não pode dizer se não que, em "Canto chorado", as "Frô de pena" continuam... ainda para melhor.

Vejamos a deliciosa página, entre filosófica e anedótica, de "Bunecos di mola":

Si o mundo girando tá,
si tem formato di bola,
dentro dele, o qui nós sêmo?
— Simpres bunecos di mola!

A vida, im nós dando corda,
larga no mundo a rodá!
Gira êle, e nós giramo,
inté a corda si acabá!

Muitas vêz, pisando im farso,
chega, uns buneco, a cai!
Mais, a vida êles chaquai,
põe de pé e faiz sigui!

Só quando a corda quebrá,
e cunsérto não tivé...
E' qui então nós cai di costa,
cruza as mão, e ajunta os pé!

— Ó! meus buneco di mola,
qui a vida fora jogô!
Pobres brinquedos quebrado,
qui, para sempre, ela ingeitô!

Ocêis eu já não lastimo,
quando nisso tô a pensá!
Lastimo nós, os buneco,
qui a vida, corda inda dá!

— Gira os pontêro nas hora!
Gira os miôlo nas "caxola!"
Gira o mundo e nós giramo!
— Tristes bunecos di mola!

HISTÓRIA DAS FRONTEIRAS DO BRASIL

Por HÉLIO VIANA

Edição da Biblioteca Militar
Rio de Janeiro
1949

zer — já ensinando. Não é, com efeito, coisa para a qual, como para tantas outras, baste aprender. Por mais anos que se dêem ao ofício, nem tudo êle revela ou sequer indica. Há gêneros, modalidades de aptidão que hão de nascer com a pessoa ou nunca rigorosamente vingarão. Assim a faculdade de se transmitir a tendência, o gosto, a inspiração que liga o mestre ao discípulo e que tantas vezes, apesar de toda inteligência e todo esforço, não se chega inteiramente a manifestar... Alguma lei ou princípio se mantém sempre oculta ou apenas acessível aos eleitos, os predestinados. E' a intuição afetiva, paternal de ensinar. Muito antes de se tornar professor catedrático, conferencista titular e consagrado, antes mesmo de homem feito, já o sr. Hélio Viana era mestre de verdade.

A relação dos seus livros já vai longa. Começou bem cedo a formar-se a estante cujas prateleiras se compõem particularmente de História do Brasil. Logo o primeiro volume publicado, a "Formação Brasileira" (1935) marcou uma orientação clara e firme, uma autoridade que havia de ser reconhecida como integral. Era já o professor na sua cadeira, desenvolvendo e elucidando a matéria de aula do amanhã. Essa primeira lição compreendia para além de trezentas páginas. E, desde então, tem vindo essa tarefa de ensinamento, a bem dizer sem

interrupção, de livro em livro até a "História das fronteiras do Brasil". O plano foi dividido em três partes. "A primeira — anuncia o sr. Hélio Viana — em onze conferências, compreenderá o Brasil Colonial. A segunda, de sete palestras, abrangerá o Brasil Imperial. A terceira, enfim, em nove aulas, o período Republicano, mais uma conclusão".

Está claro que esta alta e ampla tarefa teve a precedência, como a ampliá-la, colaboradores dos mais ilustres. A relação desses nomes vale por uma larga biblioteca. Nela nos vêm surgindo, como elementos valiosos de técnica, de erudição, de competência em todos os sentidos, os historiadores quer brasileiros ou portugueses quer estrangeiros — tanto quanto podem ser estrangeiros algures aqueles que se irmanam e confundem no saber universal. O autor os compulso e deveras os igualou entre si, porque já lhe eram familiares. Assim se nos depa-ram os nomes notáveis de Capistrano de Abreu, Fonseca Hermes, Murilo Miranda Basto, Clóvis Bevilacqua, Barão do Rio Branco, José Carlos de Macedo Soares, Damião Peres, Rodolfo Garcia, Jaime Cortezão, Visconde do Porto Seguro, Frei Vicente do Salvador — tantos outros que, no correr das citações do texto, não seria fácil enumerar sem mais ou menos graves omissões.

O livro, de vasto formato, vai a perto de trezentas e cinquenta páginas. Sempre a linguagem se reveste de dignidade, quer doutrinária quer literária. E, na harmonia da obra, continuamente se afirma a sua superioridade.

LUZ E SOMBRA

Versos de MERCEDES
HELENA SILVEIRA

Editor V. P. Brumlik
Rio de Janeiro
1949

mem o sobrenome: Maria Eugénia, Ana Amélia, Laura Margarida, Elora, Selenah, Maria Elvira, e essa Maria Isabel, do "Missal" e da "Rosa leve", que parece ter desaparecido das letras poéticas para nelas realmente deixar saudades. Nestes casos, como em tantos outros, o nome se restringiu, e, por isso mesmo, ficou maior. As três letras de "Ruy" não só dispensam como dão a impressão de condenar qualquer acréscimo nominal. E não há deveras razão para que a poetisa de "Luz e sombra", daqui a mais algum tempo e alguns livros, se não venha a chamar unicamente Helena.

Os seus versos respiram vida formosa e opulenta. Vieram bem do Norte, cheios de seiva moça e de impetuosidade. Cativam pelo calor e a alegria. Tomemos, sem escolher, este soneto que não tem título — e também não precisa:

Se da vida sorveste, avidamente,
Na grande taça cristalina e esguia,
Todo o nétar de luz aurifugente,
Tôda a beleza azul da Fantasia...

Se o teu olhar tão belo, extremamente,
Percorreu todo o livro da alegria;
Se tua mão colheu, serenamente,
Tôdas as flores, na amplidão sombria,

Eu quero ser a gota-singeleza,
A que ficou na taça, como um hino,
Como um nenúfar de ideal realiza.

Eu quero ser, querido, a flor colhida
No lindo arbusto nu do teu destino,
A página final da tua vida!

MEMÓRIAS DE UMA DONA DE PENSÃO

Romance de
ALVARUS DE OLIVEIRA

Edições do Povo
Rio de Janeiro
1949

Entreteve-se a compor as presentes páginas, esperando que, mais tarde, as recordaria, serena e singelamente, como se conversasse consigo mesma. Eis

A sra. Helena Silveira alongou o seu nome, por qualquer capricho ou fantasia, não, em todo caso, porque precisasse disso. O batismo que trouxe para as letras de sobejo lhe bastaria para uma brilhante notoriedade. Não são poucas, além disso, as poetisas que correntemente supri-

o que lhes dá o caráter de intimidade sincera, tornando-as sobretudo simpáticas.

D. Nita teve infância dolorosa e mocidade sem alegria. Parecia-lhe depois que, até certa altura, tudo, na sua vida, fôra injustiça e sofrimento. Abandonada por sua mãe que tinha fugido de casa; mal amparada por seu pai, homem de bom coração mas ruim cabeça — fôra trazida de uma cidadezinha do interior, para se colocar em certa casa da baixa burguesia, fazendo serviços leves e tratada como pessoa da família. Bem cedo compreendeu que a exploravam sem compaixão; mas, também, pouco lhe durou a ingenuidade. Melhorou de sorte em outra casa; encontrou um bom marido; teve um lindo filho; e subiu à categoria de dona de pensão.

De repente, um desastre horrendo, em caminho de ferro, a fez ficar viúva e novamente sozinha na vida. E, com o tempo, tornou-se, na pensão, uma "verdadeira matrona". Os hóspedes vieram a constituir-lhe uma espécie de família. Não que a todos quisesse com igual afeto. Dona Nita fazia as suas distinções. Reservava-se a liberdade — íntima, pelo menos — de julgar os seus pensionistas, fazendo-lhes justiça, dando a cada um o que merecia em mais ou menos consideração. Comentava-lhes as maneiras, os atos, tanto quanto possível à sua maneira, mas sempre ligeiramente. Estava, porém, escrito que a existência de D. Nita acabaria como começara, isto é: mal. Surpreendida por um incêndio, sem socorro possível, nele perdeu todos os haveres e a própria vida. Do sinistro repentino, apenas se salvaram as "Memórias"...

E eis o que, em linguagem singela, desataviada por vezes, mas desenvolvida e atraente, o sr. Alvarus de Oliveira nos oferece no presente volume.

WIM L. VAN DIJK

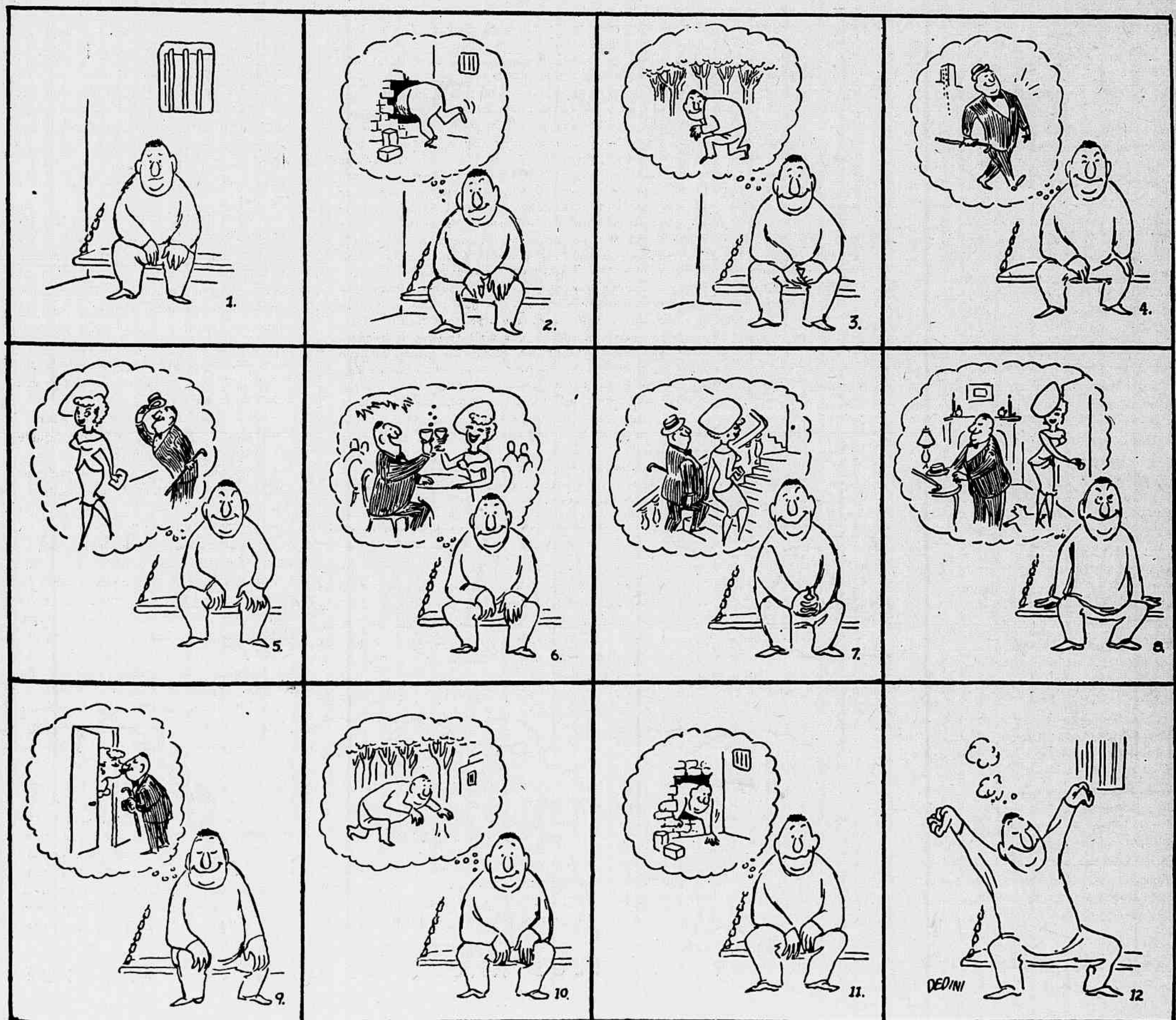
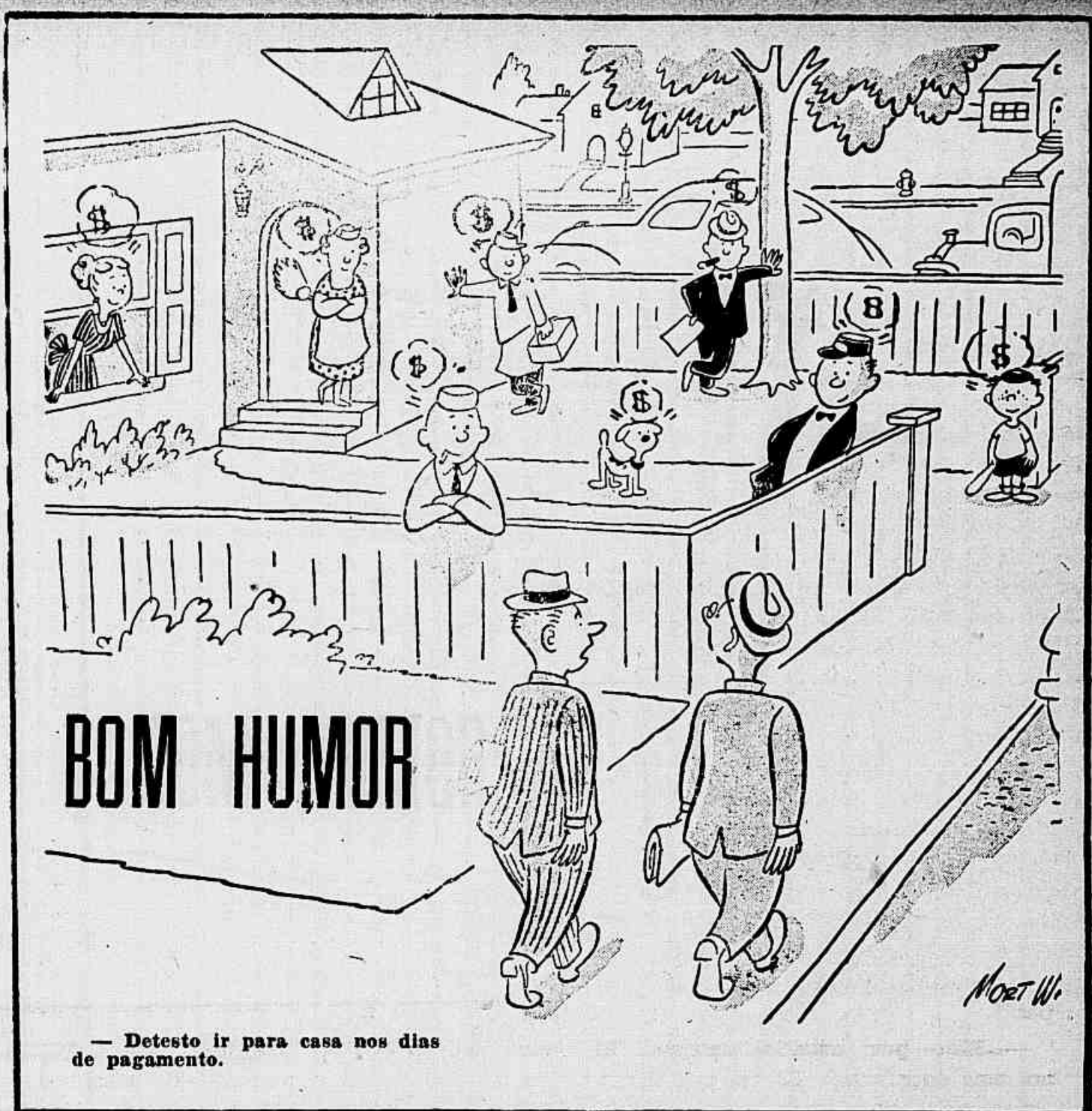
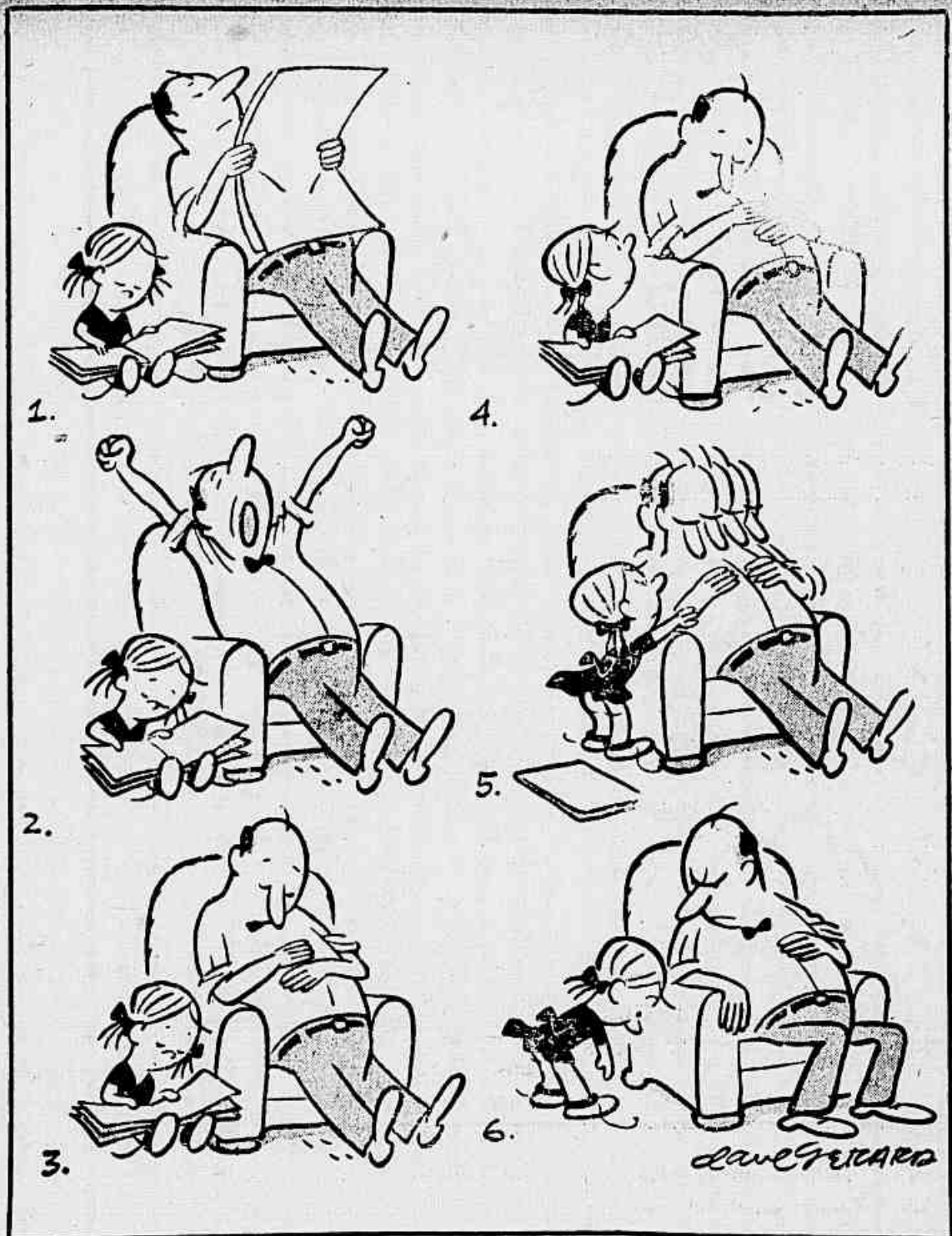
Biografia por
C. J. TORRES PASTORINO

Rio de Janeiro
1949

História, interpreta um orador latino, explica os mestres compositores de uma escola, uma época; ou com toda a simplicidade, porque, ao mesmo tempo, lhe é necessário e lhe apraz, faz plantão a uma redação. Onde quer que esteja, está sempre bem e no seu lugar.

Dessa amplitude de cultura, dessa variedade de aptidões naturalmente resultou a aproximação, não apenas intelectual ou estética, mas também afetiva entre as duas individualidades que, nas presentes páginas, se uniram, para se tornarem dignas uma da outra. Como o sr. Torres Pastorino, o sr. Wim L. Van Dijk maneja um arco de muitas cordas — tanto quanto esta expressão francesa pode corresponder a uma positiva, prática verdade. Também se dedicou à pintura — sua ou dos outros é o mesmo o fundo do sentimento; estudou, desde a primeira mocidade e com afinco, diversos idiomas, pelo que veio a falar, desenvoltamente, nada menos de seis, além de adquirir bastantes conhecimentos de grego, latim e sânscrito; é músico: violinista e cantor, de notáveis qualidades e, finalmente, ou, em certo sentido, primeiramente, poeta. Mas o presente estudo se abstém de aprofundar a obra do sr. Van Dijk fora da pintura propriamente dita. Já nesse campo ela se dilata, se expande em várias manifestações e com êxito superior. Devotou-se êle, com particular empenho, à pintura mural, o que lhe valeu importantes realizações em templos da Holanda e do estrangeiro. Mas igualmente a paisagem o cativou, com acentuado caráter panorâmico ou regional; e o quadro de interior como o retrato lhe merecem apurada atenção. Assim o seu biógrafo a examina e explica, enumerando notáveis exposições pelo artista efetuadas na Europa como na América e no Brasil, especialmente, em vários Estados. Vindo de excelente escola holandesa, com profundo amor à tradição e ao classicismo, lhe merecem apurada atenção.

O livro do sr. Torres Pastorino constitui, ao mesmo tempo que um ensaio crítico, uma bela homenagem. A última parte é consagrada à sra. May Van Dijk, artista de feição moderna, também altamente apreciada. E adornam o volume, que, além do mais, vale como primorosa realização de arte gráfica, vários quadros dos dois pintores.



Eddy QUEIMADOS

A avó de Jennifer prosseguiu na narrativa dos antecedentes da jovem que ia de surpresa em surpresa.

— Eu tinha meus planos em favor de tua mãe. Estávamos em arrumações para uma viagem à Europa, quando chegou o marido. Vinha amarelado, cansado, triste. Ela estava lindíssima. Mas os dois se amavam muito e minha filha não quis separar-se do esposo. Durante todo o tempo em que esteve aqui, antes de casar-se, jamais se afastou de mim. Logo que ela me disse que desejava viver com o marido, eu concordei e pedi que fosse arrumar suas coisas. Desde aquele instante, nunca mais a vi...

Em seguida perguntou à moça:

— Passou então a viver com seu pai?

— Não por muito tempo. Morreu no ano seguinte. Disse-me Betty que ele estava para fazer uma viagem à América do Sul; trouxe-nos a S. Francisco, onde contraiu pneumonia e morreu.

— E quem é essa Betty, de quem você fala tanto?

— E' uma senhora que, àquele tempo, era muito jovem e que foi chamada para ajudar em casa quando mamãe estava doente. Como passara a tomar conta de mim, logo que fiquei órfão de mãe, papai casou-se com ela.

— Como pôde ela depois tomar conta de você, após a morte de teu pai?

— Meu pai deixou um seguro de vida. Ela foi uma verdadeira mãe para mim. Trabalhava arduamente e logo que houve uma oportunidade casou-se novamente.

— E esse outro, como te tratava?

— Eles viveram pouco tempo juntos logo após o aparecimento de duas filhas. Betty assumiu toda a despesa da casa. Quando terminei o curso secundário, tomei conta de outros trabalhos caseiros e me empreguei no comércio. Morávamos num pequeno apartamento em Eddy Street, onde vivemos por longo tempo. Eu levava as crianças a passeio e trabalhava.

— Quer dizer então que tiveste de trabalhar antes de terminar o curso, não? Isso não parece indicar que Betty foi mesmo uma boa mãe para ti.

Jennifer estava nervosa e parecia tremer na voz. Defendeu Betty:

— Ela fez o que pôde por mim. Se eu adoecia, ela saía à rua e trazia remédios. Remendava meus vestidos e me levava ao cinema quando as filhas estavam dormindo. Minha própria avó não seria capaz de fazer mais por mim. E' possível que a mãe de minha mãe houvesse feito de minha vida uma coisa diferente; porém Betty fez por mim o que nem a senhora faria. Procurei trabalho em escritórios quando me sentia triste e só...

Jennifer, ao recordar sua vida, começou a chorar. E concluiu com estas palavras molhadas de lágrimas:

— E' possível que a senhora houvesse conseguido para mim uma vida melhor, como a de tantas moças de sociedade, livrando-me de muitos sofrimentos, de muitas aflições e contrariedades; mas Betty não merece censuras.

— Possivelmente todas as experiências que sentiste fizeram de ti essa espécie de mulher que és... — disse Mrs. Giddings. — E tu, Jennifer, podes agora acabar com todos os teus dissabores, graças aos recursos de que vais dispor. Cometi injustiça para com minha filha e mesmo para com você, porque jamais tive notícias de nenhuma. Esperava por um momento desses. Fui uma criatura ríspida e

Após outras indagações, desejou saber a avó como pudera Jennifer chegar até ali.

A moça ficou perturbada. Como ia narrar-lhe tantos episódios entrelaçados até ao noivado com Jim? Como explicaria sua amizade com Monty, com a família Evans, Mrs. Flood e sua distinta filha? Tratar de tanta coisa e da casa "Vogelsang" até chegar ao noivado com Jim Lippincott? Procurou, em ligeiras palavras, resumir o motivo por que desfizera o seu casamento naquele domingo. No final Jennifer chorava novamente.

As duas conversaram por longos minutos, e cada vez mais Mrs. Giddings admirava o caráter e as boas

morara tanto tempo e tocou a campainha. Subiu rapidamente as escadas. Lá em cima, uma porta se abriu e Elna gritou para dentro:

— Oh! E' Jennifer, mamãe! Faddy! Olhe Jennifer!...

A moça abraçou a criança com o maior dos afetos.

— Vê como está crescida, Jen? — disse Betty.

Jennifer sentou-se com amável sorriso. Betty, que estava na cozinha, deixou os seus afazeres e veio conversar com sua antiga "filha mais velha". A visitante, que se julgava em sua própria casa, trouxera presentes para todos.

— Oh! Jen, você é sempre muito boa para nós. E como está bonita, com esse ar das serras! Até parece uma índia! Só assim terei oportunidade de fazer umas caçadas com Clint!

Jennifer desembulha outro pacote e de lá retira uns presentes que Mrs. Giddings mandava para Betty, que pilheria:

— Que milagre foi esse, gente!

— Não diga isso, Betty! A velha gosta muito de vocês todos e não se cansa de elogiá-la pelo muito que fez por mim. E está disposta a manter suas meninas numa escola de primeira ordem às suas custas. E eu estou solidária com a vovó.

— Você deve sentir-se muito feliz, Jen.

— Para mim, Betty, tudo o que me acaba de acontecer nada mais é do que um sonho lindo, incrível, incompreensível. Penso às vezes que estou assistindo acordada a um sonho doce, amável, um presente dos deuses. Vamos frequentar a temporada de óperas e de concertos sinfônicos.

— Isto fará lembrar-se de seu ex-amigo, aquele maluco, o... como era o nome dele?

— Stan Lichenstein? Pobre Stan.

— Mas... já soube você que aquele seu outro namorado morreu?

— Morreu?!... Quem?! — perguntou ela com os olhos de alarmada.

— Borrows.

— Sidney Borrows?...

— Pelo menos é o que dizem os jornais. Ele fazia uns vôos lá pelo Texas.

Jennifer ficou trespassada com a notícia. Por longos minutos não teve ânimo de pronunciar uma palavra. Betty passou a descascar, calmamente, umas ervilhas. Jennifer mergulhava as mãos nas vagens como se não estivesse neste mundo.

Já refeita do seu estupor, Jennifer passou os olhos pela cozinha de Betty, onde ela mesma tanto lavara pratos e panelas e temperara comidas. Que diferença em relação à bem arejada e luxuosa cozinha de sua avó! E lhe veio à lembrança o diálogo que ouviu entre a velha Giddings e o coronel, a seu respeito. Ambos estavam encantados com ela, achando-a linda e muito simpática. E era Jennifer naquela mansão sobre a colina dominando largo trecho da baía de S. Francisco,

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrastra, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer, chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vítima de um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregar-se no grande magazin "Vogelsang", ganhando muito mais e onde, contra a sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa. Verificando Monty, o pintor, que Jennifer estava sendo, aos poucos, seduzida pelo violinista, mostrou-se indignado, o que muito emocionou a jovem. Com a nova afeição que surgiu entre Jennifer e a pequena família Flood, mudando-se bastante seus hábitos, especialmente no que dizia respeito à frequência na igreja, a vida da jovem começou a reflorir com outras esperanças, máxime depois que observou que seu coração não era indiferente a Jim. A afeição de Jim começou a aumentar e ele a pediu em casamento. Mas logo depois, com a eclosão da guerra, foi servir num hospital na leste, em Baltimore, ficando Jennifer morta de saudades. Jennifer tentara revelar todo o seu antigo namoro com Sid Borrows, mas Jim não quis permitir. Ela ia casar-se no domingo seguinte e nada mais importava a ele. Preocupada pelo fato de não haver esclarecido a Jim seu antigo namoro com Sid, Jennifer sai clandestinamente para uma pequena cidade dos arredores da baía de S. Francisco, de onde manda passar um telegrama à família Flood, em cuja casa vivia, a fim de tranquilizá-la.

severa por mais de vinte anos. Agora desejo fazer por ti alguma coisa que não pude fazer por tua mãe. Desejo ser-te útil, querida. Haveremos de ser amigas, e espero que esqueças qualquer injustiça ou crueldade que cometi com tua mãe, minha indisposição para com teu pai. Quero agora reparar isto. Quero que te consideres e digas a todo mundo que és minha neta, que me chames de vovó. E' isso uma felicidade que me chega neste meu fim de caminho...

Também chorava. Depois de mais calma, prosseguiu:

— Jennifer, o que passou, passou. Você, minha neta, conseguiu tornar-se uma linda e atraente mulherzinha, cujas maneiras fariam inveja a uma duquesa.

maneiras de Jennifer. Parecia mesmo que estava orgulhosa daquele rebento de seu próprio sangue. Nesse instante surgiu à porta de entrada do salão uma senhora muito atraente, de meia idade, com avental, e se dirigiu à patroa:

— Desculpe-me, Mrs. Giddings; mas a senhora e o coronel vão jantar a sós?

— Não! Não! — respondeu ela com prazer. — Minha neta jantará em nossa companhia. Miss Richie vai ficar conosco, Hilda.

CAPITULO XXIX

Jennifer naquela tarde de verão ia palmilhando por Eddy Street, a rua de que conhecia polegada a polegada. Chegou diante do edifício em que

como uma princesinha em seu próprio domínio.

Como não podia deixar de ser, Jennifer subiu ao terraço para fazer uma visita.

— Monty!

Ninguém respondeu. Lá dentro do "atelier" um homem trabalhava pintando um quadro; mas nem sequer se moveu. Jennifer tornou:

— Monty!... Estás surdo, Monty?... — disse ela a rir e quase a chorar de tão emocionada.

Ele se voltou e, com a maior das surpresas, falou:

— Santo Deus! E' Jennifer!...

— Sim, sou eu...

Ela avançou para ele e apertou-lhe as mãos já libertas da paleta e do pincel, depositados num móvel ao lado. Estiveram por instantes sem pronunciar uma só palavra, os olhos a sorrir um para o outro. Sentaram-se em poltronas um diante do outro e conversaram. Ela lhe contou sua nova vida. Visitando Betty, não poderia jamais perder a oportunidade de subir ao terraço a fim de visitar o "studio", aquele local de tantas recordações agradáveis e ver o seu velho amigo. Esperava que não o incomodasse.

— Oh! De modo nenhum, Jenny... Dá-me muito prazer sua presença.

— Também muito gostei de vê-lo, Monty.

— E teve sorte, pois não tenho vindo aqui. Desde que Sam French morreu pouco depois de Pearl Harbor, trabalho fora, em Monterey Presidio.

— Fazendo o quê?

— No comércio. Serviços de armazen. Já fazia semanas que não vinha aqui.

— Trabalha também para serviços de guerras?

Ele se recusou a entrar em maiores esclarecimentos e desconversou:

— E você, muito feliz? Fui à "Vogelsang" saber de você, e lá uma de suas colegas me informou que você deixara o emprego para casar-se, mas não estava certa de que isso sucedera, pois não mais a vira.

Jennifer narrou, rapidamente, o ocorrido e sua fuga para Davenbury.

— E o casamento, Jennifer?

— Abandonei a idéia.

— Ele foi para a guerra?

— No Serviço Médico. E' o capitão James Lippincott.

— E que vai fazer agora?

— Viver sempre com a minha avó.

— Nunca soube que você tivesse essa avó.

— Nem eu, tão pouco... Ela rompera com a mamãe quando eu era ainda muito criancinha.

Jennifer narrou em traços gerais todo o episódio do casamento de sua mãe, a orfandade, como Betty se tornou sua madrasta, a morte do pai.

— E como veio você a descobrir Mrs. Giddings?

— Foi ela quem me descobriu!

— E' feliz, Jenny?

— A mais feliz das mulheres deste mundo.

Monty lhe deu um beijo na fronte, respeitosamente. Ela prosseguiu:

— A mais feliz e também a mais infeliz. Como pode imaginar, Monty, eu amo a Jim loucamente.



Despediram-se. Ela ia descer para o apartamento de Betty. Mas, num impulso, colocou as mãos sobre os ombros de Monty e lhe deu um beijo na boca.

— Estarei aqui mais tarde, amanhã, à noite... Adeus!

CAPITULO XXX E ÚLTIMO

Mollie e Dan Moore possuíam uma casa de campo, rústica, em St. Francis Wood, onde os seus quatro filhos brincavam livremente. O nome de Jennifer era muito popular entre eles. Ela adorava crianças e especialmente os filhos de sua velha e dedicada amiga Mollie. Jennifer era adorada pelos meninos. Contava-lhes histórias da "Gata Borralheira" e outras narra-

ções infantis, sempre merecendo a maior atenção.

Naquele dia Mollie desejou dar uma notícia triste a Jennifer, mas não achava jeito. Ela suspeitou de que havia qualquer coisa misteriosa e provocou:

— Mollie... que se passa?

— E' que Dan me incumbiu de transmitir-lhe uma notícia muito triste...

— Fala!

— E' sobre Jim Lippincott... Ele está na cidade; chegou esta manhã...

— Casado? E' isso que você teme dizer-me?...

— Não, nada de casamento. Ele está ferido...

— Oh! Molly! E você não queria dizer-me...

— Procurava um jeito.

— Onde está Jim, Mollie?...

— No "Letterman Hospital", no Presidio. Mas está proibido de receber visitas, Jen. Nem Dan conseguiu vê-lo. O ferimento é no braço e os médicos esperam salvá-lo, por isso o trouxeram do Hospital de Honolulu para cá.

— Esperam salvá-lo?

— Sim.

Jennifer não quis ouvir mais nada. Correu desabaladamente e tomou um carro. Estava disposta a realizar seu casamento naquele mesmo dia. E ordenou:

— A Pretoria, primeiro.

Uma hora e meia depois, ela chegava ao Hospital e subia ao primeiro andar onde estava Jim, conseguindo entrar no quarto.

— Jim... — disse ela.

Ele abriu os olhos e balbuciou o nome dela.

— Sim, sou eu, Jim... E vim para nos casarmos... Já estive na Pretoria

(Continua na pág. 51)

Terminado o romance de Kathleen Norris, daremos início, do próximo número desta revista em diante, ao romance VIVER COM AMOR, da autoria da escritora norte-americana Margaret Gorman Nichols, uma das mais apreciadas romancistas da língua inglesa.

VIDA LITERÁRIA

E. CATTETE REIS



MAUPASSANT

MAUPASSANT, NA INTIMIDADE

Costuma-se dizer que ninguém é grande aos olhos de seu camareiro; no entanto, François Tassart, que, durante muitos anos serviu a Guy de Maupassant, tinha por seu amo verdadeira admiração.

De boa vontade, evocava palavras que dele ouvira e que não figuram na obra do escritor:

"Satisfazer um desejo é dar lugar a novas e mais imperiosas exigências".

"A mulher teme pelo seu passado e o homem pelo seu futuro".

"A medida de nossos sentimentos não nos dá confiança nos dos outros".

RONCARD E OS HUNGAROS

Em Budapeste foi criada há pouco uma Academia Ronsard, que nada tem de comum com a que existe em Paris.

De todos os poetas franceses o autor dos "Hinos" é o que se acha mais próximo do coração dos húngaros.

— Para nós, disse o presidente da nova agremiação, Ronsard é um compatriota. Não eram seus antepassados originários do "Frio Danúbio", como ele escreveu,

UMA VISITA

Poderia parecer ingenuidade nossa, quando, ao entrevistar o Sr. John Lehmann sobre o conhecimento que os ingleses têm a respeito de nossa literatura, ainda insistimos em perguntar-lhe quais os escritores brasileiros "menos desconhecidos" dos patricios do editor e crítico que ora nos visita. A sua resposta veio a calhar, pois atendeu, perfeitamente, à nossa intenção.

Afinal, não nos causaria espanto sabermos que não somos lidos no estrangeiro, porquanto se alguma coisa nos aborrece é vivermos essa dolorosa realidade de não sermos lidos nem dentro de nossas fronteiras... Mesmo com o cabotinismo de certo grupo e a propaganda de alguns espertos, ainda não temos no Brasil um grande corpo de leitores, que justifique e valorize as letras pátrias, as quais já formam, de há muito, algo apreciável e que mereceria maior divulgação.

O que nos surpreendeu, na resposta do ilustre editor britânico, foi justamente o havermos descoberto, pelo menos entre uma meia dúzia de individualidades capazes de se apresentarem melhor informadas de nossas atividades literárias, alguém que, de modo nenhum, "sabe" o que somos e o que valemos...

Na verdade, é desolador que o Sr. Lehmann, não conheça nada além da reduzida obra de um ensaísta e teatrólogo, que, por mais que nos mereça pelo esforço sempre empenhado em difundir e vulgarizar nossas possibilidades culturais, não chegou, ainda, ao nível-expoente daquilo que, com orgulho, possuímos.

Dizíamos que a resposta do Sr. Lehmann veio muito a calhar. Sim, porque, antes de mais nada, é preciso que tais assuntos sejam ventilados, até que se possa encontrar uma solução adequada. E já não é sem tempo que se deve impulsionar, no seu sentido verdadeiro o intercâmbio cultural com os demais países. E sentido verdadeiro, no caso, é aquele que nos indica, não o unilateralismo que termina em propagarmos e difundirmos o que é dos outros, mas o de exarmos, em igualdade de condições, as compensações que propiciem a boa acolhida do que é nosso entre os que conosco contratam.

O que temos visto, em meio à amistosidade de certas reuniões e às alvitreiras trocas de visitas de embaixadas culturais, nesse vai-e-vem de fingida boa vontade, é a difusão cada vez maior das coisas alienígenas, em detrimento da divulgação, em terras alheias, do que é nosso.

Sem nos apegarmos a um nacionalismo absurdo e condenável, mas realizando o entendimento e a reciprocidade como devem ser realizados, havemos de, não apenas recuperar o que temos perdido, como ainda ganhar muito mais.

Que daqui por diante não tenhamos o dissabor e amargura de sabermos que não existimos, nem mesmo para aqueles que, por dever de ofício, deveriam pelo menos, ter conhecimento de que poderemos existir...

A visita do sr. Lehmann tem, assim, por muitos motivos, uma oportunidade que não devemos perder, pois o caminho já está aberto há muito tempo para os nossos amigos britânicos, enquanto, de nossa parte, ainda não conseguimos romper as fronteiras insulares, para oferecer um pouco mais do que a nossa admiração pela literatura inglesa.

numa de suas mais lindas páginas? Isto nos basta. Ronsard é nosso.

COMPENSAÇÃO

Em conversa com a sua tradutora Juliette Bertrand, Corrado Alvaro citou esta frase de um nobre italiano, de quem se reprovavam certos desvios de conduta:

"Nós não temos a liberdade de escolher nossos arrependimentos; guardemos, portanto, a liberdade de escolher nossos remorsos"...

PEDRAS E PALAVRAS

Mathilde Alanic, há pouco falecida, alojou as heroínas de um de seus livros em confortáveis castelos. Um amigo, sorrindo, observou que ela, no entanto, se contentava para si mesma, com uma moradia infinitamente mais modesta.

— E' que, respondeu ela com bom humor, as palavras custam menos caro que as pedras.

DE TODA PARTE

Procedente de Paris, encontrase entre nós o escritor português, Armando Cortezão, membro efetivo do Instituto Colonial Internacional e da Academia Internacional de História da Ciência.

Como membro do secretariado da U. N. E. S. C. O. desde sua organização, vem ao nosso país por incumbência desse órgão científico e cultural das Nações Unidas com a finalidade de estreitar os laços com o Brasil, assim como com o Uruguai e a Argentina.

A Academia Brasileira de Letras fez entrega, no dia 29 de Junho último, dos prêmios correspondentes a 1948, tendo sido contemplados os seguintes escritores: Prêmio Machado de Assis — Augusto Mayer; Prêmio José Veríssimo — Afonso Arinos de Melo Franco e Arthur Cesar Pires; Prêmio Silvío Romero — Luiz da Câmara Cascudo.

O prêmio de contos foi dividido entre as escritoras: Lígia Fagundes Teles e Lúcia Benedetti; o de poesias coube a Beatriz dos Reis Carvalho.

Em nome dos premiados, falou o sr. Augusto Meyer.

Wulf Sachs, discípulo de Freud e uma das maiores autoridades em psicanálise, faleceu em Johannesburg, quando terminava a obra de toda sua vida sobre "Psicologia do Sofrimento". Sachs era russo de nascimento e residia há muito na África do Sul.



BOILEAU

PONTUALIDADE — Boileau fazia questão de ser pontual quando marcava um encontro, pois afirmava ter observado que as pessoas que esperam só pensam nos defeitos das que as fazem esperar.

IMAGENS E CARICATURAS

A insônia do meu relógio
Durante a noite passada,
Crivou-me o corpo já enfiado
De punhaladas sonoras...

(Cassiano Ricardo — "O Sangue das horas" — "Letras e Artes", de 19/6/49).

★

...se o "Guia" lhe afirma que na catedral de tal há seis colunas e se ele encontra só cinco, fica infeliz toda uma semana e furioso com o país que percorre, como um homem a quem roubaram uma coluna.

(Eça de Queiroz — "Cartas da Inglaterra" — "Acêrca de livros").

★

À mesa falava o inglês ou estropiava, a contra gosto, o português, com esgares de nojo, rolando as palavras na boca, como se lhe causassem náuseas.

(Coelho Neto — "A Esfinge").

★

Cedo ou tarde, uma coisa bela morre de sua própria beleza.

(Maeterlinck).

★

A beleza delas corria mundo. Aquilo, pelo sério, era uma boca só: — Nossa! Bunitzeza chegou ali e parô...

(Paulo Setubal — Os Irmãos Leme).



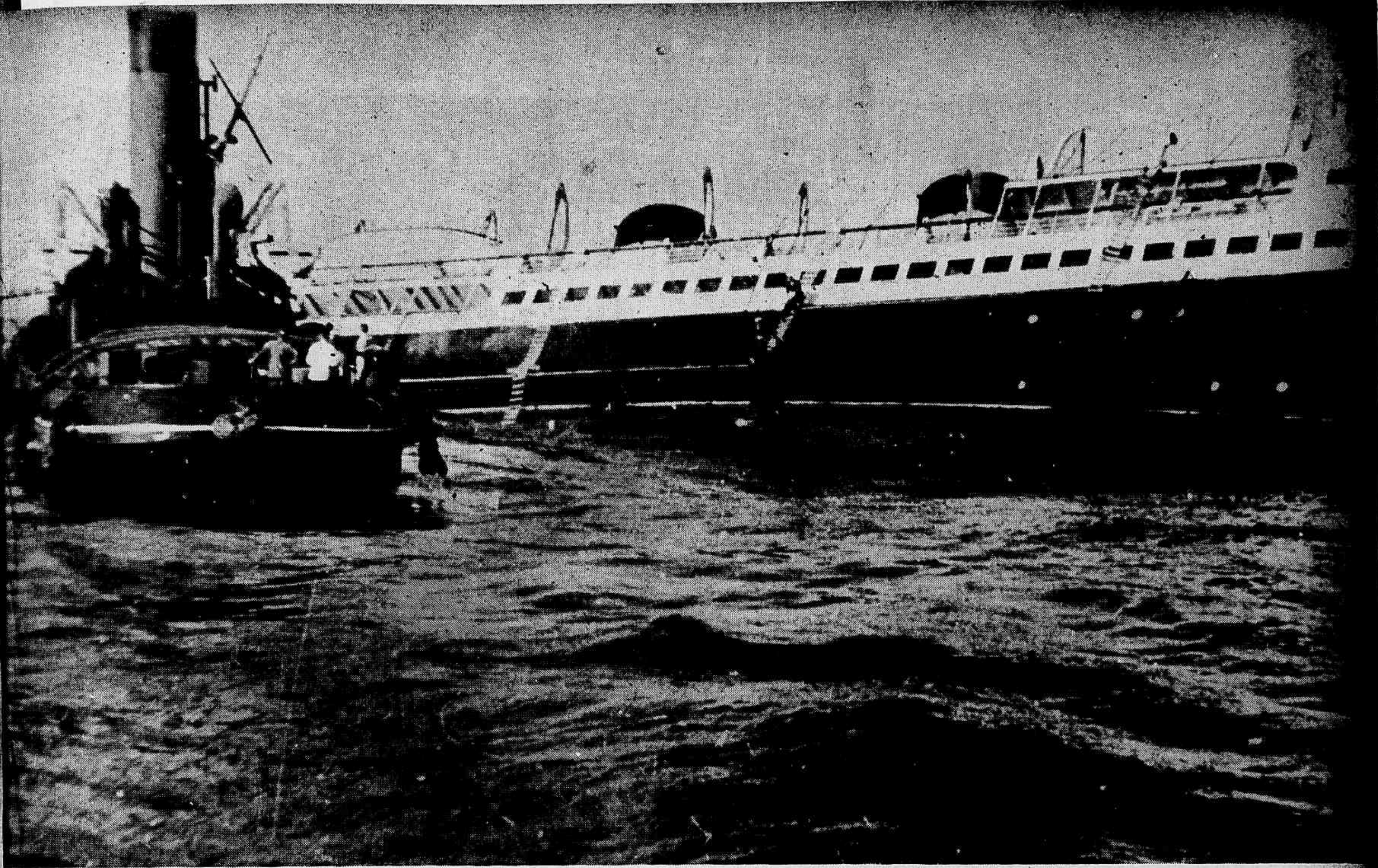
COCTEAU

NOVO PRÊMIO LITERÁRIO

Um novo prêmio literário: o "Prêmio Palais-Royal" foi instituído num grande restaurante, abrigado pelas arcadas do célebre jardim. Deve-se essa iniciativa principalmente aos escritores Colette e Jean Cocteau, que pretendem perpetuar a vida e a tradição do Palais-Royal.

O prêmio consiste na publicação de um manuscrito inédito, com parte da edição em encadernação de luxo com ilustrações.

O júri, que era composto por Colette, Jean Cocteau, Maurice Escande, Jean Paulhan, Jean Tardieu, Henri Pachent, Jacques Lancien, Jean Lazare, René Ollier e o escritor belga Jean Depaye, laureou, pela quarta vez, dois escritores "ex aequo": Louis Le Cunff, pelo romance "Au 100, rue du Ponant" e o poeta suíço Philippe Jaccottet, por seu livro "Poesies".



Momentos dramáticos de salvamento, com o rebocador de socorro abordando o navio prestes a afundar, com vários passageiros ainda na escada.

A GUERRA AINDA CAUSA VÍTIMAS

A PESAR de já decorridos quatro anos da terminação da última grande guerra, os seus processos ainda causam vítimas. Conforme notícias vindas da Europa e do que deu a imprensa ligeiros relatos, verificou-se nas águas do Canal da Mancha, entre a França e Inglaterra, um sinistro marítimo de dolorosas consequências, com perdas de vidas humanas, vinte feridos e o afundamento de um navio de passageiros.

Fazia o "Princess Astrid" a sua viagem costumeira entre Dunquerque, França e o porto de Dover, na Inglaterra,

HAROLD GREEN ★ Fotos KEYSTONE

conduzindo duzentos passageiros, muitos deles em gôso de férias ou a passeio com a família, quando são todos surpreendidos por enorme estampido, mal saía o barco do porto de Dunquerque.

Como era de esperar, grande aflição se apoderou de todos, embora a tripulação procurasse restabelecer a calma. Em segundos já se sabia qual a causa daquela

explosão: o navio batera numa mina que restava dos tempos da última grande guerra.

Imediatamente foram solicitados socorros para ambos os lados da costa e acorreram ao barco sinistrado rebocadores que começaram a prestar auxílio de salvamento.

A bordo viajavam passageiros de diversas nacionalidades, mas, especialmente ingleses que iam de visita à pátria em gôso de férias com seus filhos e espôsas.

Havia também muitos belgas e franceses. O que mais lhes valeu foi ter-se verificado o sinistro em pleno dia;



Um casal com o seu "baby" nos braços, dá graças a Deus pela salvação de morte certa, se outras houvessem sido as condições do tempo no Canal



O Sr. May e sua esposa, que tem nos braços o pequenino Peter, seu filho de sete meses, chegam à estação de Vitória na manhã de 23 de



Grupos de passageiros do sinistrado navio "Princess Astrid", sendo recolhidos por um rebocador e transportados para o porto de Dover, a 22 de junho

se o choque com a mina se houvesse verificado à noite, as consequências teriam sido catastróficas.

Com a explosão morreram cinco membros da tripulação, todos de nacionalidade belga, ficando feridos mais vinte marujos que estavam próximos do centro de explosão da mina.

As águas do Canal também estavam mansas naquela dia 22 de junho, o que concorreu para maior eficiência de salvamento dos duzentos passageiros, perdendo-se apenas, parte de suas bagagens salvando-se os objetos

mais leves e à mão, conservados nos camarotes dos mesmos.

Esse acontecimento lutuoso é uma advertência às companhias de navegação que fazem o tráfego entre os portos daquela zona do Atlântico, pois vem mostrar que não estão de todo limpos os mares do Norte que cercam a Inglaterra e banham as costas da França, Bélgica, Holanda e países escandinavos.

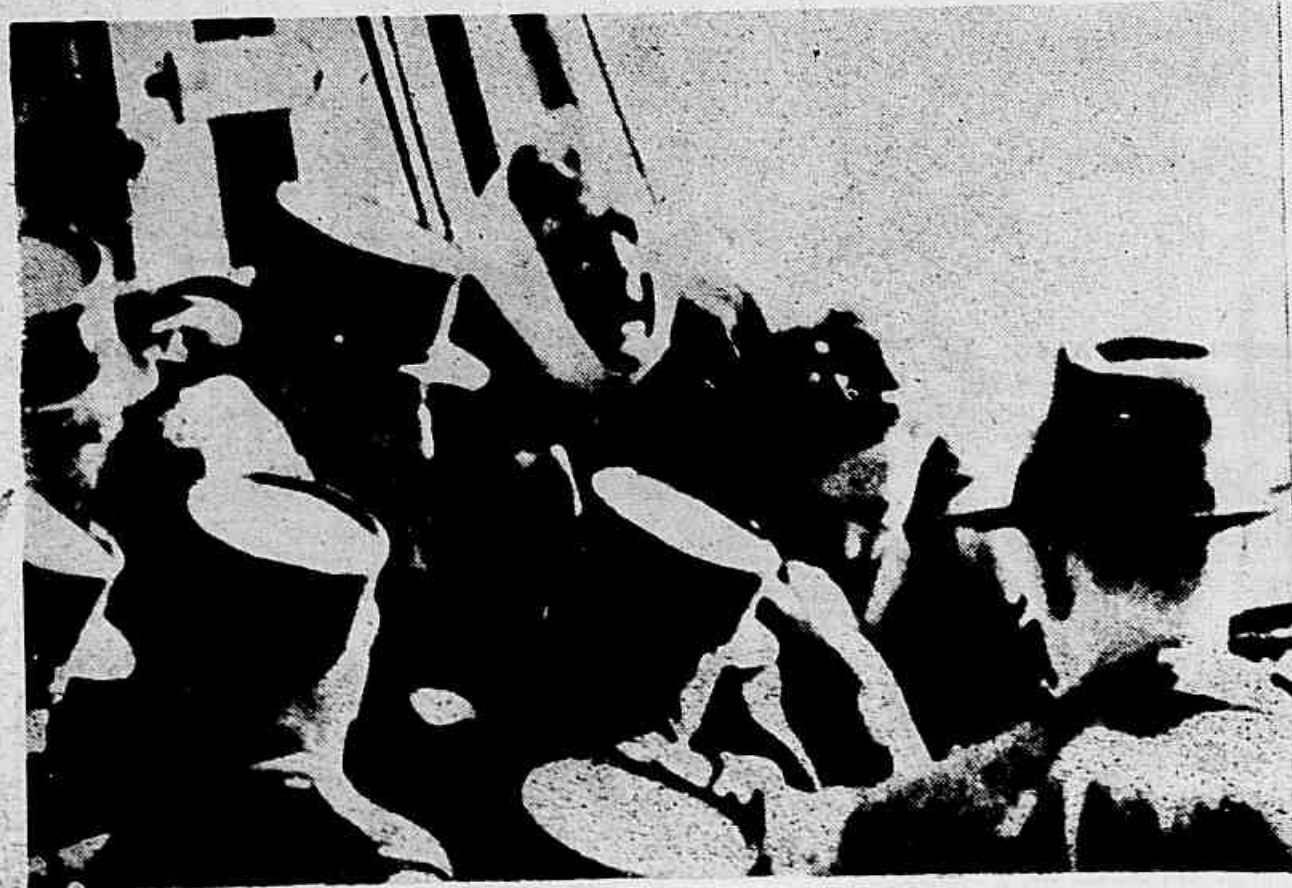
Durante a guerra foram usadas pelos alemães grandes quantidades de minas magnéticas, contra as quais,

usavam os navios aliados cintas anti-magnéticas. Hoje, porém, já ninguém pensa em proteger seus barcos com tais recursos que a ciência forneceu, pois que já estamos muito longe daqueles trágicos dias de morticínios.

Contudo, seria de inegável necessidade, que os armadores, em combinação com o serviço naval da Inglaterra e França, especialmente, procurassem dar buscas rigorosas nas águas do Canal da Mancha, em procura de outras minas, que, possivelmente, devem vagar ao léu da sorte, à mercê das correntes marítimas, ameaçando o tráfego pacífico de navios de passageiros.



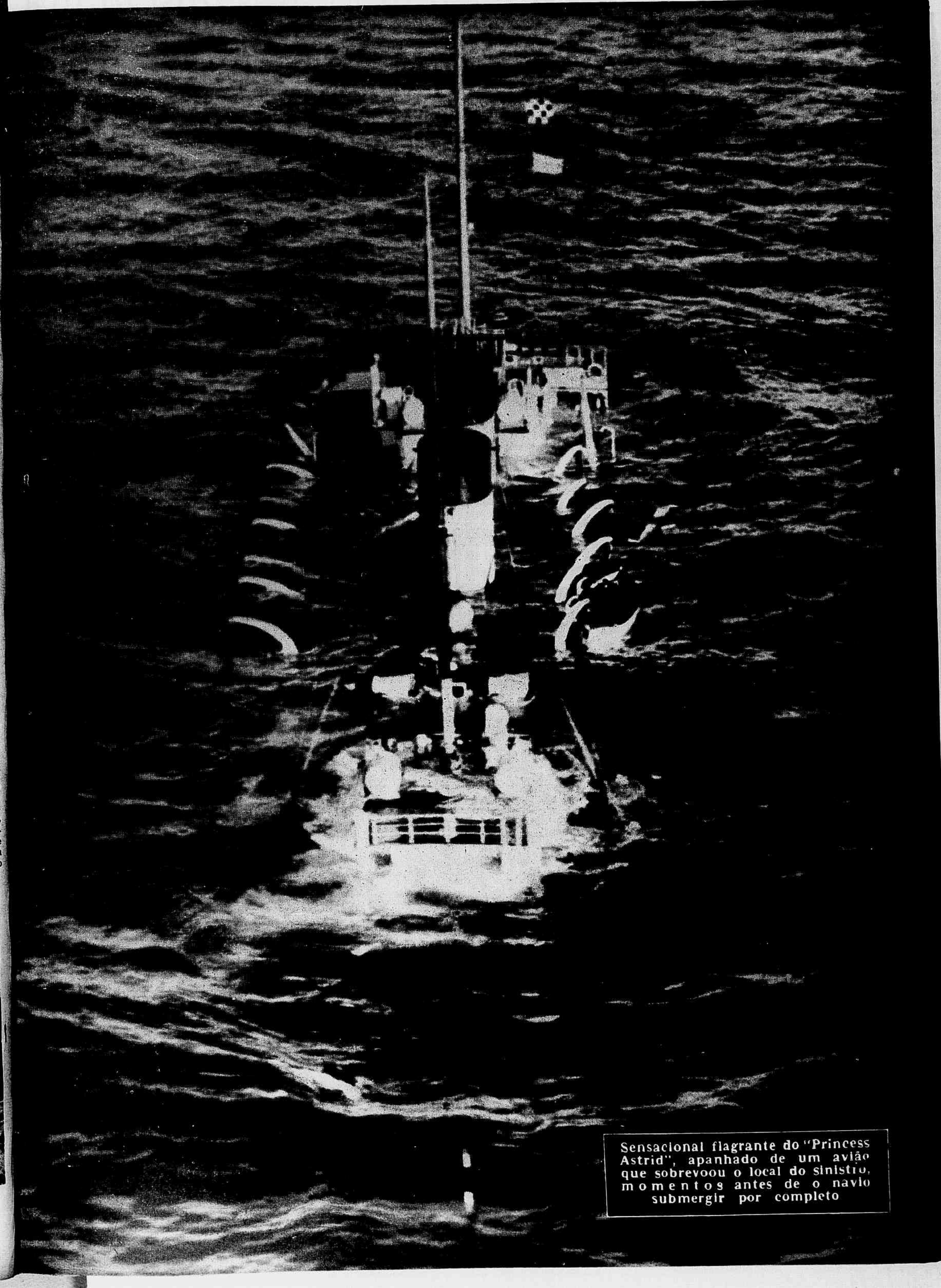
Naufragos do "Princess Astrid", chegando a Vitória, em trem especial, na madrugada de 23 de junho, ainda sob os efeitos da tragédia



Serviço de salvamento de vários dos duzentos passageiros do "Princess Astrid" por um rebocador, vendo-se ainda os naufragos com os salva-vidas



Um dos vinte a tantos feridos na explosão da mina submarina que afundou o "Princess Astrid", chega a Dunquerque, na França



Sensacional flagrante do "Princess Astrid", apanhado de um avião que sobrevoou o local do sinistro, momentos antes de o navio submergir por completo

TRISTE EXPERIÊNCIA

NOVELA DE NESTOR CHANCER
 TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR

Quando me coloquei em frente ao espelho, senti-me emocionada. O vestido novo de Elsa, suas finas meias, os sapatos elegantes e meu penteado moderno, davam-me pelo menos uns vinte anos, ou pouco menos.

Por que motivo não poderia divertir-me lá fora? Acaso deveria eu subordinar-me a Elsa? Iria, sim a um "Ladies Bar", pediria uma bebida qualquer, aceitaria os galanteios do primeiro desconhecido que sorrisse. Por que não? Jamais desejara viver no México. Preferira sempre permanecer na fazenda, onde vivia feliz, vendo constantemente Efrain. Foi Elsa quem me trouxe para cá. Se viesse a perder-me, só ela era a culpada. Assim raciocinava Lupe, a jovem revoltada.

— Em meus olhos de acumulavam lágrimas de descontentamento e amargura. Como me sentia fatigada e solitária naquele apartamento, na rotina imutável a que me forçava Elsa, a viúva de meu irmão! As lições de piano, os estudos, a permanência em casa o dia inteiro! Não podia sair, pois Elsa não tinha tempo de acompanhar-me. Minha distração era a de escrever cartas e eu mesma as ler... ler... E já estava farta disso. A Elsa pouco importava o meu sofrimento. Só me trouxera porque assim prometera ao meu irmão, antes de morrer. E agora me esperavam mais três anos até que completasse meus dezoito anos. Era possível que, durante esse tempo, Efrain encontrasse outra jovem e me esquecesse!

Lupe recordava Efrain com mágoa no coração. Se não fosse aquela fatalidade de Elsa os encontrar juntos na véspera de sua vinda para o México, talvez tivesse

ficado lá no "rancho" entre os seus amigos de muitos anos e sem separar-se dele.

Lupe e Efrain estavam à beira do rio, beijando-se, quando Elsa os surpreendeu. Ela não poderia imaginar que era a primeira vez que isso acontecia. Estavam lamentando a separação que, enfim, veio angustia-los. Ainda lhe ressoavam aos ouvidos as palavras de Efrain:

— Oh! Lupe... Quando penso que vais para a capital e ali encontrarás outro homem e te esquecerás de mim! Se fôssemos maiores de idade, tudo estaria resolvido hoje mesmo, com o nosso casamento.

— Não quero ir, Efrain. Quero ficar aqui, contigo! Ela se deixou apertar entre os braços do namorado, com os olhos cheios de lágrimas e a soluçar.

Foi justamente nesse instante que surgiu Elsa, tendo nos olhos a maior das surpresas. E gritou-lhe:

— Lupe! É melhor que me venhas ajudar a arrumar a bagagem! Lembra-te que sairemos pela madrugada. Despede-te de Efrain de uma vez por todas, pois não mais o tornarás a ver, provavelmente.

No íntimo não culpava minha cunhada por interessar-se por mim e procurar cercar-me de segurança. Se não queria deixar-me na fazenda era porque havia prometido a meu irmão, cuidar de mim. Mas isso me tornava uma infeliz. Elsa como que não procurava compreender-me. Por isso, desde aquele momento do meu primeiro beijo, comeci a odiá-la, quando até então eu a adorava. Eu gostava tanto dela que, quando meu irmão me disse que ia casar-se com ela, quase enlouqueço de alegria. Conhecera-a no curso secundário, onde dava

aulas de desenho. Sempre a achei muito delicada, linda, fina. Fomos amigas íntimas durante o seu tempo de solteira; mas quando ocupou o seu lugar de dona de casa, tudo começou a mudar. Muitas vezes eu a vi, com tristeza, a folhear, furtivamente os cadernos de desenho, enquanto Alberto estava em seus afazeres na fazenda. Mas isso não acontecia sempre, pois Elsa prometera abandonar para sempre os seus pendores artísticos, passando a ocupar-se exclusivamente dos trabalhos domésticos. Ela era alegre e procurava colaborar com o esposo e comigo, até que chegou o dia em que Alberto fora chamado a ajudar outros homens no combate a um incêndio que se declarara na fábrica "S. Gabriel", ali perto. Ao desmoronar-se uma parede do edifício sinistrado, uma viga colheu-o com outros companheiros. Alberto não morreu, mas ficou inválido por muitos meses. Muito sofreu diante daquele irmão imóvel, deitado numa cama na sala de frente da casa, onde havia mais ar e mais luz. Só uma coisa o fazia apegar-se à vida. Era saber que Elsa ia ter um filho. Elsa suportou com heroísmo esse infortúnio e procurou multiplicar-se para dar contas de todos os afazeres, trabalhando como um homem, apesar de seu estado não permitir tanto esforço.

Foi justamente por isso que, um dia, ao arrumar uns sacos de café, senti-se mal e caiu ao chão. Eu me alarmei e fui chamar um médico que a socorreu, mas nada pôde mais fazer. Perdera o menino.

Depois daquilo houve uma convalescença rápida e silenciosa. Quando ela tornou a levantar-se, parecia mais serena e grave, embora jamais a visse sombria e amargurada, pois não queria tornar pesada a atmosfera em que vivia Alberto, por cujo amor sacrificava tantas coisas.

Mas Alberto perdera toda a vontade de viver. Recordo que, um dia, me chamou, quando Elsa estava fora, dizendo-me com voz grave:

— Sei que já não vou durar muito, Lupe. Prometa-me que ficarás com Elsa e que farás o que ela achar bom, até que chegues aos teus dezoito anos. Elsa é inteligente e te quer como a uma irmã, e ambas precisam uma da outra. Prometa-me isto, Lupe.

Cega pelas lágrimas, soluçando, prometi, pois julguei que, quando Alberto morresse, ficaríamos ambas a cuidar da fazenda. Dois meses depois, morria meu irmão e Elsa recebia o golpe com uma coragem prodigiosa.

— Alberto não queria continuar a viver assim inválido, Lupe — disse ela. — Ele como que morreu no mesmo dia do acidente. Isto nos parece terrível, porque muito gostávamos dele. Mas com a morte... foi melhor assim, querida. Nenhum homem forte quer viver como um inútil!

Elsa me falou assim, consolando-me, durante os dias amargos que se seguiram. Eu julguei que era muito feliz por ter uma irmã desse porte e um namorado como Efrain. Havíamos sido companheiros de escola e éramos vizinhos. Algum dia nos casaríamos, teríamos um rancho onde viver e a vida um sonho de felicidade ininterrupta.

Mas todos os meus sonhos se desfizeram quando Elsa me avisou que iam residir na cidade do México, disposta a retomar os seus estudos de arte. Quanto a mim, estudaria piano durante um ano, até que escolhesse uma carreira.

— Mas, Elsa! Eu não quero ir para a capital — disse eu quase a suplicar. Deixa-me aqui com alguma família amiga! Odeio as cidades grandes. Longe do campo, morreria. Quero ficar aqui na fazenda, onde eu e Alberto nascemos e crescemos.

— Pensa bem, Lupe! Estudaremos, percorreremos juntas a cidade. Pensas que as cidades não te agradam; mas é porque ainda não conheces a cidade de México. Tenho sonhado com essa volta. Sonhei e agora vejo chegar o momento...

— Então, vai tu, se assim queres. Eu ficarei aqui. Não tens direito de ir e dispor da fazenda sem nada dizer-me.

— Pois fique sabendo que nós iremos para México, de qualquer forma. E lembra-te de que prometeste a Alberto obedecer-me até aos teus dezoito anos.

— Mas não sabia que iam sair daqui. E Alberto não aprovaria isso. Oh! Elsa! Até parece que te alegras de ele ter morrido! Agora és livre e tens dinheiro para ir morar na capital.

Ela me olhou com estranho brilho nos olhos e com uma fisionomia de indignação.

— Não te atrevas a dizer tal coisa! Bem sabes o quanto amei Alberto! Por ele renunciei a tudo; teria ficado aqui para sempre. Ele sabia que eu tinha desejos de voltar para a capital, e me disse que fizesse eu o que mais julgasse conveniente. Lupe, sei que estas nervosa e não sabes o que dizes. Quando houveres pensado melhor, há de compreender bem.

Dias depois, vendo Elsa que eu estava muito acabrunhada, triste, abatida, pensou em deixar-me ali em companhia de uma família amiga. Mas, quando descobriu o meu namoro com Efrain, temeu o perigo a que me expunha e não consentiu em que eu permanecesse ali. Foram inúteis todos os meus rogos. No dia seguinte partíamos para a odiada cidade de México.

Tive raiva de tudo na capital. Do tráfego, do povo, do ambiente. Inutilmente buscava campos e prados. De noite o ruído da cidade me tirava o sono. Finalmente cheguei a acostumar-me. Pude sair para dar mi-

(Continua na pág. 52)





NOS BASTIDORES FEMININOS

BELEZA EM QUALQUER ÉPOCA —

Dizem os franceses que quando a mulher chega aos quarenta anos de idade, deve se contentar em possuir um rosto bonito ou uma figura bonita. Acrescentam, para justificar o ditado, que ambas as coisas depois dessa idade, fogem às leis da natureza e da lógica. Os "experts" norte-americanos, no entanto, são contra essa teoria, afirmando que a mulher deve ter as suas próprias leis e sua própria lógica. Uma mulher de quarenta anos, dizem os americanos, para ser bonita, deverá ter estas qualidades: porte distinção, discrição, um corpo que tenha perfeita relação com o rosto e que este nunca esteja demasiadamente pintado.

Aos trinta anos de idade, deve a mulher desenvolver um sistema de manutenção das linhas que deverá ser seguido durante o resto da vida. Não se espera, naturalmente, que aos cinquenta anos a mulher conserve ainda

Para a noite, admirável capa de "renard argenteé".

a mesma esbeltez, mas espera-se que atinja uma idade avançada com elegância, executando-se o programa estabelecido aos trinta, no qual deverão ser incluídos regimes, ginástica, massagens, etc. O porte, por exemplo poderá ser mantido mesmo aos sessenta e, não raro vemos mulheres dessa idade, as quais, vistas pelas costas, aparentam trinta, tal a firmeza do andar, a elegância do porte. Ombros para trás e cabeça erguida asseguram dignidade e graça na maturidade.

Se bem que o exercício seja excelente para manter as linhas, é preciso, no entanto, saber escolhê-los. Existem movimentos especiais para cada tipo e para cada fim, sendo apenas necessário encontrar o exercício adequado, passando a fazer dele um verdadeiro hábito. Também as dietas devem ser observadas com rigôr. Para perder peso, não se deve recorrer à essas dietas malucas que fazem

perder muito peso em pouco tempo; o melhor é recorrer ao médico que melhor orientação poderá dar. O melhor seria combinar com ele uma dieta moderada que pudesse ser observada sempre, como parte de um programa de manutenção das linhas. Também a massagem é indicada quando se pretende reduzir a gordura em determinados locais.

Quanto ao "make-up", não depende de terceiros; deverá ser discreto, sem qualquer traço de vulgaridade. Os cosméticos para os olhos, quando usados, deverão ser de preferência castanhos e nunca pretos; o "baton" de cor clara, evitando-se as cores excêntricas; o "rouge" deverá ser aplicado com moderação. Enfim, não há razão para que a mulher tema a maturidade pois em qualquer época da sua vida ela poderá ser bela. Tudo dependendo, como já o dissemos acima, dos cuidados que dispensar ao seu rosto e ao seu corpo.

SIMPLICIDADE E ELEGÂNCIA

A elegância não está no arrôjo de uma criação, mas na sua sobriedade, na perfeição do seu talhe, na beleza, enfim, das suas linhas. Os modelos aqui apresentados obedecem a essa qualidade. São sóbrios, distintos e graciosos. Podem ser executados facilmente e vestem bem, notadamente quando a figura é equilibrada.





Férias de JULHO

FECHAM-SE os colégios e é mais uma oportunidade para uma "fuga". O guarda-roupa para esses dias no campo deverá traduzir simplicidade, espírito prático e bom gosto. Um "tailleur" clássico, saias escocesas, "sweaters", um amplo casaco, são as peças mais indispensáveis. Há ainda a considerar o "pequeno vestido", executado em lã quadriculada, com seus bolsos enviezados, a calça comprida, estilo "esquiador", o casaco curto e vago, que se presta para diversos fins.



O VESTIDO E O SEU "MANTEAU"

E' sempre importante que o "manteaux" se adapte bem ao vestido que vai acompanhar. Para isso Nina Ricci criou este casaco de lã de linhas amplas, para acompanhar um vestido de lã escocesa, com "plastron" branco. Carven, por sua vez criou, para dois modelos em lã, de cintura justa e saia com pouca roda, este "redingote" em lã cinza, com gola drapeada. Raphael criou, para uma casaco amplo, de gola e bolsos em tom contrastante, um vestido em "pied-de-poule" com "plastron" e gola em marron.



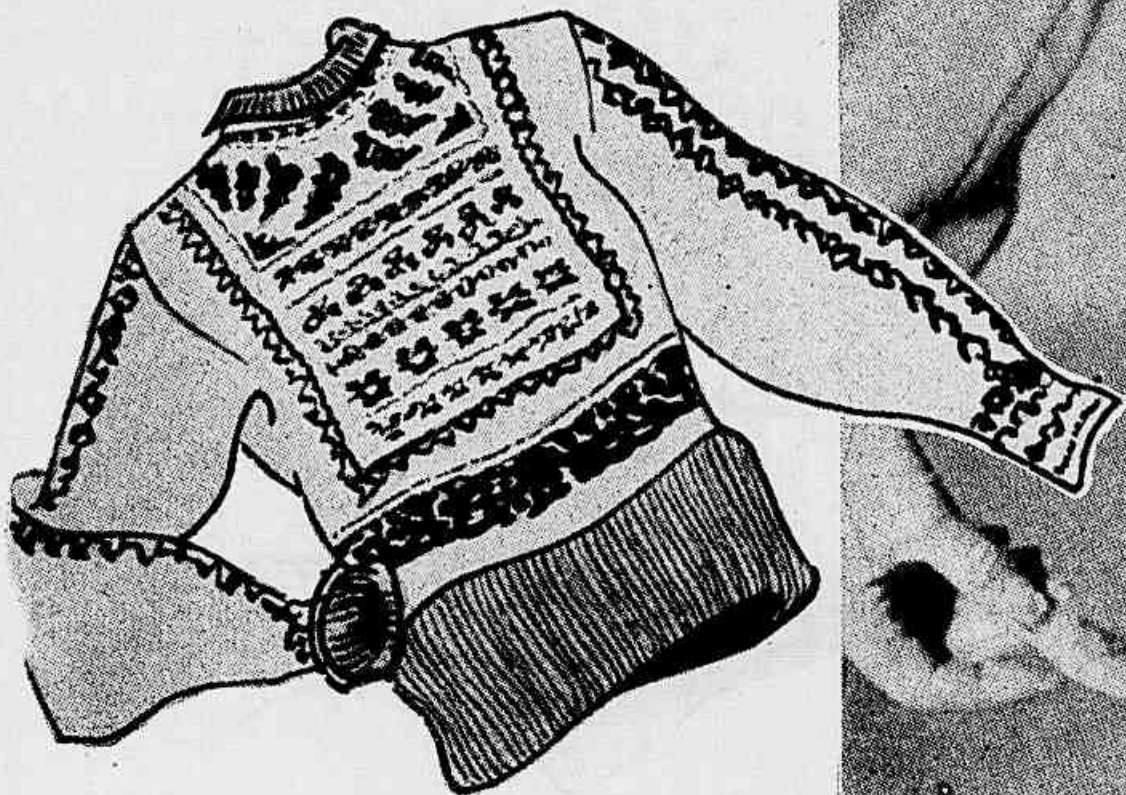
Casaco de gola muito alta, emoldurando o rosto. Grande novidade da moda atual



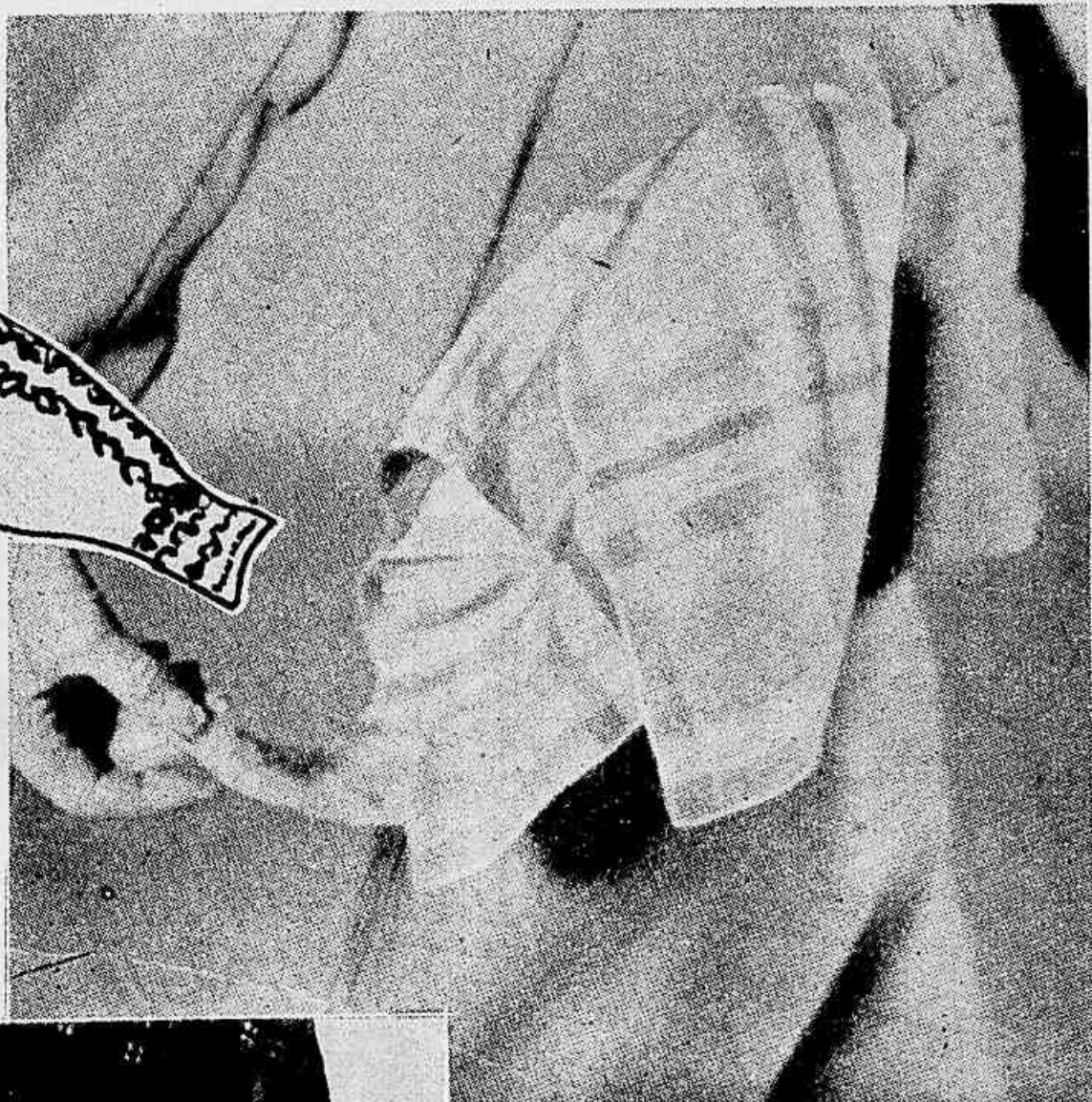
De Robert Pignet, brincos e colar de ametistas e topázios



Sobre um diadema de palha, um belo lenço de lã angorá, que amarra sob o queixo



Original e elegante "sweater" de Carven, com desenhos em tons vivos



Pierre Balmain garante o bolso de um "tailleur" com um grande lenço de algodão azul, amarelo e verde

DETALHES E NOVIDADES

A esquerda: Bolsa de suede marrom, drapeada. Num canto, lenços multi-cores. A direita: O escocês está em grande moda, até mesmo para sapatos...



O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

A mudança no modo de viver de Otilia estava causando apreensões no espírito de seus pais.

Sempre fôra uma jovem alegre, palradora, loquaz e viva. Apreciava os passeios e, onde estava, não havia tristeza.

E agora...

Otilia estava mudando de atitudes e de natureza denotando séria perturbação íntima, uma espécie de melancolia, de aflição que já não podia dissimular aos de casa.

Sua mãe, diante daquele estado assustador, chamou-a à parte e procurou desvendar-lhe os segredos da alma. Otilia tentou despistar, negando que estivesse com os seus hábitos alterados. Mas foi em vão.

Da confiança surgiu o motivo essencial daquela alteração física e espiritual. Otilia estava amando... proibitivamente. Um homem casado, embora separado da esposa legítima pelo desquite, era a causa de todo o seu desgosto.

O problema era muito sério. Pelas nossas leis reguladoras do Direito de Família constante do Código Civil, o desquite separa os corpos e os bens, mas não dissolve o vínculo matrimonial. Enquanto um dos cônjuges estiver vivo, o outro não pode convolar outras núpcias.

O amor fica, assim preso às contingências legais ou desobedece o Código e comete uma infração no organismo social. "Dura lex sed lex".

Os pais de Otilia não viam outra saída para o problema da filha, se não o verbo esperar... Ou este outro ainda mais cruel: desistir...

A jovem, entretanto, lutando contra todas as adversidades que lhe torturavam a alma de moça bonita, culta e sonhadora, estava a sofrer cada vez mais, as consequências de um amor infausto.

Vendo-a naquela situação, ele se ausentou da cidade. Talvez que, julgando dos seus olhos, Otilia visse a minorar os seus pesares e até mesmo esquecer o romance começado numa noite de Natal.

Ela não concordou com aquele recurso. Se ele fosse embora, não poderia resistir. Sua vida estava ligada à dele, como o espírito a um corpo, a vista aos olhos, as ondas ao mar, a flôr às árvores, o fruto às flôres.

Ele, porém, achava que somente a ausência poderia reconduzi-la à normalidade da existência anterior. Que procurasse divertir-se, passear, fazer novas amizades, seguindo o conselho materno. Se um dia estivesse em condições legais de casar-se com ela, voltaria, caso ainda o estivesse esperando. Eram jovens e tinham muito tempo diante da estrada da vida.

E se foi...

Otilia chorou desesperadamente. As lágrimas não lhe trouxeram lenitivo às angústias do coração. Parecia que eram gotas de sua própria vida que lhe escapavam pelos olhos. Adoeceu. Mandaram-na para o interior. Foi pior.

Morreu...

Por que motivo desapareceu tão moça, tão alegre que era, tão joyal e formosa? Porque...

O amor é assim.



DR. SABOIA RIBEIRO

DOENÇAS SÚBITAS DO LACTENTE

As infecções do lactente irrompem às mais das vezes brusco, só outras de forma mais ou menos insidiosa, até revestirem uma feição dramática.

A criança achava-se então em pleno estado de saúde, e súbito adoece: febre, com frequência vômitos, respiração ofegante, e diarreia. É ocorrência banal desse quadro.

Se a alimentação é a natural, isto é, ao peito, a primeira hipótese a formular é a de uma infecção a distância, seja uma gripe, ou foco do ouvido ou garganta; só depois a indagação irá a outras causas. As mais das vezes ocorre a primeira hipótese; porém nunca se desprezará a possibilidade de outras doenças — e estas em geral graves —, inclusive as chamadas da primeira infância e outras mais raras; porém, não raridade, como uma paralisia infantil.

Se, porém, a alimentação é artificial — mingaus à mamadeira, sopas, pratos mais avançados com ovos, gorduras, chocolates e outros — tanto se pensará na hipótese de uma intoxicação como de uma infecção das vias digestivas, em primeiro lugar, e só depois numa infecção a distância trazendo os referidos distúrbios.

Uma diarreia na criança, devido a uma infecção a distância, é o que se chama, em linguagem pediátrica, **diarreia parenteral**. Estando a criança sendo criada ao peito, uma diarreia súbita é sintoma que desperta logo de entrada a probabilidade de uma infecção dessas. Se coexiste a febre, cresce a probabilidade. Nada exclui, porém, a hipótese, que sempre deve ser apurada convenientemente, de que possa tratar-se de uma infecção, não localizada, porém generalizada a todo o organismo.

A presença do vômito, principalmente se acompanhado de fenômenos do cérebro ou das meninges, dá nesses casos um sentido de particular gravidade do quadro, impondo certos exames mais precisos (laboratório, Raios X, etc.). As toxinas procedentes de lesões a distância do aparelho digestivo chegam ao intestino e excitam os movimentos intestinais e as secreções do duodeno, causando a diarreia e irritando e produzindo um estado catarral do tubo gastro-intestinal. Este é o mecanismo das chamadas **diarreias parenterais**, que não raro coincidem com uma rino-faringite.

Um caráter que não engana sobre a natureza infecciosa da diarreia é a presença de **catarro, pus e sangue nas fezes**. Na alimentação artificial cumpre distinguir se se trata de intoxicação ou de infecção. Como **intoxicação**, o alimento ingerido estava deteriorado, isto é, alterado pelos processos a germes da putrefação ou das fermentações. Como **infecção**, ou o alimento criou condições favoráveis para a proliferação dos germes que habitualmente residem no grosso intestino e subiram até a parte mais alta do intestino (duodeno, jejuno), subvertendo assim os processos normais da digestão; ou o alimento já trazia em si germes da infecção que, ali chegando, provocaram os mesmos fenômenos da infecção. No diagnóstico da intoxicação ou da infecção alimentar da criança é mister proceder sempre a uma exclusão improrrogável. Como as infecções a distância, de ordinário, trazem repercussões sobre a esfera intestinal, mesmo quando o alimento é bem conservado, proporcionado ou isento de germes (a verdade é que nesses casos geralmente benignas), é essa hipótese sempre para considerar-se, apurando-se pelo exame da criança a sua existência nesse ou naquele ponto do organismo. Com esse exame e conhecidas, de outra parte, as verdadeiras condições do alimento em uso e outras particularidades do regime (horário inclusive), só então é possível firmar um daqueles diagnósticos.

Na alimentação artificial a infecção se dá, não raro, devido à estagnação dos alimentos nas partes altas do intestino. Nas condições normais, no intervalo das refeições, aquelas partes permanecem vazias e isentas de germes da infecção. Somente, então, nas partes inferiores há proliferação de germes, mas inócuos. O intestino delgado não oferece um meio favorável à sua existência e eles ali ficam limitados.

Se sucede, porém, que o alimento, por pesado ou indigesto, demora no intestino delgado, estes germes sobem até as porções altas do mesmo, onde se passam os processos digestivos, e no meio alimentar estagnado promovem, ora a putrefação, ora as fermentações. Como o alimento infantil, em regra, é mais favorável aos processos fermentativos, a diarreia é a regra; noutros casos, porém, poderá haver a putrefação, com o correspondente estado de prisão de ventre.

Quer num quer noutro caso, todavia (expressão da infecção já), a febre nunca falta. Nesses casos é geralmente o bacilo coli o germe responsável pela infecção, vivendo, como vive, normalmente, no grosso intestino.

Mas as infecções por leite contaminado, ou pelo alimento deteriorado a germes da putrefação ou da fermentação, estarão muito longe de ser raridade.

A contaminação do leite é devida a germes dos grupos coliformes, proteus, salmonelas, shigelas. Daí as enterocolites e as disenterias na criança.

"A ingestão de bacilos com o leite de vaca é certamente responsável por grande número de casos de intoxicação", escreveu um mestre, com observação no leite da capital de São Paulo.

A sobrecarga alimentar, o excesso do alimento gordo e indigesto, é outra causa indubitável. O alimento foi preparado com excesso de gorduras, ou estas não eram de boa qualidade (manteiga rançosa, por exemplo), etc., etc. Há estagnação frequente do alimento e subida do coli, produzindo o distúrbio agudo.

As vezes procede o distúrbio súbito devido a elevada taxa de albumina na alimentação, ou melhor, no alimento que desencadeou os fenômenos. Existe uma feição acentuadamente tóxica no quadro despertado nessas condições; a diarreia às mais das vezes acompanha os vômitos, e havendo febre não raro vêm as convulsões. Noutras vezes observa-se um invencível estado suporoso da criança.

Qual a origem dessas diarreias a **albuminas**? Atribuem-se à absorção de certos produtos de seu desdobramento — os amino-ácidos.

A tendência é geralmente supor em face de uma diarreia súbita uma infecção intestinal ou localizada noutra parte. Acontece, porém, que às vezes o simples quadro tóxico resume toda a infecção da criança, não havendo nenhum fenômeno da esfera intestinal, inclusive diarreia; é o que acontece por exemplo na pielite. Mas isto não é a regra.

Uma causa infecciosa que cumpre pensar sempre é a gripe ou o sarampo (este aliás pode apenas estar na fase de incubação). O mesmo pode acontecer tendo sido a criança vacinada de pouco (fase negativa).

Já temos referido noutra oportunidade que nas crianças exsudativas existe tendência às diarreias por ocasião das bruscas mudanças da temperatura ("golpe de frio").

Trata-se as diarreias agudas da criança com um primeiro cuidado: suspensão do alimento.

Água fervida, chá, conforme a intensidade dos fenômenos 12 e até 24 horas.

Geralmente, se se trata de simples desvio alimentar (aumento a qualquer título impróprio), cessam os fenômenos nesse prazo; se se trata de verdadeira infecção — leite poluído, infecção nalgum ponto — permanecem os mesmos, e a febre.

Em vez da água ou chá, modernamente se utiliza uma solução a 15% de dextrina-maltose, na proporção de 80 ou 100 por quilo de peso da criança.

ÚLTIMAS



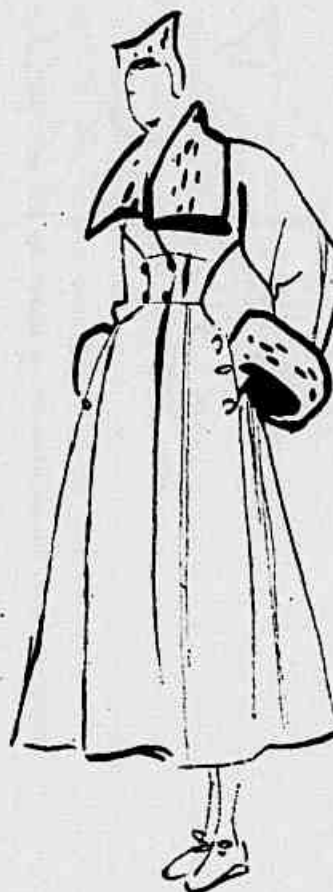
MOLYNEUX



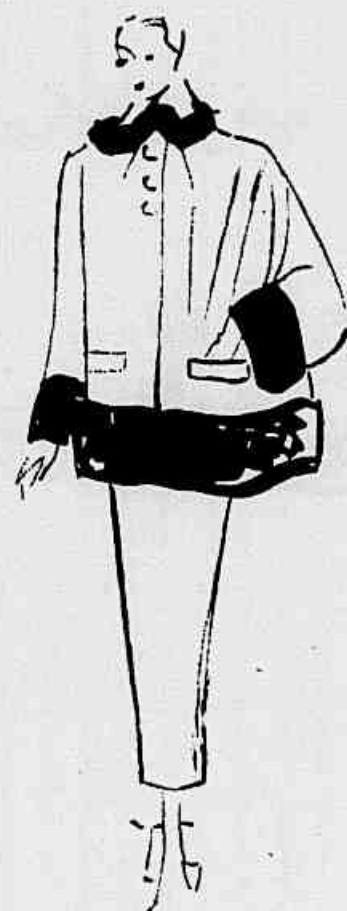
RAPHAEL



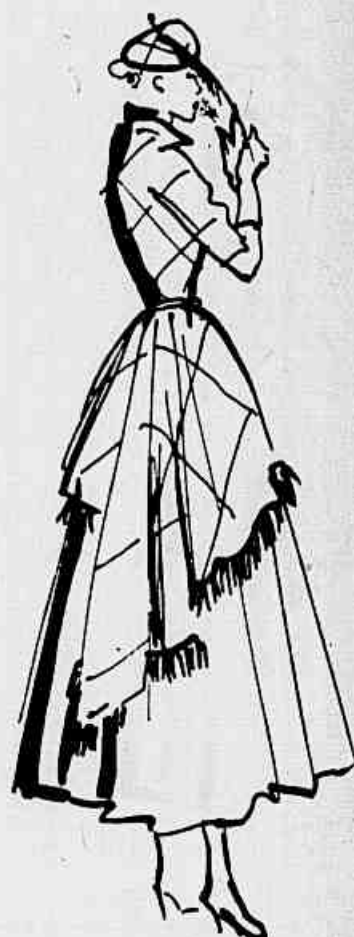
HERMES



PIERRE BALMAIN



NINA RICCI



ROBERT PIGUET



WADELEINE DE RAUCH



MARCEL ROCHAS



HERMES

Estas são as criações de inverno dos mais famosos costureiros parisienses. Nota-se a diversidade dos detalhes, mas em alguns pontos todos concordam, como, por exemplo, no caso dos botões

criações

MAES E FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA



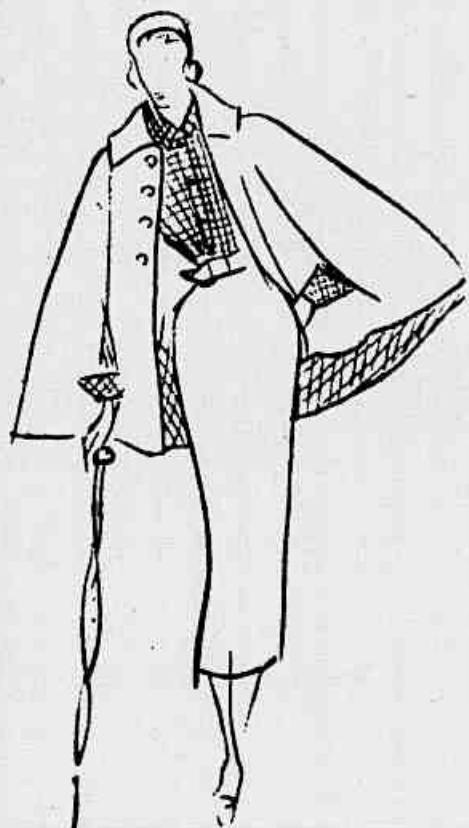
CARVEN



GRES



ROBERT PIGUET



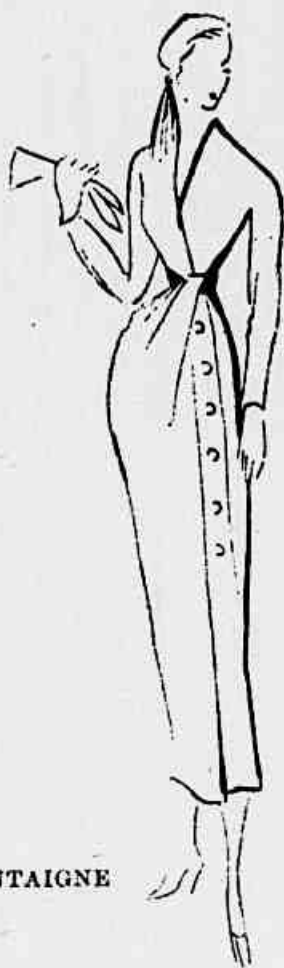
CHRISTIAN DIOR



PIERRE BALMAIN



MAGGY ROUFF



CHARLES MONTAIGNE



CALLOT SOEURS

que, nesta temporada, deixará apenas de ser útil para se tornar elemento altamente decorativo. Os casacos curtos, as pelerines, as grandes golas também estão na ordem do dia.

O "DISCIPLINADOR"

Rara é a criança que não ouve da mãe essa terrível ameaça "vou contar ao teu pai" — consequência de alguma travessura. Ou porque não se julgue com aptidões para resolverem por si mesmas o assunto, ou por acharem que isso faz parte das obrigações do pai, o fato é que tal sistema sempre existiu e continua existindo, apesar de injusto e impróprio. Em primeiro lugar, não nos parece lógico que uma criança venha a ser castigada à noite ou vinte e quatro horas depois, por uma travessura já praticada com alguma antecedência; em segundo lugar, e isto é importantíssimo — acaba-se por criar na criança, em relação ao pai, um estado de pavor que elimina qualquer possibilidade de um entendimento entre ambos. Habituada a ver nessa frase uma ameaça ao seu próprio bem estar, certamente a criança irá criando dentro de si o receio de enfrentar o pai e, quando este realmente a castiga, ouvindo as queixas da esposa, esse receio irá se transformando em raiva e ódio, o que ficará para sempre, mesmo quando já não existe a necessidade do castigo. Esses máus momentos ficarão gravados no sub-consciente da criança e pouca possibilidade existirá para que se livrem deles.

Não é por outra razão que vemos com tanta frequência pais e filhos entre os quais faltam a compreensão, a amizade e a camaradagem.

O pai que desejasse que isto não acontecesse, deveria, antes de mais nada procurar se tornar um amigo dos seus filhos; procuraria compreender e faria também com que a esposa o compreendesse, que o seu papel não seria apenas o de "disciplinador", encarregado de castigar o filho por qualquer travessura feita. Implicando, sim, em responsabilidades muito maiores. Proibir as queixas; não castigar senão quando isto fosse absolutamente necessário e quando o ato que provocasse o castigo fosse praticado na sua presença; procurar participar dos jogos e das brincadeiras dos filhos; conversar com eles com o mesmo interesse e a mesma atenção com que conversa com adultos; seria atitudes que conquistariam para o pai a amizade e a confiança dos filhos.

Assim, a sua chegada à noite seria esperada com satisfação e ansiedade e nunca com receio e pavor. Assim também se desenvolveriam entre pais e filhos, relações mais humanas, mais íntimas e mais duradouras. Assim também o pai deixaria de ser o temido "disciplinador" para ser o querido amigo.

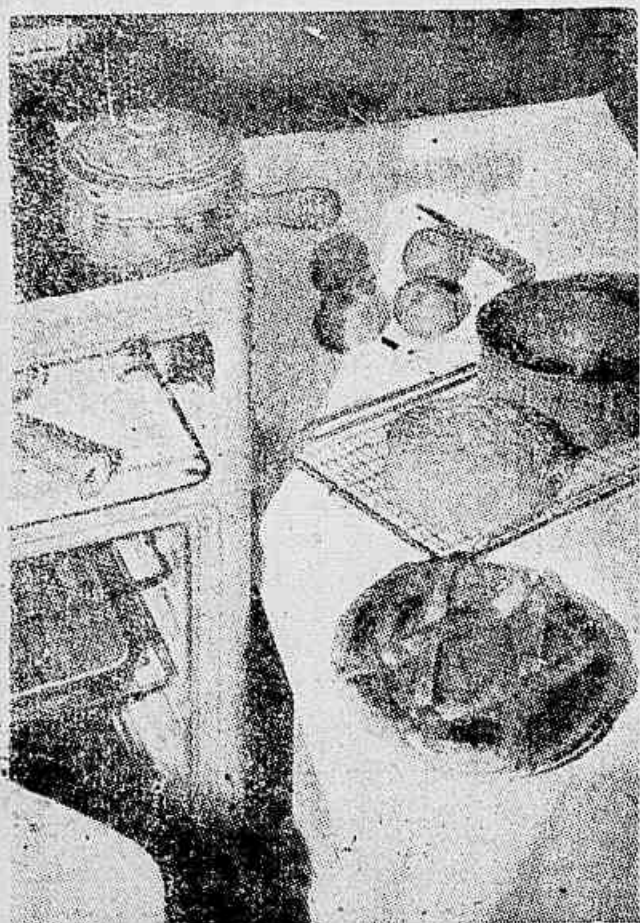
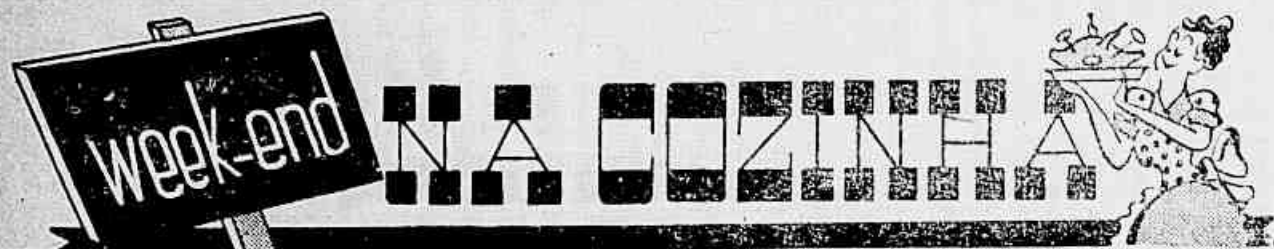
★

CONSELHOS

Querer que um filho obedeça cegamente é um tanto absurdo. A criança naturalmente tem os seus pontos de vista e ser-lhe-á muito útil, no futuro, que também possa expô-los. ★ A criança também precisa de distrações. É preciso que os pais compreendam isso e procurem proporcioná-las dentro das suas possibilidades, aquilo que necessitam. ★ A disciplina se faz mais necessária no que se refere à alimentação e sono. A criança deverá ter o seu horário certo de comer e as suas horas certas de dormir.



As "toilettes" de sua filhinha devem merecer o mesmo cuidado que as suas. E merecem. No entanto seus modelos deverão ser rigorosamente infantis e seus tecidos práticos.



O asseio é absolutamente indispensável para bom aspecto e a conservação da sua cozinha

SALADA DE COUVE-FLORES

Cozinhe uma couve-flor pequena e divida em raminhos. Cozinhe 3 cenouras e um punhado de vagens e parta em tirinhas. Parta também o branco de meio pé de aipo em tiras como fios de lã. Misture tudo bem e tempere com o molho de tomate abaixo.

MOLHO DE TOMATE FRIO

Bata 2 colheres de creme de leite, junte 1 colher de molho de tomate ketchup, 1 pitada de sal e gotas de limão.

BATATAS PARISIENSES

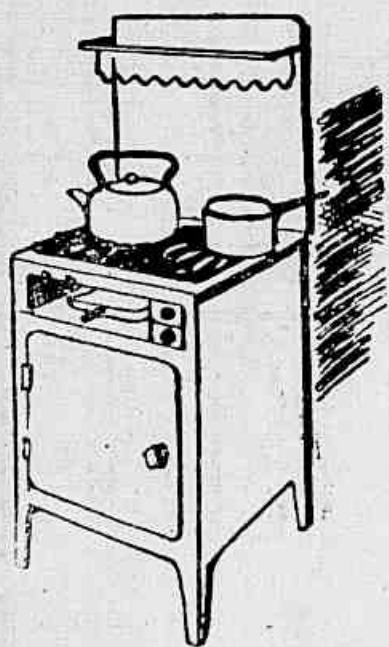
Descasque 1/2 k. de batatas, tire bolinhas menores do que avelãs, deite numa caçarola com 1 colher de manteiga, tape e deixe cozinhar até ficarem douradas; adicione uma colher de molho de carne assada ou 1/2 de extrato de carne dissolvida em caldo. Misture e sirva.

PIRÃO DE AIPIM

Tome 1 k. de aipim, descasque, deite numa panela, cubra com água e sal e leve a cozinhar até amolecer. Escorra, passe na máquina de moer carne, amasse com 1 colher de manteiga e junte um pouco de leite quente. Misture depressa e sirva.

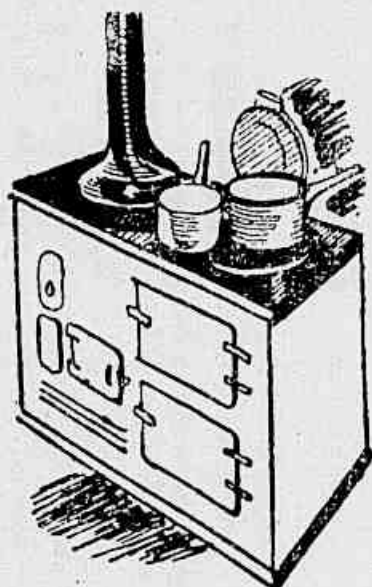
BEIGNETS DE BANANAS

Amasse 2 bananas d'água com 2 colheres de açúcar, junte 2 colheres de farinha de trigo com meia de Royal, junte 2 ovos batidos e 1 pitada de sal. Misture bem e frite às colheradas em banha. Sirva quente com açúcar e canela.



CREME DE MAIZENA

Leve ao fogo 1 caçarola com 6 xícaras de leite, 6 colheres de chá de maizena. Adoce à vontade, junte 5 gemas desmanchadas, 1 colher



de chá de manteiga e 1 pitada de sal. Bata com o batedor e leve ao fogo para engrossar. Quando aparecer bem o fundo da panela, despeje em taças, polvilhe de canela e guarde na geladeira ou em lugar fresco. Pode também servir quente, em pratinhos.

SORVETE DE DAMASCO

Tome 1 porção de damascos secos, cubra com água e deixe de molho por algumas horas. Passe por uma peneira bem fina e, para cada xícara de polpa obtida, junte 4 de água e açúcar à vontade e leve à congelar.



MODELOS DE HOLLYWOOD

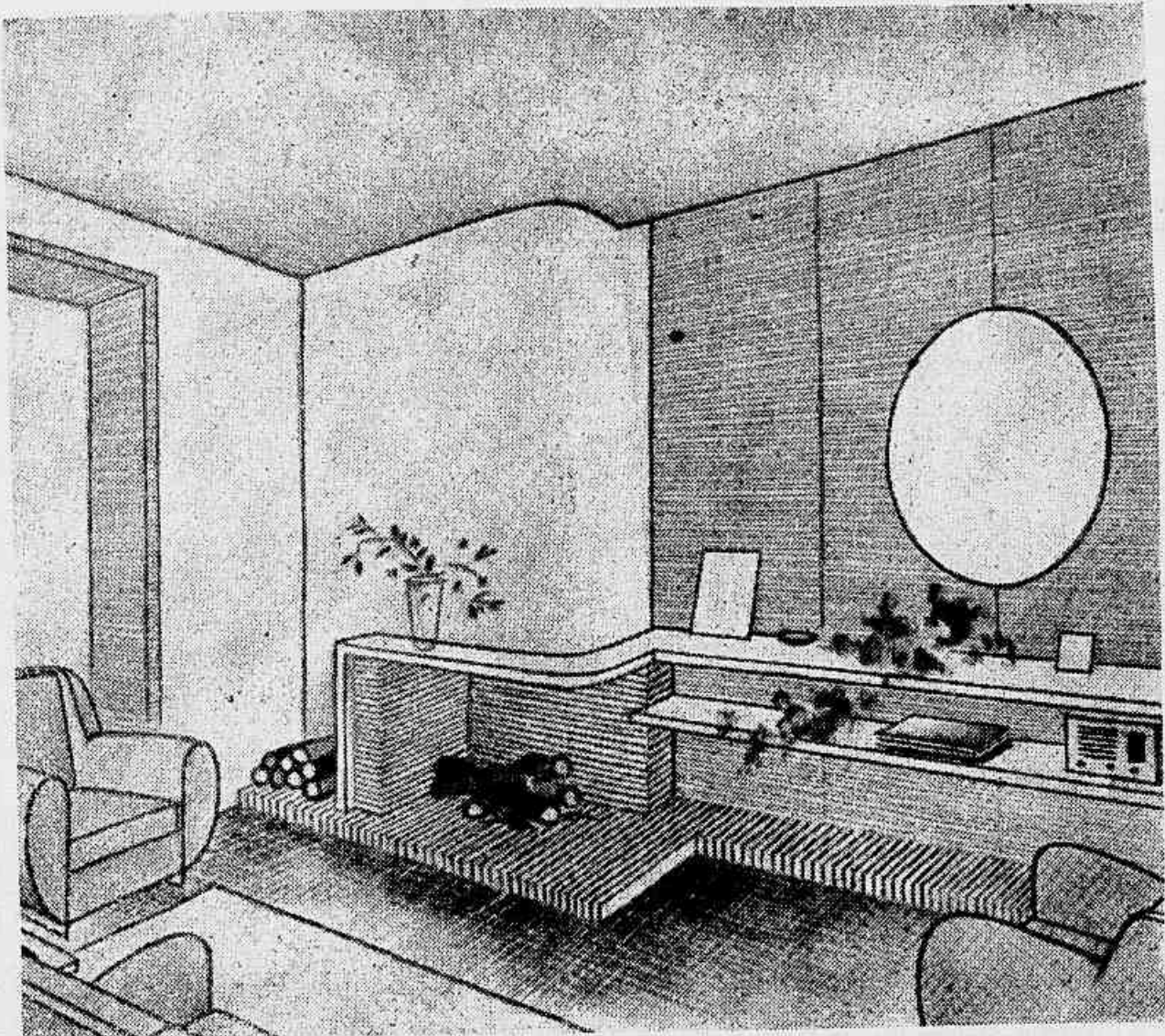


Em cima: Dorothy Patrick, da RKO, usa um "bonnet" de gorgurão marinho, completando um conjunto de saia marinho e blusão listrado branco, marinho e azul-claro. A esquerda: Com uma saia de lã cinzenta, Olivia de Havilland, da Paramount, veste um elegante caraco em tricô também cinzento, com listras vermelhas, formando desenho. Botões dourados combinam com o colar e bracelete da simpática "estrela". Em baixo: "Ensemble" em lã cinza-azulado, que veste bem em qualquer hora do dia. Uma "echarpe" azul com "pois" brancos, chapéu de feltro cinzento, bolsa e sapatos havaiana, completam a elegância do traje de Wanda Hendrix, também da Paramount. Sobre um vestido de linhas sóbrias, de seda preta, Rhonda Fleming, da Paramount, usa um casaco de "faillé" branco com listras pretas formando quadrados. O mesmo conjunto pode ser executado em lã.



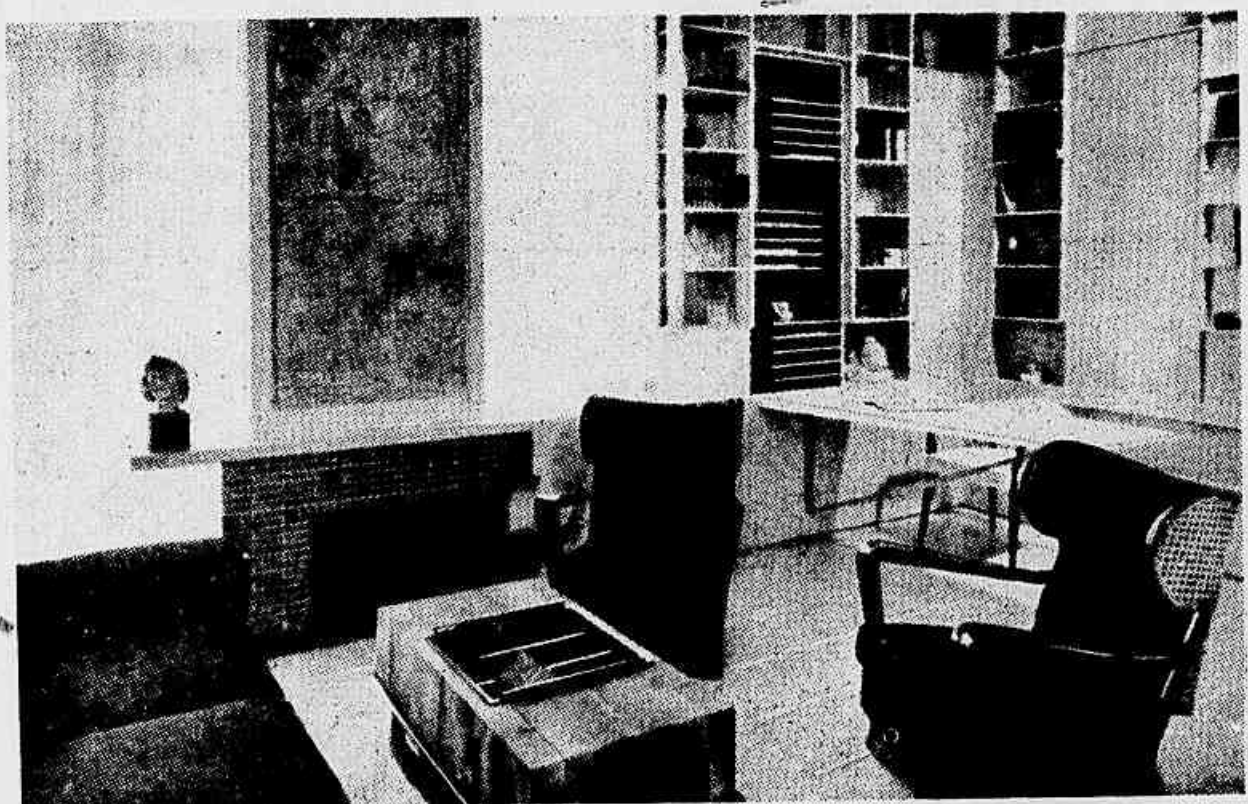
PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

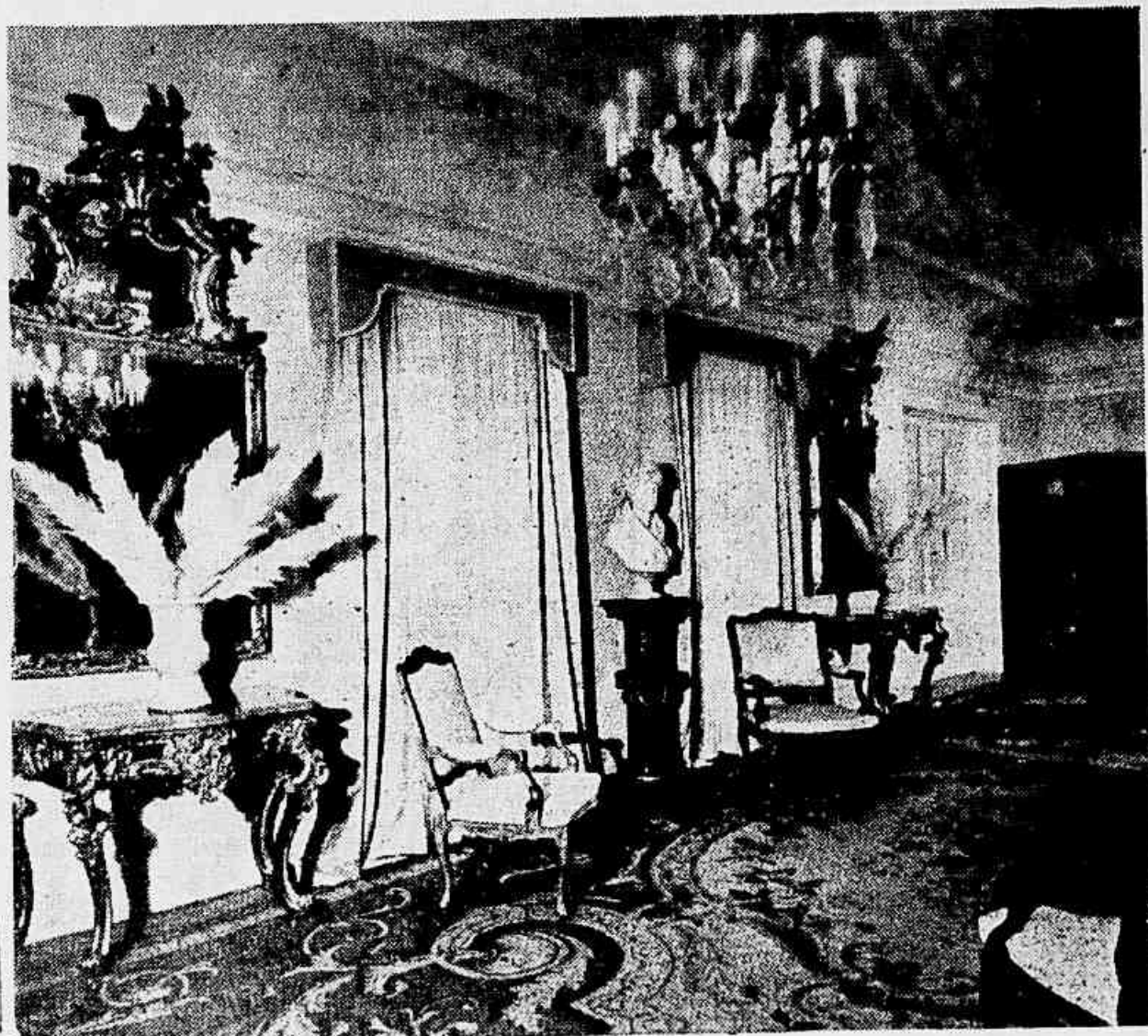


INTERIORES

Dois estilos opostos estão aqui apresentados. Os primeiros, de linhas retas, aproveitando todo o espaço disponível, dando ao ambiente maior luz e maior alegria. O segundo, mais requintado, com



suas tapeçarias suntuosas, seus móveis elegantes, seus consoles e espelhos dourados. Há inegavelmente um grande contraste. Um é prático outro suntuoso... Mas de qualquer forma pôde haver conforto, tudo dependendo do gosto e das possibilidades de cada um.



QUANTO PODE O AMOR...

Naquela noite fria e cinzenta, deixei-me ficar por longo tempo num banco de pedra do Passeio Público. Um vento bom fustigava-me o rosto, oferecendo-me uma paz de espírito quase completa. Num dado momento, divisei, não muito distante de onde eu me encontrava, um vulto de homem que se movimentava com visível impaciência, de um lado para outro. Confesso que, no primeiro instante, considerei aquela criatura igual a tantas outras que nesta imensa cidade vagueiam pelos seus jardins públicos, sem problemas ou ocupações. Entretanto, ao sentir que a sua inquietude aumentava de minuto a minuto, resolvi — embora discretamente — acercar-me dele e observá-lo com mais interesse. Era um homem aparentando pouco mais de 40 anos. O seu rosto, apesar de barbado e mal tratado, possuía uma ternura quase infantil. A roupa que vestia estava oculta por um sobretudo, que denunciava uma miséria extrema. No entanto, na lapela esfarrapada e suja ostentava um cravo branco muito viçoso, que parecia protestar contra a validade daquela infeliz criatura.

Passavam precisamente quarenta minutos das oito horas, quando, numa expressão desesperada, ele fitou o relógio luminoso da torre da Mesbla. Que se passava com ele? Que pretendia com tanta impaciência? Estaria esperando alguém? Mal formulei estas perguntas a mim mesma, percebi uma mulher que se aproximava. Era uma criatura jovem ainda e não menos miserável no vestir, do que aquele homem que há muito estava sendo objeto de minhas observações. Todavia, pela insegurança dos seus passos, olhar congestionado e expressão macilenta do seu rosto, pude facilmente compreender que aquela infeliz vivia dominada pelo inóbil vício do álcool. No entanto, a transformação que aquele trapo de mulher operou naquele homem aflito, que há mais de uma hora se encontrava ali, foi completa. O seu semblante foi iluminado com o mais puro dos sorrisos e ele, com a agilidade de uma criança travessa, precipitou-se ao seu encontro. Que espetáculo grandioso! Que sensação maravilhosa eu senti dentro de mim, ao presenciar a felicidade tão grande que aquela mulher conseguiu despertar naquele misero mortal!

De repente, uma voz entre nervosa e feliz, rasgou o silêncio da noite: — Minha querida, por que você demorou tanto? Esqueceu que marcamos aqui às sete horas? Já estava tão agoniado... Toda hora eu espiava o relógio e vendo o tempo passar sem você aparecer começava a sentir uma coisa apertando aqui dentro — e colocou a mão trêmula em cima do coração. Ela, no entanto, em retribuição àquelas frases carinhosas e ao interesse que aquele homem demonstrava, limitou-se a uma inclinação de cabeça. Depois, entreabriu os lábios e deixou escapar umas frases de sentido desconexo. Diante das palavras confusas que ela pronunciou, ele sorriu, porém, desta vez, foi um sorriso que revelava uma tristeza infinda.

Todos os bancos estavam ocupados e notando que a sua companheira naquele estado estava despertando a atenção dos transeuntes, senti o seu amor próprio ferido. Chegou perto de mim e perguntou: — A senhora dá licença que nós dois sentemo-nos aqui, ela está passando mal e não aguenta muito tempo em pé.

Respondi-lhe que não havia nenhum inconveniente. Ele dirigiu-se à ela, passou-lhe o braço pela cintura e trouxe-a para o banco em que eu me encontrava. Ficaram longo tempo em silêncio. Num dado momento, tomou-lhe a mão e sôfregamente levou-a aos lábios. Sem querer encará-la, rompeu a quietude reinante com a sua voz cálida e terna: — Meu amor, você anda bebendo de novo? Eu não já lhe pedi até pelo amor de Deus que deixasse isto? E por que você continua? Não vê que, assim só pode me aborrecer? Um soluço baixinho foi a única resposta que recebeu. Fez um gesto de complacência, tirou o cravo da lapela. Passou a mão desocupada pela cabeça de sua amada e muito carinhosamente lhe disse: — Não chore minha querida. Eu não estou zangado com você, quando falo assim é para o seu próprio bem, pode acreditar. Tome. Este cravo eu comprei para você.

Num verdadeiro grunido, ela agradeceu aquela prova do mais singelo amor com estas palavras: — Que tolice! Ao invés de gastar dinheiro com flor, devia ir tomar um café comigo, pois estou morrendo de fome.

Ele apalpou os bolsos e disse: — É pena querida, mais eu não tenho dinheiro que chegue.

Lastimando a miséria, que teimava em arrebatá-la felicidade daquele homem, não me achei com coragem para permanecer por mais tempo ali. Senti desejo de oferecer-lhe algum dinheiro, porém, tive receio de magoá-lo e estragar aquela noite que me proporcionou naquele simples banco de jardim, uma grande e bela lição de amor...

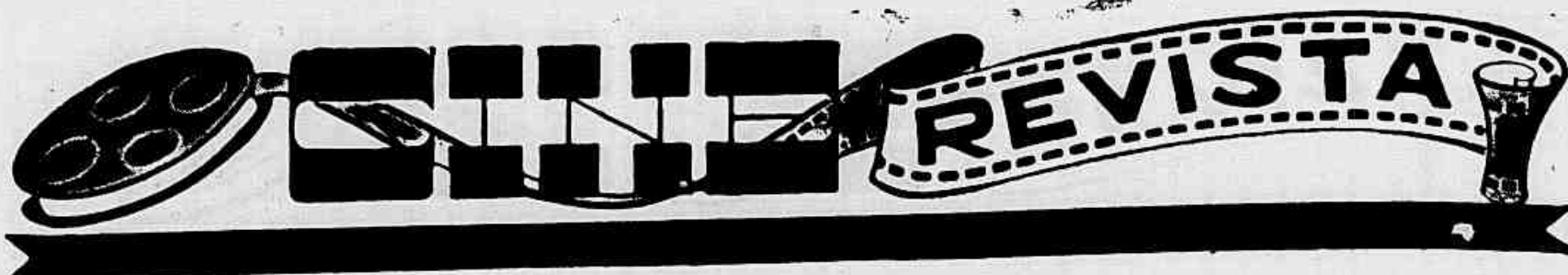
Correspondência

Jane Simone — Salvador — Bahia.

"Era noiva de um rapaz há quase cinco anos. Tenho por ele verdadeira adoração e ele, sabendo disso, procura divertir-se com o meu amor. Já marcou e desmarcou o nosso casamento três vezes. Não achando direito, procurei uma explicação. Ele zangou-se e terminou o nosso noivado. Estou francamente desesperada. Que devo fazer?"

Jane, o desespero, nestas situações, nada adianta, pode ficar certa. Este rapaz, se realmente sabe do grande amor que você dedica-lhe e procura divertir-se com ele, tenha paciência, esta criatura não se revela um homem de caráter. Além de ser incorreto é em demasia indeciso, uma fraqueza que não recomenda os homens dignos. Portanto, você deve dar graças a Deus de ter podido compreender, antes, de ligar para sempre, o seu destino ao deste homem, que não faz jus ao seu amor. Saiba sem sensata e tenho certeza que você há de encontrar alguém que realmente lhe ame e estime como merece.

Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercedes Santos — Problemas da Mulher — na redação desta revista, à rua Maranguape, n.º 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



LEON ELIACHAR

A PUBLICIDADE

Uma das mais poderosas armas dos dias atuais, é, sem dúvida alguma a publicidade, essa força que penetra, à custa da insistência e da habilidade, dentro dos cérebros mais incrédulos. No cinema, ficou evidenciado a sua indispensabilidade, pois, indiscutivelmente, sem esse programa de propaganda pré-estabelecido, dificilmente, as películas obteriam o resultado financeiro previsto pelos produtores, esses homens cuja mentalidade é orientada, em sua quase totalidade, por um câlculo que lhes cobre inteiramente a visão artística. Compreendendo essa necessidade imperiosa, imposta pelas condições do agitado século em que vivemos, o cinema não mediu sacrifícios em organizar seus poderosos e eficientes departamentos de publicidade, onde homens especializados e de visão larga, usam de todos os meios, possíveis e impossíveis, nessa difícil arte de convencer o próximo. A propaganda, posta em prática primeiro em Hollywood, alastrou-se aos demais cinemas do mundo inteiro cuja evolução e progresso lhes exigiu também a instalação de departamentos especializados, aptos a fazer a divulgação de sua produção fílmica nos quatro cantos do mundo. E, embora não pareça, a verba destinada à propaganda dos filmes atinge em média a fabulosa soma de nove por cento dos gastos totais da fabricação de uma película, o que pode parecer absurdo. Mas, em verdade, bem sabem os magnatas do celuloide o quando lhes pode representar, em lucro certo, esse capital aparentemente desperdiçado, revertendo, em seu favor vantagens espantosas que dificilmente o próprio conteúdo e valor artístico da película poderiam acarretar, se lançados abstratamente, sem esse incentivo que aguça a curiosidade do público, sem esse micróbio que rói a paciência do espectador e termina por levá-lo aos salões de projeção.



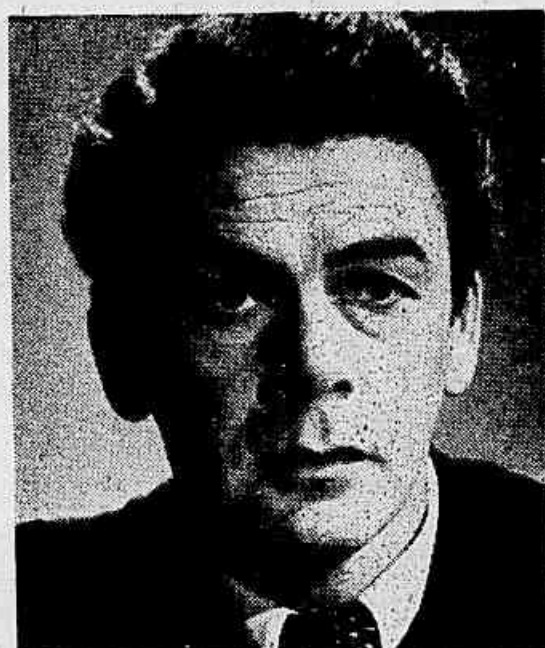
BING CROSBY GANHA O "OSCAR" DO JAPÃO!

Bing Crosby, o crooner millionário, acaba de receber um "Oscar" japonês, correspondente ao astro americano mais popular na terra das geishas.

O júri foi constituído de exibidores, críticos cinematográficos e leitores do jornal Kobo.

Quanto ao troféu que corresponde ao "Oscar" da Academia, um riquíssimo vaso Kutani de quase um metro de altura, já está a caminho de Hollywood, devidamente acondicionado num baú de flandre.

O curioso do resultado do concurso é que Crosby, famoso no Japão somente depois da guerra, eclipsou os antigos favoritos, que eram Clark Gable, Tyrone Power, Gary Cooper e Charles Boyer.



MUNI



TAMIROFF



LORRE

FEIOS, PORÉM TALENTOSOS...

Do que Hollywood mais necessita, no momento presente, é de jovens atores característicos, homens ou mulheres, bonitos ou feios, mas que saibam representar convincentemente.

Esta é a opinião do chefe de elenco e diretor da escola de atores dos estúdios da Paramount, opinião que por certo encherá de esperanças os que não possuem a beleza física de uma Joan Caulfield ou Alan Ladd.

"Diariamente recebo a visita de centenas de pessoas que se acham parecidas com John Fontaine, Gary Cooper, Ray Milland, Gail Russell, etc., — disse o alto funcionário da Marca das "Estrélas" — "o que aliás é muito natural, pois todos os indivíduos bonitos que procuram os estúdios, guardam no íntimo a convicção de que Hollywood precisa deles. Já os feios ou de mau aspecto, por maior que seja o talento artístico, que possuam, ficam acavaldados, temerosos, e não se arriscam a procurar a chance que, entretanto, é bem maior para eles. Daí a crise que ora se verifica, na maioria dos estúdios, de atores como

Joseph Calleia, Akim Tamiroff, Paul Muni, Peter Lorre, Wallace Beery e Edna Mae Oliver".

Antigamente, era facilíssimo se conseguir atrizes e atores característicos no **vaudeville**, nas peças e revistas teatrais, o que já não é mais possível hoje uma vez que os que se dedicam ao teatro procedem do cinema e vice-versa.

Ainda há poucas semanas, quando Cecil B. De Mille necessitou filmar uma das cenas de "massas" de sua produção em technicolor, "**Sansão e Dalila**", lutou para encontrar jovens de 18 a 20 anos que não tivessem estampado no rosto o padrão de beleza ditado pelo **new look**. E o mais grave é que poucos deles possuíam talento bastante para assumir um aspecto de gente dos tempos bíblicos, condição indispensável à verossimilhança da referida cena.

"E' fora de dúvida que os estúdios necessitam de formar um quadro de moços e moças que possuam algo mais do que um belo físico. Que sejam talentosos, enfim", resumiu o chefe de elenco dos estúdios da Paramount.



OLGA SAN JUAN Nos Estúdios da 20th Century Fox, Olga San Juan, cantora e bailarina, recebe os últimos retoques para entrar em cena. Trata-se do filme "**The Beautiful Blonde From Bashful Bend**", estrelado por Betty Grable e dirigido por Preston Sturges.



Numa cena de "A Dança dos Milhões"

UMA NOVATA QUE SE IMPÕE!

WANDA Hendrix é uma das melhores "estrelas" de Hollywood, na estatura, bem entendido, porque em popularidade ela cresce de dia para dia, aproximando-se, em cada filme que interpreta, das alturas dos cubitados "stardom".

Essa simpática atriz que os críticos proclamam "a maior revelação dramática" destes últimos dez anos, chama-se na vida particular Dixie Wanda (o Dixie ela abandonou quando foi para Hollywood). Filha única, nasceu no dia 3 de novembro de 1928, num modesto "bungalow" da cidade de Jacksonville, na Flórida. Possui cabelos castanhos, olhos verdes, mede 1,55 cents. de altura e pesa 43 quilos, o que lhe permite, a conselho médico, fazer cinco refeições diárias.

Muito simples e modesta, Wanda costuma dizer que só tenta ser atriz quando está diante da câmera. Não é afetada, acha o "glamour" um luxo desnecessário e prefere dormir cedo a frequentar qualquer night club. Vive em companhia de seus pais, numa casa simples, de aluguel, no bairro de San Fernando. Wanda Hendrix iniciou seus estudos na cidade onde nasceu, e nunca lhe passou pela cabeça, nessa ocasião, que viria a ser diplomada na escola mantida pelos estúdios da Paramount,

em Hollywood, um mês após interpretar um filme ao lado de Bing Crosby.

Seus estudos de arte dramática foram iniciados muito cedo, com Marcella Cisney, diretora do Pequeno Teatro de Jacksonville, que tomou a seu cargo a carreira de Wanda, preparando-a para a interpretação de pequenos papéis nas peças "Personal Appearance" e "Junior Miss". Mais tarde, Miss Cisney persuadiu um "descobridor de talentos" da Warner a ir a Nova York entrevistar sua promissora atriz. Dessa entrevista, resultou um contrato que fez com que a família Hendrix se transferisse para Hollywood, quando Wanda tinha quinze anos de idade.

"Agente Confidencial", com Charles Boyer e Laureen Bacall, foi o filme de estréia. A Warner, convencida embora do talento da nova contratada, negociou o contrato com a Paramount, por não ter no momento argumento para ela. A Marca das Estrelas lançou-a então ao lado de Bing Crosby em "Deus Me Deu Um Amigo", competindo a Wanda viver na tela a figura de uma menina de doze anos.

Logo depois a Universal-International pediu-a por empréstimo para trabalhar com Robert Montgomery em "Ride the Pink Horse". Foi rui-

doso o sucesso, firmando-se Wanda Hendrix junto ao público como uma criatura de personalidade magnética. Nesse filme, a jovem artista desempenha um papel que a obriga a falar inglês com o sotaque típico dos mexicanos.

A seguir, a Paramount confiou-lhe um dos principais papéis de "Meu Verdadeiro Amor", filme de Phyllis Calvert, que acaba de lograr merecido êxito nos Estados Unidos. Fêz depois uma comédia, "A Dança dos Milhões", sendo seus companheiros de elenco, John Lund, Barry Fitzgerald e Monty Wooley.

Tão impressionada ficou a Paramount com o talento versátil de sua nova atriz, que adquiriu os direitos de filmagem de um enternecedor romance, "O Pecado de Amar" para ser vivido por ela, ao lado de Claude Rains. Os passatempos preferidos de Wanda são a dança, a pesca, o tênis, a esqui e os "pícnics". Os artistas seus preferidos são Jennifer Jones e Ray Milland. Wanda Hendrix esteve recentemente na Itália, tomando parte num filme de Tyrone Power, e de lá trouxe uma belíssima mantilha de renda verdadeira, que será usada por ela no dia do seu casamento com Audie Murphy, o soldado-herói norte-americano que maior número de condecorações recebeu durante a última guerra mundial.



Wanda Hendrix



Com Phyllis Calvert, em "Meu Verdadeiro Amor"

POR VIA AÉREA

Francis Sullivan, uma das boas figuras da interpretação de "Grandes Esperanças", aquele filme britânico, foi contratado pela Metro-Goldwyn-Mayer quando menos esperava, para aparecer em "The Red Danube", filme ora em andamento sob a direção de George Sidney, com Walter Pidgeon, Peter Lawford, Angela Lansbury, Ethel Barrymore e Janet Leigh. Sullivan estava com Hollywood simplesmente a passelo, sem o menor propósito de trabalhar, quando recebeu a visita de um "executive" dos estúdios da marca do Leão, que o convidou a aceitar um dos principais papéis daquela película. Interessante é que, também a passelo, Sullivan estivera antes em Hollywood quatro vezes, e só agora se lembraram de lhe interromper as férias.

★

"Death In The Doll's House" é o título do filme que Ann Sothorn e Zachary Scott estão interpretando agora nos estúdios Metro-Goldwyn-Mayer. Sabe-se que Ann Sothorn também tomará parte em "Nancy Goes To Rio", um novo film musical-tecnicolor, produzido por Joe Pasternack, com Carmen Miranda e outras figuras interessantes, inclusive Jane Powell.

★

"A Bela Ditadora" (Take me out to the Ball Game), romance musical com Esther Williams, Gene Kelly e Frank Sinatra, foi recebido com muita simpatia. A direção é de Dusby Berkeley. Betty Garret, Edward Arnold e Jules Munshin completam o elenco.

★

Sam Wood vai dirigir uma história desenrolada no "far-west": "Ambush" é o seu título. O filme será da Metro-Goldwyn-Mayer, para a qual Sam Wood dirigiu há pouco dois filmes: "Trágica Decisão" (Command Decision) e "Sangue de Campeão" (The Stratton Story).

★

"Annie Get Your Gun", comédia musical de Irving Berlin, enorme sucesso na Broadway, está prestes a ter iniciados seus trabalhos nos estúdios Metro-Goldwyn-Mayer, sob a direção de Busby Berkeley e Judy Garland no principal papel. Irving Berlin anunciou estar decidido a abandonar suas obrigações em Nova York e partir para a Califórnia, a fim de ter o prazer "de ver Judy Garland melhorar tudo quanto escrevi para "Annie Get Your Gun"...

★

Glenn Ford aparecerá num filme Metro-Goldwyn-Mayer! Está interpretando, em Culver City, sob as ordens de Curt Bernhardt, "Bodies And Souls" — ao lado de Janet Leigh e de Charles Coburn.

★

Já terminaram os trabalhos de "The Forsyte Saga", que Compton Bennett dirigiu e cuja filmagem se fez em technicolor. Greer Garson, Errol Flynn, Walter Pidgeon, Robert Young e Janet Leigh formam o elenco dessa super-produção de grande espetáculo. Greer Garson está gozando algumas semanas de descanso, devendo regressar brevemente aos estúdios Metro-Goldwyn-Mayer para estudar detalhes de seu próximo filme.

★

Robert Taylor e Elizabeth Taylor já regressaram da Inglaterra, onde interpretaram, por incumbência da Metro-Goldwyn-Mayer, "Traidor" (The Conspirator), sob a direção de Victor Saville, o diretor de "Anos de Ternura".

★

O número "A Couple of Swells", interpretado por Judy Garland e Fred Astaire em "Desfile de Páscoa", tem sido, em toda parte, a maior sensação dessa agradável comédia musical em technicolor. Judy Garland já declarou que esse é o número favorito de toda a sua carreira. "Eu própria me diverti muito quando o interpretei com Fred Astaire" — declarou.

★

"Madame Bovary", dirigido por Vincente Minnelli, está sendo editado. A Metro-Goldwyn-Mayer inclui esse entre os seus filmes mais ambiciosos. Aliás, o elenco é de primeiríssima: Jennifer Jones, James Mason, Van Heflin, Louis Jourdan e Christopher Kent, para só citarmos os nomes mais importantes. James Mason faz o papel de Gustave Flaubert, o autor.

A CRUZA

CONTO DE GALVÃO DE QUEIROZ

MARIA tinha saído com as crianças, e eu me senti tão sozinho em casa, tão irritado com o calor que, contra os meus hábitos, resolvi sair também. Decidi que iria pela estrada, sem destino, até encontrá-los, pois aquela hora já deviam estar pensando em voltar.

As grandes touceiras de bambus que marginavam a cerca projetavam grandes sombras, aqui e ali, sombras que eu aproveitava o mais possível mas que, embora abrandando o efeito do sol, não diminuía em nada o calor, que abafava apesar da proximidade do crepúsculo.

Nunca eu andara, como então, por aquela parte da estrada. Tinha passeado, já, algumas vezes, mas na outra direção, que levava à cidade.

Não sei que distância andei. Entregue aos meus pensamentos, posso até dizer, sem exagero, que esqueci onde estava e o que fazia. Por isso, foi quase de surpresa a minha impressão quando, ao fazer uma curva, deparei com aquela vendinha, a vendinha típica da beira de estrada, de duas portas com portais pintados de azul.

A frente havia três cavalos, arreados pobremente, amarrados a um moirão. Crianças brincavam, num arremêdo de calçada cheia de cascas de cana e de tampinhas de cerveja. Alguns homens conversavam, sentados uns sobre sacos ou caixotes, outros sobre o balcão ou nas soleiras das portas.

Quando apareci, mal fui avistado a conversa cessou. Logo, porém, um deles me reconheceu e dirigiu-me a palavra:

— Seja bem aparecido, seu doutor. Que milagre foi este?...

Aquela gente já notara, era evidente, meu modo arreado, e a minha aparição ali, naquela tarde de domingo, os surpreendia. Vi que alguns olhos me fitavam desconfiados.

O homem que me falara era Etelvino, encarregado de zelar pela chácara que eu alugara para um veraneio de três meses. Viera a mim cordialmente, dando-se ares de íntimo, e compreendi que não devia desapontá-lo diante dos demais. Minha obrigação era ser tão cordial quanto ele. Sempre fui avesso a expansões, a longas conversas de acaso, mas compreendi que naquela ocasião devia ser diferente. A simplicidade daqueles homens não devia, nem de leve, ser ferida pelo meu carrancismo de homem da cidade. Por isso fiz, sobre mim mesmo, um certo esforço, e respondi à saudação:

— Nada de milagres, seu Etelvino... Estou dando um passeio...

— Se o doutor quiser chegar, não faça cerimônia. A rodinha é de gente pobre, seu doutor, mas de gente direita...

— Deixe disso, homem!

Enquanto falávamos, aproximei-me mais da calçada, onde as crianças tinham parado de brincar, para me olhar. Alguns dos homens desceram dos sacos e caixotes, ficando de pé, em atitude constrangida e respeitosa.

— Pessoal — disse Etelvino — este é o doutor que alugou a chacinha...

— Boa tarde para todos — disse eu, procurando ser amável, buscando mesmo ser o mais amável possível.

Uns tiraram o chapéu. Outros, levaram a mão à testa, numa espécie de cumprimento militar.

— Boa tarde... — disseram quase em coro.

Fêz-se, então, à nossa volta, um ambiente de constrangida expectativa. Aquêles homens rudes não sabiam o que dizer, tolhidos pela minha presença. E eu, que tinha obrigação de sabê-lo mais que eles, não sentia em verdade a menor disposição para dizer fosse o que fosse. Qualquer frase que eu dissesse soaria aos meus ouvidos como coisa idiota, sem sentido, frase óca e vazia que poderia perfeitamente deixar de ser pronunciada. Mas senti fixos em mim — o doutor, homem da cidade — todos aqueles olhos, e compreendi que era eu quem tinha de falar.

E falei.

Indaguei de todos sobre suas situações, sobre seus trabalhos, sobre detalhes acerca daquela região. Informei-os sobre o que sabia a respeito de um projeto de construção de estrada de ferro cuja linha deveria passar ali perto...

Pouco a pouco lhes fui conquistando a confiança, e eles se foram agrupando à minha volta, curiosos, interessados, querendo ouvir tudo o que eu dizia, procurando reter minhas palavras. Quanto a mim, por minha vez, comecei a me sentir mais à vontade, mais espontâneo, e cheguei a fazer uma série de perguntas não já apenas por mera atitude ou formalidade. Desaparecera aquele tédio do começo, a preguiça de trocar idéias, de falar por falar, de pronunciar frases só pelo gosto de as proferir.

Mas os assuntos eram poucos, e querendo comentar qualquer coisa ainda, espreiei o olhar em torno, em busca de qualquer nova sugestão. E vi, junto à parede que o sol dourava com um clarão fulvo de ouro de jóia antiga, uma cruz rodeada por pequena grade de sarrafos finos, tudo pintado de azul, o mesmo azul das esquadrias e portais da venda.

— Houve morte, aqui? — perguntei a Etelvino.

— Deus quis, seu doutor — respondeu um dos homens, ao mesmo tempo que levantava o chapéu da cabeça.

— Uma história muito triste, seu doutor — acrescentou Etelvino. — Nem vale a pena lembrar...

— Seu Etelvino disse bem, moço — interveio um preto velhinho, de carpinha de algodão. — Coisa triste assim, não vale a pena lembrar...

ILUSTRAÇÃO DE LUIZ CANABRAYA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA





Apesar da repugnância que mostravam em evocar aquela morte, e sua história, trágica por certo, senti-me tentado a pedir, a insistir para que a contassem. Ia fazê-lo quando vi, porém, Maria e as crianças, que logo a deixaram para correr ao meu encontro.

Regressamos juntos. A partir daí, nunca mais pensei na cruz nem na tragédia, pela qual me desinteressara mal me afastei do lugar.

Alguns dias depois, entretanto, por acaso, vim a saber tudo. A noite, após o jantar, estava eu na varanda, quando apareceu, em visita, o Etelvino. Chegou, sentou-se no degrau da pequenina escada, e começou a parolar. Eu acendera um charuto e saboreava-o preguiçosamente, na penumbra, gozando o perfume dos narcisos do brejo, que via branquejar ao longe.

De repente Etelvino perguntou, num tom de quem deixa escapar algo que vinha contendo a custo:

— Seu doutor ainda quer saber como foi a história da cruz da venda?

Antes de responder pensei, admirado, na acuidade do espírito daquele homem rústico, ao qual não tinha passado em branco o interesse que eu sentira de conhecer a tragédia, embora nada houvesse dito.

— Se não é coisa que arrepie... nem faça mal, depois do jantar... — respondi sorrindo.

— Naquele lugar, seu doutor, — começou ele, mostrando-se mais aflito para contar do que eu para ouvir, — bem ali juntinho da parede foi que morreu Zé Cláudio, filho do dono da Fazenda da Aroeira. Era um moço desabusado, tinha seus pores, mas a gente daqui gostava dele. Era brigão como que, e não levava desaforo p'ra casa. E tinha uma raiva de padre, de santo, de igreja que o doutor não imagina!

— P'ra falar verdade, acho que foi esse negócio de quartel que deixou ele assim. Depois que veio do sorteio, veio com uma birra com santo, religião e reza! Deus que me perdoe!

— Uma tarde de domingo a gente estava, como o doutor viu naquele dia, proseando na venda, quando ele apareceu no cavalo ruço, num trote largado. Chegou, pulou da sela, amarrou o animal na argola e logo se meteu na conversa, porque era bom prosador como ele só.

— Conversa vai, conversa vem, porque virou, porque mexeu, um qualquer do grupo falou no nome de Deus.

— “Zé Cláudio virou p'ra dentro e disse, com a cara fechada:

— “Se Deus quiser” é bobagem! Me admira você, um homenção desses, dizendo besteira. Deus não existe!

— “O outro, que conhecia o gênio do rapazinho, ficou calado. Mas Zé Cláudio, que já tinha bebido umas quatro canas, insistiu. O outro tratou de evitar a discussão com ele. Mas qual! Quando a gente menos esperava, Zé Cláudio entrou na venda, apanhou em cima do balcão uma lata de tinta, a tinta com que seu Apregio escrevia as tabuletas de preços, veio p'ra fora e, com o pincel bem molhado, escreveu na parede, do lado de fora: “Deus não existe!”

— Jogou a lata pro lado, limpou a mão na perna da calça e, virando p'ra nós, berrou, com uma cara de raiva que eu nunca mais esqueci:

— “Seus carolas, seus frouxos... Estão vendo o que escrevi? Pois, agora, eu desafio esse tal de Deus! Se ele existe, mesmo, venha e apague! Assim eu acredito!

— “E soltou uma gargalhada.

— “Ninguém disse nada. Todo mundo estava sem jeito, se sentindo mal.

— “Aquilo, então, parece que fez Zé Cláudio se encher de vento. Tornou a entrar na venda, apanhou a garrafa em cima do balcão, quase vazia já, e veio p'ra fora, e começou a beber pelo gargalo.

— “Todo mundo estava quieto, como que adivinhando que aquela história não ia acabar bem.

— “Vendo a gente calada, Zé Cláudio pareceu se irritar inda mais. E, então, p'ra fazer maior bravata, pegou a garrafa vazia e, dobrando o corpo para trás, mandou-a com força contra a parede. Os cacos se espalharam pelo chão.

— “Cadê o tal Deus, que não vem apagar o que eu escrevi? Viram, seus galinhas, que isso de Deus é mentira?

— “Cambaleando, caminhou então para junto do ruço, pegou as rédeas e montou, decidido a ir embora.

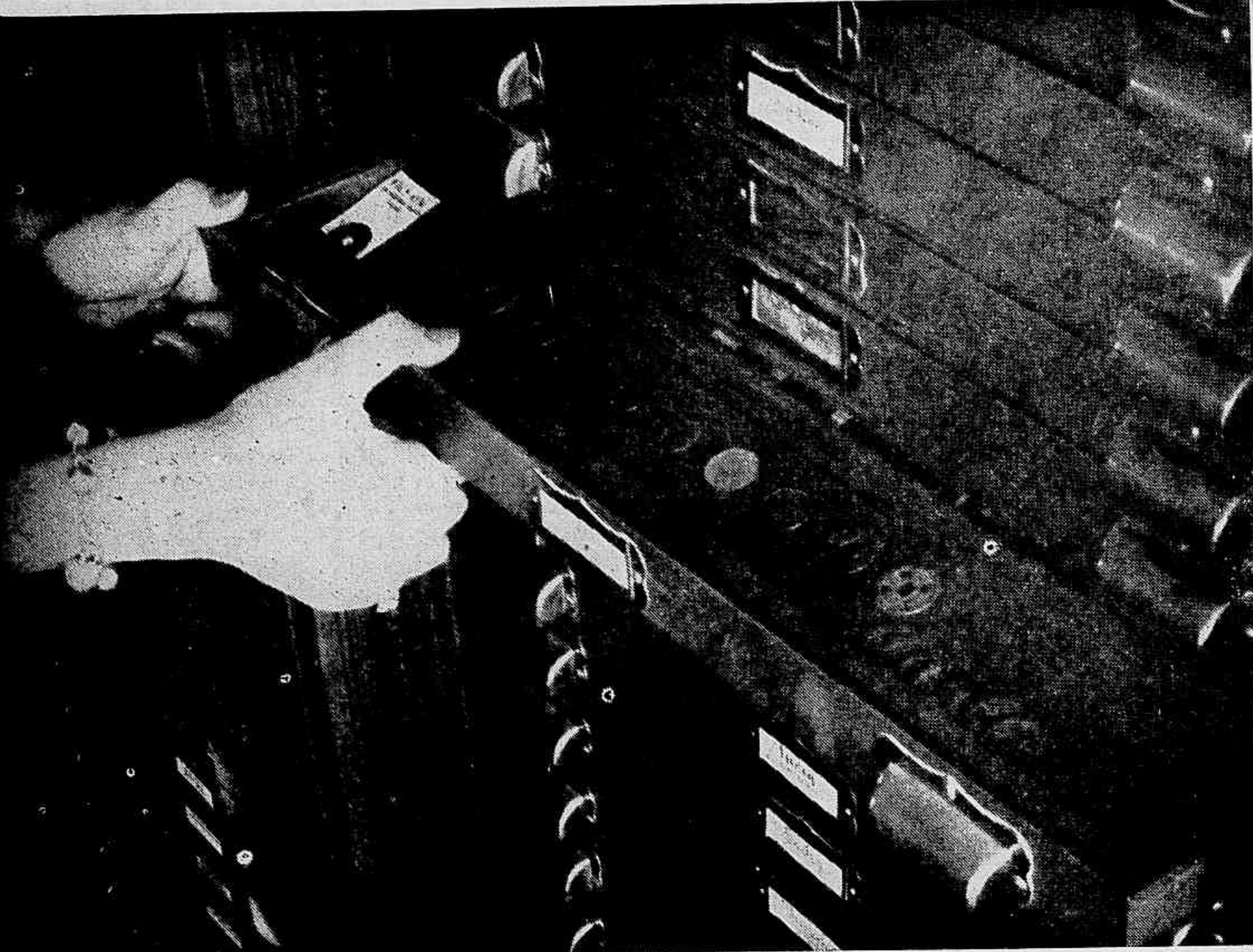
— “E foi aí, seu doutor, que aconteceu uma coisa que eu até hoje não acertei explicar. O cavalo de Zé Cláudio era um bicho manso, e estava acostumado com ele. Até dava cilhão, às vezes, p'ras moças da fazenda... Pois, seu doutor, mal Zé Cláudio meteu o pé no estribo, ele deu um salto, corcoveou, escoiceou como se fosse um potro chucro, e o rapaz, que já não estava firme nas pernas, não teve jeito de se aguentar na sela. Zé Cláudio voou, pode-se dizer, por cima do lombo do bicho, e foi cair quase em cima da parede.

— “Caiu e fez menção de se levantar, mas ficou branco como cal, botou a mão no peito, amparou-se na parede, cambaleou, tombou daqui, tombou dali... Quando a gente viu, a camisa dele estava vermelha: o sangue vinha que era uma coisa de arrepiar! O azar foi tanto, seu doutor, que ele caiu de borco em cima da garrafa quebrada, e uma ponta de vidro, afiada como um punhal, enterrou — lá nele! — bem no meio da caixa do peito...

— “Com as mãos empapadas de sangue, pobre moço procurava se apoiar na parede. Arquejava, coitado, que nem boi quando leva a facada e custa a morrer... Ainda fez um bocado de força, deu uns gemidos, chegou quase a ficar em pé, mas depois as pernas foram ficando fracas, e ele caiu de joelhos, com o corpo curvado p'ra frente. Não demorou muito e arriou, morto, seu doutor.

— “Só aí foi que a gente teve ânimo de chegar perto. O doutor sabe como a gente fica, numa hora assim... Agarramos o corpo, carregamos para a calçada, e logo se tratou de mandar avisar na fazenda... Apanharam o vidro que tinha feito aquela desgraça, e foi então que o Juca Murinho reparou nas palavras escritas na parede.

— “Das três, seu doutor, agora só duas podiam ser lidas: “Deus ... existe”. A palavra do meio ele mesmo tinha apagado com sangue, quando se amparou na parede, ajoelhado, na horinha mesmo de morrer...



De cima para baixo: Coleção de moedas da China sendo mostrada pela funcionária da seção de Numismática do Museu. Barras de ouro fundido, de Mato Grosso e Sabará, Minas Gerais e que correram como moeda no século XVII.



Moedas chinesas de diferentes formas chamadas pelos ingleses "Pumoney", "weight money" e "knife money".



A CONTECEU que um dia dêses fiz uma curiosa e amena viagem. Não só através de outras terras, mas também de outras épocas. Mãos amigas conduziram-me por um mundo longínquo e assim percorri distantes terras e andei entre gente do passado. Curioso passeio, pois que troquei dracmas, por obolos entre gregos, paguei em denários, entre os romanos, recebi zimbo em Angola, fiz negócios a trôco de cauri e de tical, em talento, em sapeca, na velha China em florins, com diversos povos, em praças diferentes e em tempos que já se foram. Penetrei mesmo entre os Lídios e os habitantes da Ilha Egina, no VII século antes de Cristo. Vi a cunhagem do "electrum" pelos primeiros e a de prata pelos segundos.

Negociei com moedas quadradas, oblongas, esféricas, em barras, em lâminas, de ouro, de cobre, de prata, de marfim, de barro, de couro, de madeira, de porcelana, de vidro, de ligas diversas, de busios, de moluscos, de estanho, de fruta, numa infinita variedade de cores, de formas e de valores. E vi coisas ainda mais distantes, quando não havia moeda metálica e a moeda era representada, pelo algodão, o linho, o cacau, o café, o milho, o arroz, por bugingangas e quinquilharias, ou mesmo pelos seres humanos, pois que negócios também se faziam e se pagavam com mulheres, filhas ou espôsas, não importa, que muito andou o mundo antes de chegarmos aos títulos, promissórias, letras bancárias e outros valores.

Foi uma amena viagem, mas tudo não passou, na realidade, dos limites dessa mul conhecida cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ali na praça Marechal Ancora, entre as paredes do Museu Histórico Nacional.

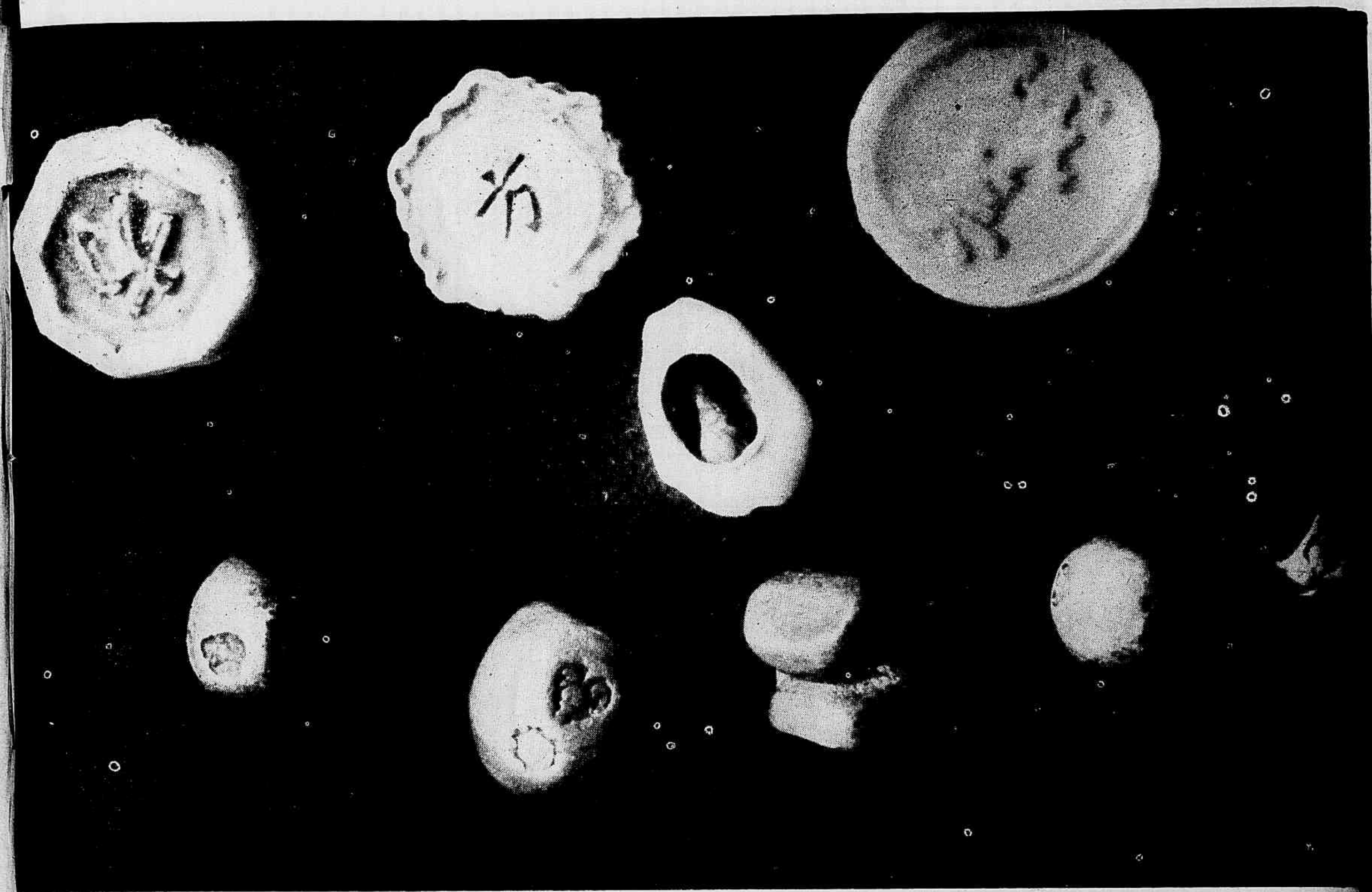
UMA COLEÇÃO DE EXEMPLARES RAROS

Existe aí uma coleção de Numismática constituída de mais de cem mil peças, entre as quais cerca de sessenta mil ou mais são moedas, coleção que fez parte da Biblioteca Nacional e cujo início se deveu a D. João VI. Fazem parte dela uma série grega, uma coleção romana, moedas dos países antigos e modernos, de Portugal, França, Espanha, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Argentina, uma enorme variedade de épocas e povos diferentes. Quanto ao Brasil, a coleção é completa e compreende a moeda nacional desde os primeiros tempos até os dias atuais, incluindo as que foram cunhadas para o Brasil colônia e as moedas de prata e ouro fabricadas nas antigas casas de moeda da Bahia, Pernambuco, Minas e Rio. E o visitante pode descobrir ali as moedas holandesas cunhadas no Recife, florins e stubers de 1645 a 1654, com o monograma da Cia. das Índias Ocidentais, as primeiras moedas cunhadas propriamente no país. Há exemplares de moedas de ouro e prata da série originária da primeira Casa da Moeda da Bahia, moedas contra marcadas com o carimbo das armas da República Rio Grandense pelos revolucionários farroupilhas, "peças da coroação" de d. Pedro II da qual foram cunhadas apenas 64 exemplares, moedas em couro das fazendas paulistas, barras de ouro fundido, enfim, a própria história do Brasil. Mais do que isso: a história do mundo através do desenvolvimento da moeda, coisa difícil de se contar numa simples reportagem, o que se pode verificar pelo só exame da imensa literatura especializada sobre o assunto, da seção de numismática do Museu, para ter uma idéia.

OURO, PRATA, MADEIRA, CONCHAS OU VIDRO

Aqui está a história da moeda. No começo, ela não se apresentou como hoje em dia. Mas seu aparecimento se deu quando o homem descobriu a durabilidade dos metais e tratou de utilizá-lo em suas trocas ou transações comerciais. E usou-o, inicialmente, sob a forma de barras, de anéis, de jóias, de utensílios, de tãmaras, como aconteceu na Pérsia. Aos poucos, porém, foi a moeda adquirindo uniformidade. Costuma-se fixar a sua invenção no século VII antes de Cristo, quando a peça de metal começou a aparecer marcada pelo govêrno, como garantia da justeza do peso. A primazia do invento é disputada por gregos e lídios, mas parece que surgiu simultaneamente entre os dois povos.

E conta-nos, a famosa coleção do Museu, outras curiosidades. Assim diz que nem só os metais foram utilizados como matéria prima para a confecção da moeda, mas que no Egito, desde o Alto Império até o domínio árabe, moedas de vidro foram usadas, que o couro foi utilizado entre os espartanos, os cartagineses e os romanos; a madeira, entre os romanos, e, nos tempos modernos, em certa localidade dos Estados Unidos. E que também a cerâmica foi empregada na fabricação de moedas na civilização assíria. E moedas em terra-cota, na Grécia do V século antes de Cristo, e em porcelana — belas moedas de porcelana na Alemanha e no Sião; barro cozido em Portugal. Mas não é necessário ir muito longe. Moedas de porcelana, brancas, vermelhas, douradas e de terra-cota, biscuit bronzeados apareceram na Alemanha nos anos de crise de 1920 e 1921, logo após a segunda guerra mundial. Todas essas moedas existiram ou ainda existem nesta ou naquela parte do mundo. Entre os chineses, o "hong", moeda particular tinha formas diversas e trazia no anverso uma sugestiva figura em relevo — pássaro, flor, leque, peixe.



Moedas do Sião: Cauri (concha) mais antiga (centro). Moedas de porcelana e de prata, chamadas "tical"

DINHEIRO -- A MOLA DO MUNDO

Onde se conta de como se inventou a moeda ★ Ouro, prata, vidro, couro, madeira, concha, porcelana e outras matérias primas ★ Disputa entre os lídios e os habitantes da Ilha Egina, sete séculos antes de Cristo ★ O príncipe Ramiro, Alboazar e a bela Zahara ★ De acôrdo com a Numismática, Getúlio Vargas continuou presidente até 1948 ★ Uma coleção de mais de cem mil moedas no Museu Histórico Nacional

Reportagem de MILTON PEDROSA



Fotos de ARNALDO VIEIRA

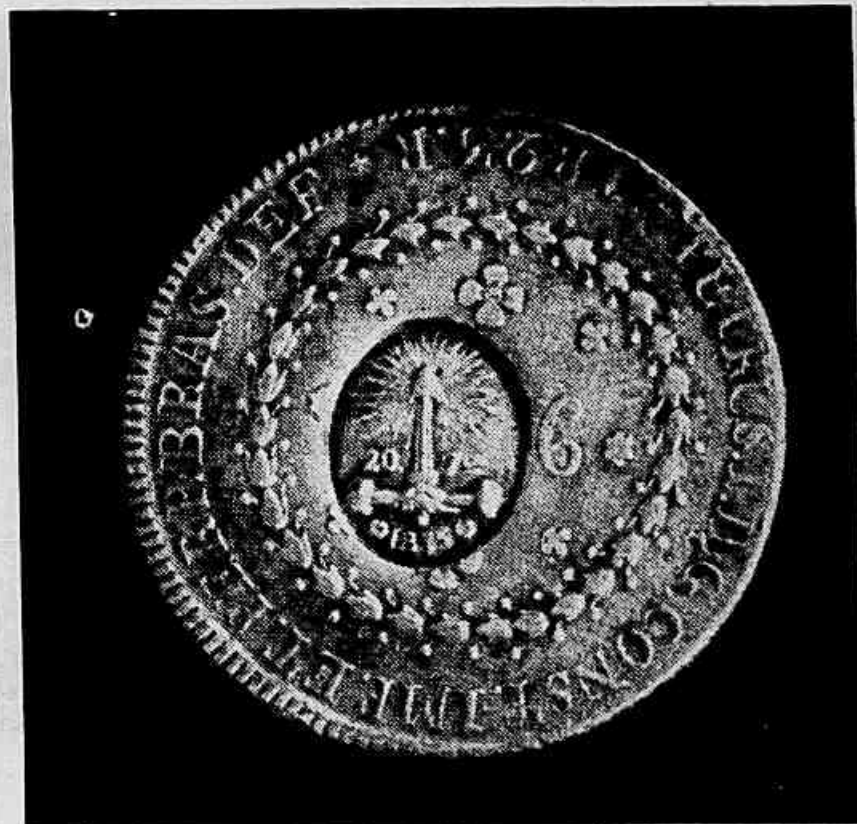
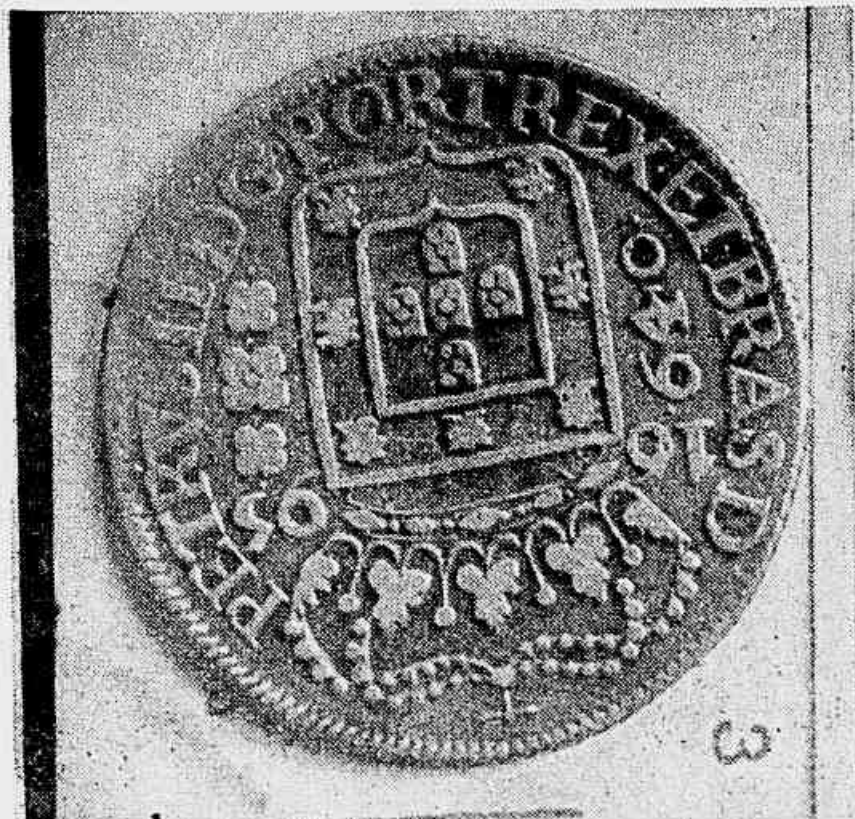
★ Especial para REVISTA DA SEMANA

ou carangueijo. Mas, a China, bérço da porcelana, não a utilizou na fabricação de moedas. Utilizou os metais e neles imitou o cauri — concha marinha — que era moeda e amulêto, ao mesmo tempo. E eis aí a concha. Foi empregada como moeda entre os povos primitivos da Ásia, da África e da América do Norte. Seu uso entre nós foi introduzido pelos negros procedentes da África — de Angola e do Congo. Era chamada gimbo, zimbo ou gimbombo.

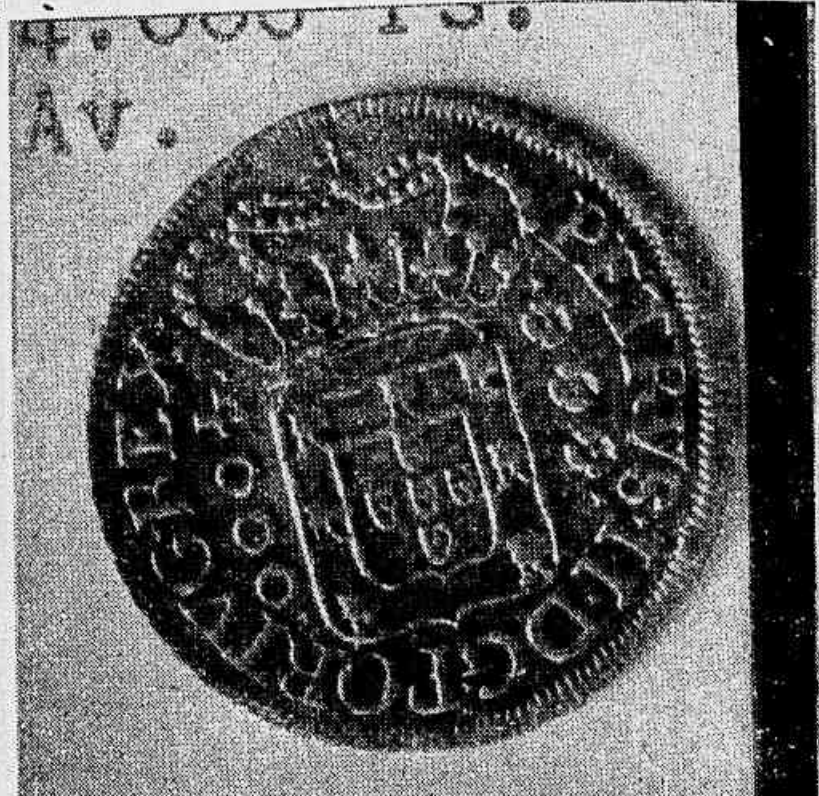
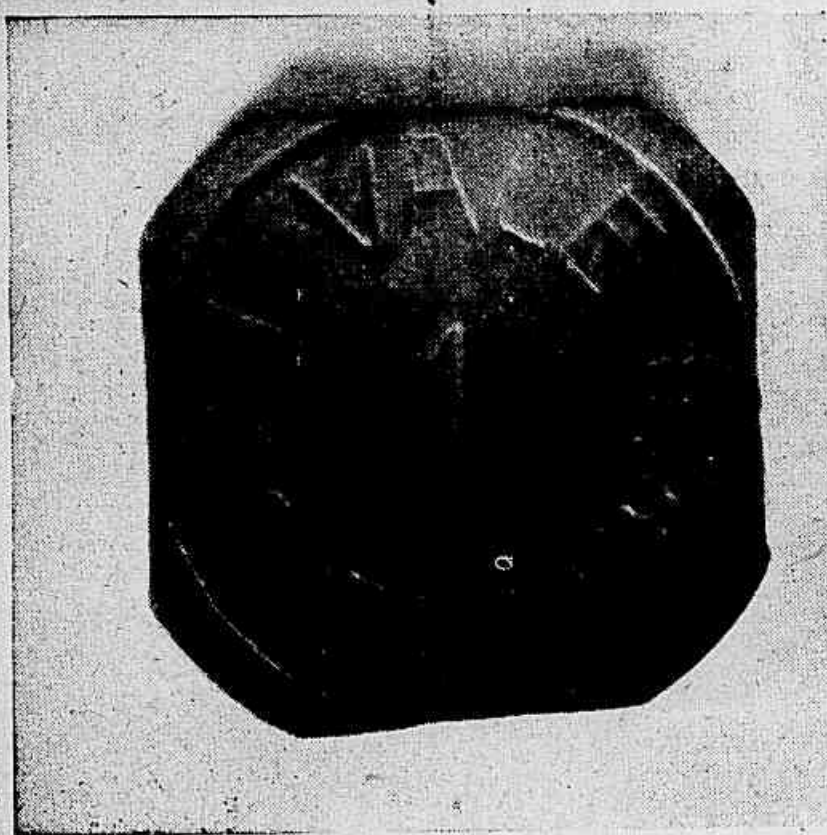
O QUE PODEM E O QUE DIZEM AS MOEDAS
O gimbo existia em grande quantidade na Bahia e por isso não foi difícil aos traficantes de escravos dela se apoderar. Grandes pipas cheias de gimbo eram transportadas para os portos africanos e com elas se adquiriam escravos. Diz um memorialista que "com 12 a 14 mil arratéis dessas conchas se fazia uma cargação de escravatura de quinhentas até seiscentas pessoas ou cabeças..."

E, ali, entre outras moedas, no enorme arquivo de milhares de exemplares, está um óbolo. É uma pequena peça de prata, a moeda grega igual a um sexto da dracma, mas sabemos que o vocábulo também significa dívida de pouco valor. Em que pese esse sentido, a moeda é um exemplar valioso e, excepcionalmente, neste caso, este valor não corresponde àquele sentido.

Não é preciso dizer que as inscrições que trazem



A esquerda: Duas moedas de prata e ouro, do Brasil e Espanha, contramarcadas pelos revolucionários farroupilhas. A direita: Exemplar de ouro e prata da série provincial destinada à colônia do Brasil, cunhada na Bahia



A esquerda: Dois exemplares de moedas particulares, de couro, provenientes da Fazenda Araras, no Estado de S. Paulo. A direita: Outra moeda de ouro e prata da série provincial destinada à colônia do Brasil, cunhada na Bahia



Moedas de prata cunhadas pelos holandeses, (soldos), para pagamento das tropas no Recife, em 1654. Existiram moedas quadradas, retangulares e em barras. Estas foram cunhadas pelos holandeses

Essas moedas têm os seus motivos, sua significação, e muitas vezes, contam uma história. Numa delas, em biscuit branco, de quatro existentes no Museu, emitidas pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia de Portugal, em 1921, há um guerreiro armado, embocando uma buzina. A propósito do timbre da moeda, desse guerreiro, enfim, conta-se uma lenda, cheia de confusões, não bem explicada, mas que, de qualquer modo, se resume mais ou menos assim: O príncipe Ramiro tomou-se de amores pela bela Zahara, irmã de Alboazar e raptou-a. Este, para vingar-se raptou Gaia, a esposa de Ramiro e levou-a para o seu castelo. Aí foi ter Ramiro, disfarçado em peregrino. Perto de uma fonte encontrou a criada de Gaia, a quem pediu água e, em seguida, encarregou de levar um recado à sua esposa. Como sinal de entendimento, colocou seu anel dentro da bilha. Afinal, consegue ser recebido, mas Gaia guarda-lhe rancor e não deseja perdô-lo, antes, o denunciou a Alboazar, que chega da caça. Alboazar poupa a vida de Ramiro, mas este não aceita a humilhação. Declarou ao inimigo que desejava morrer. O mouro reuniu na praça toda sua gente para presenciar a morte do príncipe. Ramiro toca a buzina e aparecem seus soldados, que o libertam. Alboazar é morto. Gaia chora. Ramiro engana-se e tenta consolar sua mulher, mas é repellido. Indignado, degola-a.

Essa a lenda em torno de um guerreiro, cuja figura aparece numa das faces da moeda. Em outras, outras

histórias contam amores, guerras, feitos darmas diversos, conquistas múltiplas, que o metal conserva.

A MOEDA E A CONFUSÃO

E' grande e valiosa a coleção de moedas do Museu Histórico Nacional, mas não é a única coleção. Outras coleções particulares existem entre nós. Entre elas, a maior e mais rica, principalmente em moedas de ouro, é a do sr. Augusto Cursino, que coleciona moedas estrangeiras. Outros famosos colecionadores são os srs. José Basbaum, especializado em moedas brasileiras, d. Iêda Murinho e filhos, general Paulo de Figueiredo, dr. Alvaro Leal, para citar apenas alguns, pois há colecionadores de todos os calibres e coleções valiosas. Mas não só nas coleções há curiosidade. Outros fatos ocorrem fora das coleções. Citemos apenas um que nos interessa mais de perto. Assim, para todo mundo, a partir de 29 de outubro de 1945 não foi mais presidente da República do Brasil o sr. Getúlio Vargas, menos para os numismatas, para os que se dirigem pelo seu simbolismo. E' que o cunho nas moedas fabricadas de 1946, 47 e 48 não foi mudado, continuou a ser o mesmo e nelas o que aparece é a efígie do ex-presidente. Desse modo, para o futuro pode isso trazer confusão, quando nada sobre a dualidade de presidentes. E não se diga que não há exemplo disso no

passado. Na França o fato já aconteceu, pois tendo deixado de reinar um rei, a moeda cunhada durante o reinado seguinte conservou o cunho anterior. Na verdade, é provável que tais confusões, em que pese a dor de cabeça dos numismatas, não chegue a mudar a face do planeta. Essa peça de metal ou outra matéria que o seja, com ou sem cunho, de valor marcado por lei e a que se chama moeda, continuará a despertar a cubição, e provocar crimes, pois que ainda hoje é ela considerada a "mola do mundo", visto que com ela é que se compram as jóias, as peles, os arminhos, para não citar outras coisas, entre as quais as consciências e o pão de cada dia.

Não é atoa que, vez por outra, aqui, ali ou acolá, surgem os que se perdem na aventura da fabricação de moedas falsas, geralmente em papel, o que se torna mais interessante, não resta dúvida. Mas, nem isso é novo, pois sempre houve notícias desses fabricantes. Quando não acontecem fatos como a venda de alguém por trinta dinheiros, dos quais se diz — pois muitas coisas se contam sobre dinheiro — que um deles existe no Museu Histórico Nacional.

Notícia que procurei apurar, moeda que procurei encontrar, mas da qual, sinceramente, nenhum vestígio encontrei.

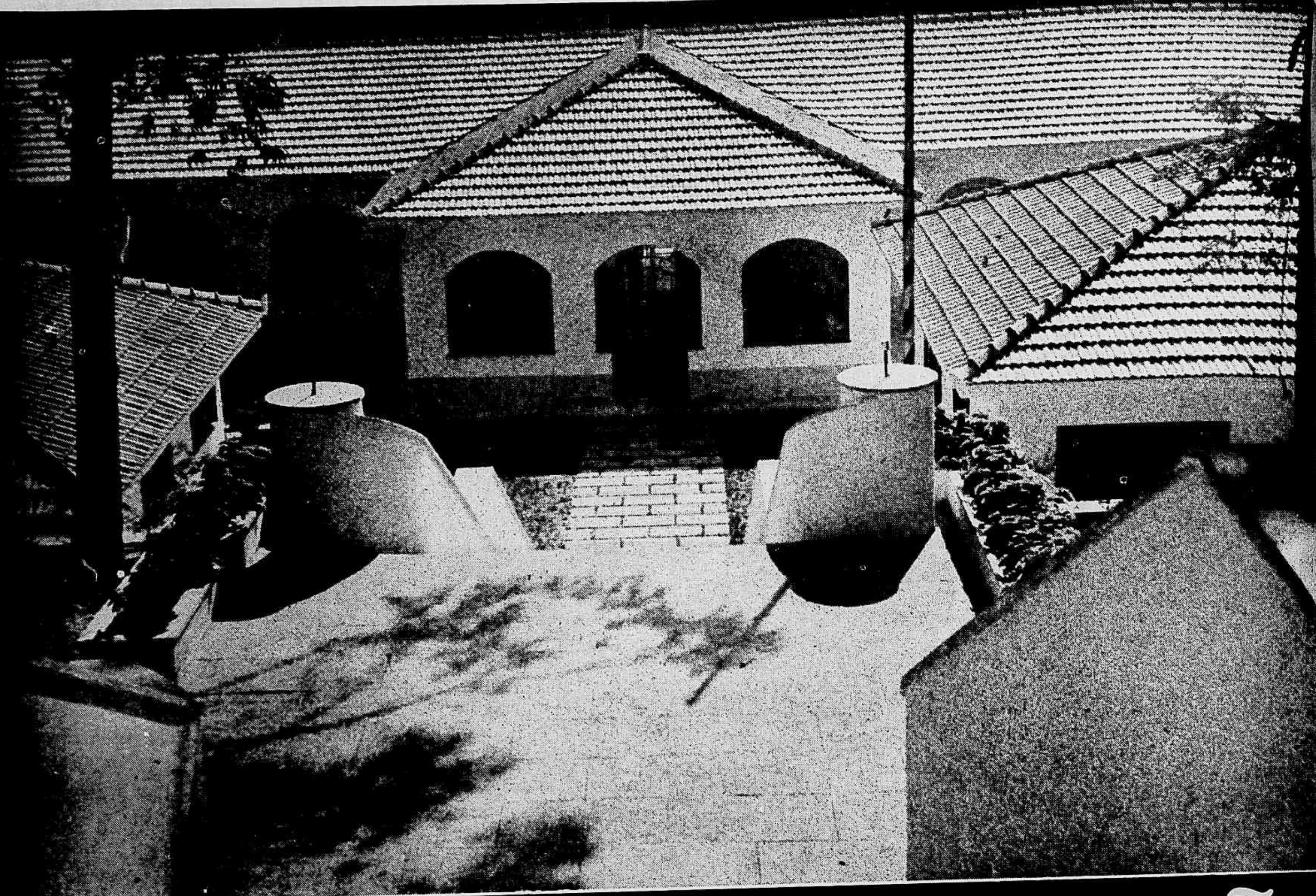
Em todo caso, se esse "denário" não enriquece a coleção ali existente, enriquece ao menos a história da moeda.



A esquerda: "Denários" da República Romana. A moeda com o elefante foi emitida por Júlio César, no ano 58 antes de Cristo. A direita: Moeda de ouro (a do centro) de grande raridade, chamada "peça da coroação", da qual se tiraram apenas 64 exemplares. As outras são moedas de ouro do 2.º Reinado



Aqui está uma apreciadora da numismática, examinando uma coleção de moedas da Alemanha, de biscuit bronzeado, marcadas com as espadas cruzadas da fábrica de Saxe



GENTE SÃ PARA AMANHÃ

Uma vista do Bloco Adicional da Maternidade

O QUE É A MATERNIDADE CARMELA DUTRA

Texto de H. FERRAZ ★ Fotografia de A. VIEIRA



UM dos problemas mais sérios da nossa terra, sempre foi o da falta de gente. Um país imenso, cheio de possibilidades e de riquezas à procura de quem as procure. E como continua pobre como um gigante pobre, o seu povo vive mal, doente e desanimado de nascença. Aí, complica-se o problema: vale a pena encher o país de criaturas incapazes, que em vez de trabalhar vão dar trabalho à nação?

O que é preciso, portanto, antes de mais nada, é amparar a criança antes de nascer, para que ela seja um estímulo e não um estorvo, um esteio e não um ônus, uma glória e não uma vergonha.

Encarando essa realidade, o dr. Arthur Pires, presidente do Conselho Nacional do SESC, foi acalentando o sonho de construir a Maternidade para a Família Comerciária. O Serviço já vinha sendo feito em duas Casas de Saúde, mas era impossível atender a todas as solicitações. De uma hora para outra também não se improvisa uma Maternidade. Encontrou-se, entretanto, uma solução. Enquanto não se inaugura o grande edifício, com capacidade para 200 leitos, que para

esse fim está sendo preparado, foi construído o Bloco Adicional da Maternidade Carmela Dutra, que acaba de ser inaugurado a 9 de junho p.p.

O Bloco Adicional é uma miniatura da grande maternidade, mas com todos os requisitos modernos em matéria de obstetrícia e ginecologia. Dirigido pelo dinâmico doutor Carlos Palhares, possui 62 leitos, 4 salas de parto moderníssimas, e 1 de operações.

O seu corpo médico é composto de 29 obstetras, 2 pediatras e 1 clínico. Situada num dos recantos mais saudáveis e pitorescos do Rio — à rua Aquidabã nº 287, em Lins de Vasconcelos, a Maternidade Carmela Dutra tem ainda ao seu lado a casa das en-

fermeiras, rodeada de lindo parque, onde as dedicadas jovens repousam, nos intervalos do trabalho. A equipe de enfermeiras diplomadas pela Escola Ana Nery obedece à eficiente direção da sra. Elazir Canário, que devota ao serviço toda sua competência e boa vontade. Todas as crianças, ao nascer, são vacinadas com BCG, contra a tuberculose, a não ser que os pais a isto se oponham.

O movimento da Maternidade tem sido intenso: só nos 11 primeiros dias houve 94 internamentos e 88 partos.

ASSISTENCIA PRE-NATAL

Antes de chegar à Maternidade, a Comerciária tem a seu serviço os Postos de consulta pre-natal. Estão

eles espalhados por todos os bairros da cidade, com pessoal especializado para fornecer assistência, tratamento específico e orientação carinhosa e segura, durante todo o tempo da gestação.

MATRICULAS NOS POSTOS

Em 1947	783 comerciárias
" 1948	2.918 "
" 1949 (até Junho) ..	1.015 "

Até agora, portanto, já houve um total de 4.716 gestantes matriculadas no SESC.

COMERCIARIA, ONDE VOCE MORA?

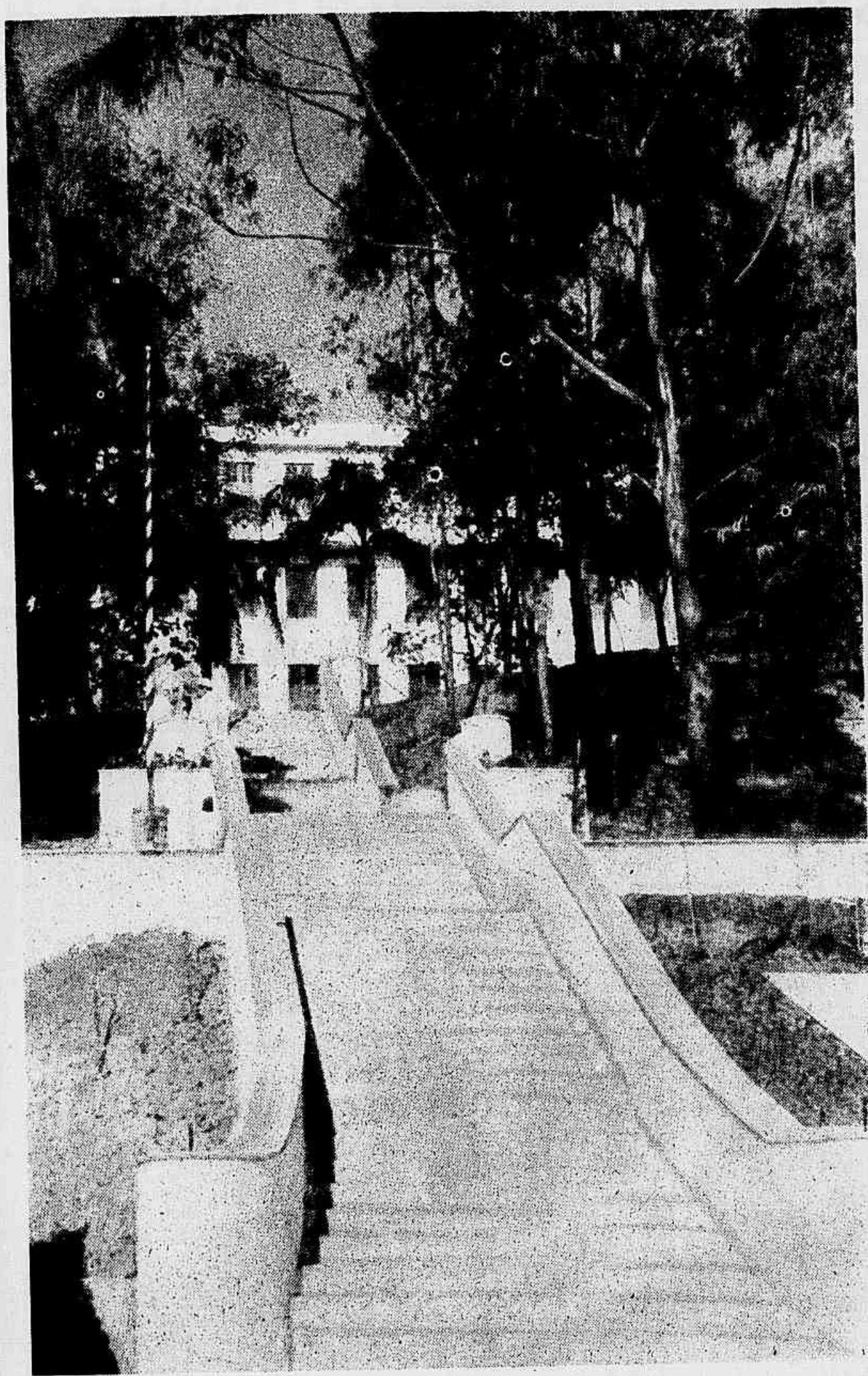
Em qualquer ponto do Rio onde more, seja na zona Norte ou na Sul, pode a Comerciária procurar os postos de consulta do SESC, que estão localizados em:

COPACABANA — Rua Toneleros, 262.

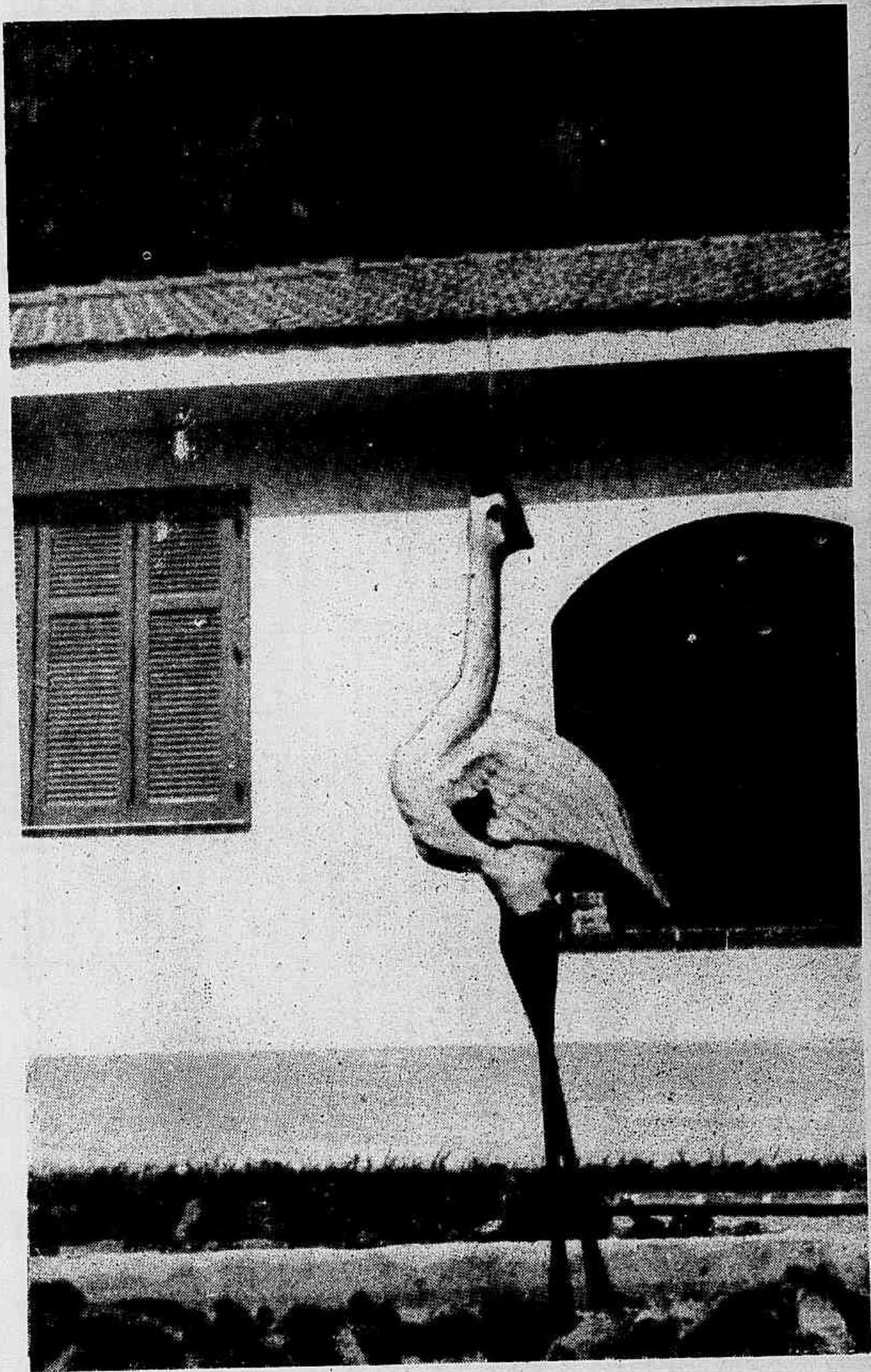
GAVEA — Rua Jardim Botânico, 287.

CENTRO — Rua Santa Luzia, 685 (sobreloja).

RAMOS — Rua Teixeira Franco, 38.



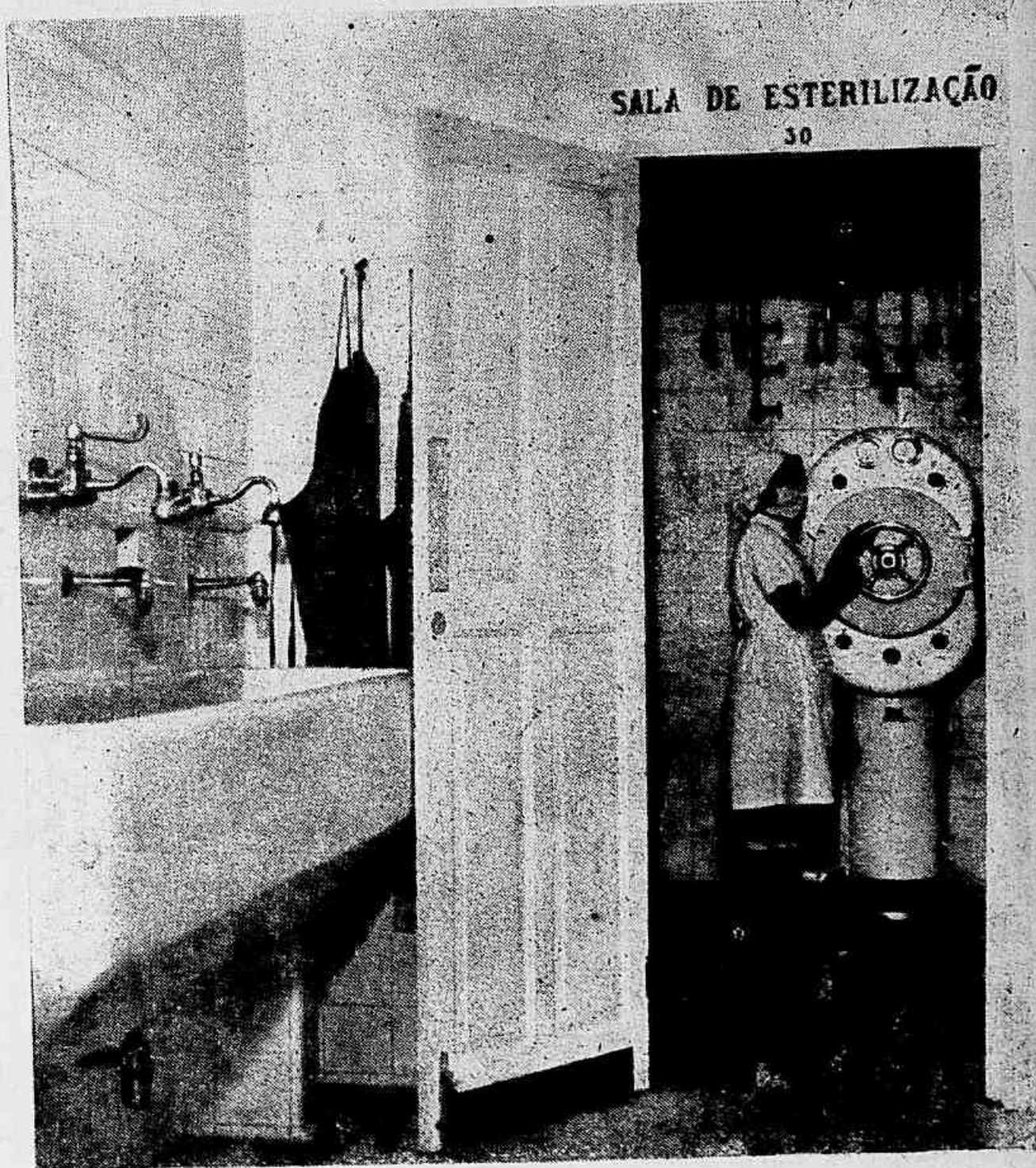
E' neste lindo recanto, a futura Maternidade para 200 leitos



A Cegonha descansa, depois da "aterriçagem"...



Uma vista do berçário



A Maternidade possui todos os requisitos modernos



A hora feliz: o passelo do Berçário, para "almoçar" com a mamãe...



As enfermeiras almoçam

S. CRISTÓVAO — Rua General José Cristino, 87.

VILA ISABEL — Rua Teodoro da Silva, 560.

ENGENHO DE DENTRO — Avenida Amaro Cavalcanti, 1661.

RIACHUELO — Rua Vitor Meireles, 63.

PROCURE O SESC

Comerciária: Depende de você que seu filho seja uma criança bonita e sadia. Procure, portanto, desde o início da gravidez, um dos Consultórios acima, onde encontrará a orientação para o seu caso. Durante o período da gestação, há uma porção de inci-

dentes que podem ser evitados, quando atendidos a tempo. Não dê ouvidos à vizinha que lhe disser que "no seu tempo não havia nada disso e as crianças nasciam do mesmo jeito". Aí é que está o terrível engano. Não era do mesmo jeito. Nasciam para morrer no primeiro ano de vida, fraquinhas, doentes e indefesas.

Segundo disse o ilustre ginecologista dr. Clóvis Corrêa da Costa, o Serviço Social do Comércio possui a menor percentagem de nati-mortos de todo o Rio de Janeiro.

PELO FUTURO DO SEU FILHO, DÊ-LHE DE PRESENTE A MATRICULA DO SESC.



Uma hóspede, ao dar entrada na Maternidade Carmela Dutra

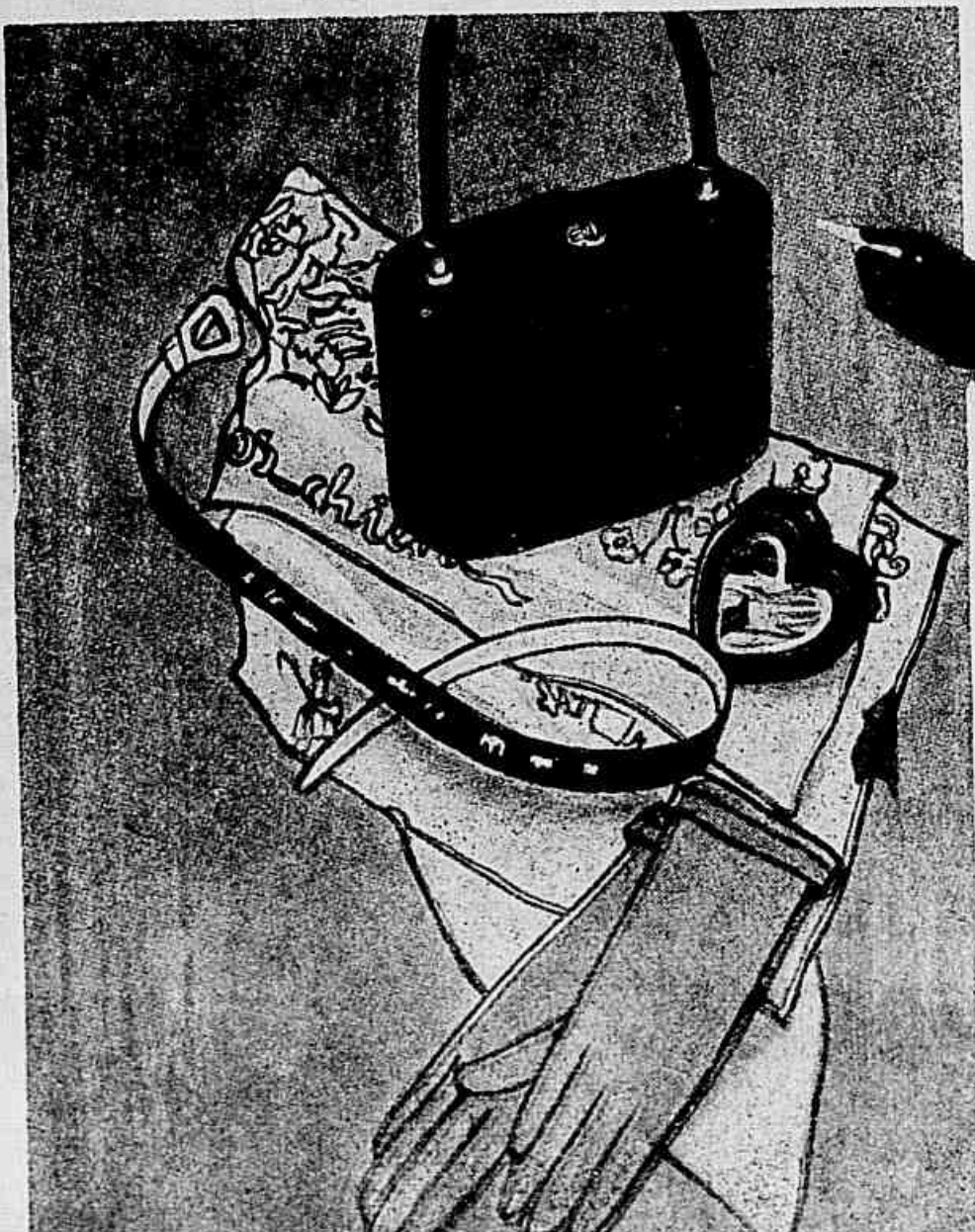


^c
Um bebê apressado,
que nasce antes do
tempo, vai para a
chocadeira elétrica,
como um pintinho
de luxo



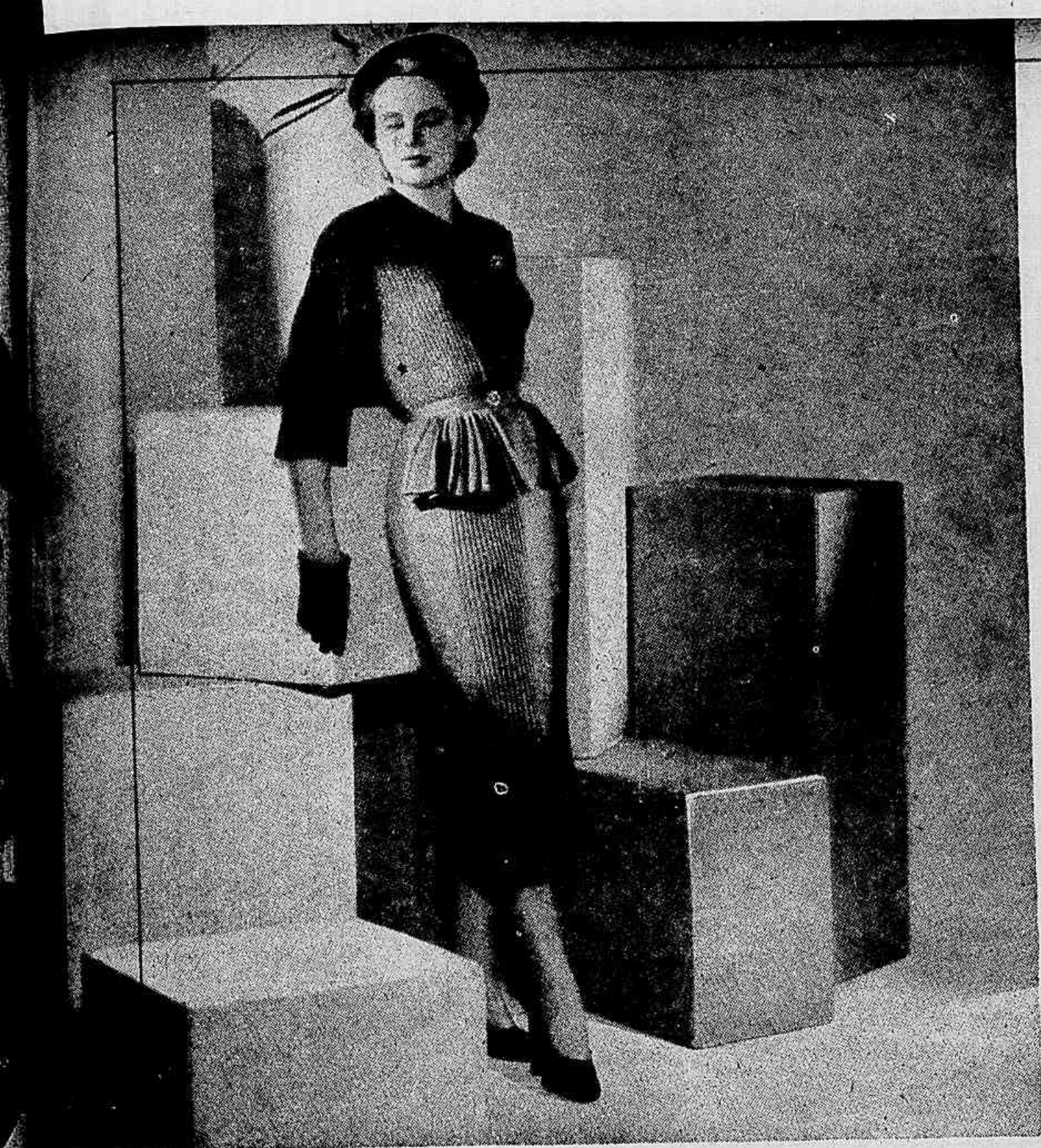
MODELOS ESPORTIVOS

VOCÊ não deverá estar sempre preparada como se fôsse à uma festa. Há ocasiões — excursões, passeios, festas esportivas, etc., em que uma "toilette" "habillé" irá certamente "sobrar". Para essas ocasiões, é mais indicado o uso de trajes esportivos, tais como o "tailleur", a "sweater", os casacos adequados, etc., etc. Algumas sugestões lhes são aqui oferecidas nesse setor.



MODELOS PRÁTICOS

EXISTEM modelos cuja beleza reside apenas na sua "linha". Sua aparente simplicidade é fruto de demorados estudos, e revela a sua "classe", a sua origem. Tais modelos têm a vantagem de poderem ser usados á qualquer hora do dia, tudo dependendo dos acessórios que os acompanham. Alguns servem até mesmo para a noite, para pequenas reuniões, pequenos jantares, etc. E' bom não esquecer que há sempre lugar para o simples e o sóbrio e, raramente, para o exagerado ou para o ridículo.





ESTOU plenamente convencido de que eu e o meu destino não temos outros companheiros senão nós mesmos. A própria Dulce parece que já não acredita em mim e esforça-se para não denunciar como é dissimulada sua naturalidade. Arrependo-me, às vezes, de tê-la desposado. Poderia ser inteiramente feliz em companhia de outro ou evitar o definhamento prematuro dos seus sonhos de ventura. E o pior é que reconheço em mim o único culpado pela sua provável desdita. Fui egoísta ao tomá-la como meio para uma nova tentativa de reabilitação, conquanto a amasse. Porque Dulce não merece, absolutamente, a vida que está levando. Jovem, bonita, meiga e de coração bondoso... Pobre dela e coitado de mim, também, que não pude resistir ao desejo de retornar àquela vida distante, ainda tão distante! Já não posso esconder a minha intranquilidade, nem tenho forças para lutar contra a desesperação acumulada no meu íntimo. Um verdadeiro autômato impulsionado por males indefiníveis... Tudo se me depara vulgar, tudo pertence ao rol do comum e nada mais satisfaz a avidez das minhas secretas vontades. Vontades não sei de que, se preciso criar aquilo que procuro e não há o que não tenha visto ou desfrutado na minha desnaturalidade. Saio à janela, o céu tem nuvens distantes tingidas de sangue, com o horizonte azul emoldurando-o. Na Itália fora assim; em Monte Castelo, Castelnuovo, Montesi, nuvens idênticas, com o mesmo matiz, serviram para deleite da minha vista e tinham como companheira a sinfonia lúgubre da metralha. Agora vejo Dulce ao meu lado, sempre carinhosa e tolerante, sem que a natureza iluminada me comova ou desvie meu pensamento da desgraça sempre presente.

— Querido, você parece tão distante... Não respondo. Não tenho o que responder. Dulce dificilmente me entenderia... Que é distância, afinal? Estou em todos os lugares; aqui, ali, mais além, procurando, procurando sempre e achando tão pouco do meu agrado. É fácil vencer longas

A ESPERA

CONTO DE JOÃO MORELLI

extensões quando o pensamento trabalha incessantemente, dia e noite na mesma azáfama de alimentar o fictício. Não. Dulce poderia até se rir de mim, com toda a sua bondade. Ela sabe, porém, que algo está se passando comigo, que nem tudo está normal. Por isso insiste em provocar uma confissão, com aquele jeito ameno de evitar-me outras mágoas.

— Vamos passar uns tempos na fazenda de papai?

— Fazer o que? — respondo-lhe evasivamente.

— Descansar, Silvio. Logo teréi nenem e o ar do campo far-me-á bem. Não acha?

— Poderei levá-la...

Dulce desiste sempre da viagem. Não tocamos mais no assunto e o desabafo fica latente. Para que falar? Pode pensar que estou ficando louco. Continuo, pois, afirmando que ela é meu único, perene e indivizível amor. Iso basta para que não se sinta mais infeliz nem se aventure a conclusões precipitadas. Não tenho dúvida, aliás, quanto à paixão que lhe consagro, e se ainda tenho resistido às múltiplas tentações que me envolvem ou ao desejo de morrer de qualquer maneira, é por sua causa. Mas o sofrimento prossegue inexorável e a minha vida conjugal já não passa incólume à sua ação perniciososa. Sinto fastio de carinhos, desprezo Dulce na minha inconsciência, vejo que estou sendo dominado por incontidos desejos de voltar a ser o que fui — um desvairado — e amaldiçoio a guerra. A guerra é a causadora de tudo. Desde aquele desastre em Nápoles, quando fiquei sob um "jeep", é que tudo começou. Nunca fui tão corajoso e teria sido difícil ir para

o "front" sem a idéia dominante de morte infiltrada na cabeça. A princípio julguei que tanta temeridade fosse transitória e simples resultado do choque por que passei quase ileso. Depois de alguns dias cheguei à conclusão de que aquelas cambalhotas, agarrado ao veículo desgovernado, transformaram-me inteiramente e outro perigo qualquer não me faria face. Fiz parte de inúmeras patrulhas, assaltei diversos ninhos de metralhadoras, conduzi feridos para a retaguarda sob a pontaria inimiga e fui um dos primeiros que galgaram Monte Castelo. Eram sensações a se substituírem vertiginosamente, saciando minha impaciência, como se a guerra estivesse em função dela. Quando cessou a luta, senti que mergulhava no vácuo. Ai fui além, muito além da honra, para cair na devassidão, sempre à procura do combustível que alimentasse a fogueira do meu inferno interior. Foi Dulce a última esperança para reintegrar-me. Doidice, pura doidice. Resistindo aos seus encantos aguardei nosso enlace pensando que isso fosse um bom indício do desaparecimento da perturbação dos meus sentidos. Mas retornei ao estado primitivo e estou vencido, com todo o destemor de que sou dono.

Estou pior, indubitavelmente. Entrego-me de novo ao culto do mal e do profano, para evitar a loucura. Desprezo as virtudes e estou de mãos dadas com os perigos. Dulce de nada sabe e por certo ainda confia em mim. Está prestes a ser mãe e eu, indiferente à paternidade, vou rolando para o precipício, com os punhos

algemados às costas. A queda prossegue interminável, desmesuradamente longa para quem quer conhecer, também, a vertigem de um choque diferente. Ah, aquele "jeep" podia ter-me esmagado a cabeça... Nada. Deixou cicatrizes internas, nada mais. Tenho alimentado tão somente o êxtase de haver ludibriado a morte. Venci-a, sim, e reconheço agora a tortura que me representa essa insólita vitória. Minha alma ficou insolente de mais para ser contrariada, escapando-se-me a faculdade de reger os meus instintos. E meu filho está para nascer. Procuro fugir à idéia de deixá-lo órfão antes de conhecê-lo. Mas, pensando bem, não estarei morto? Terei sobrevivido àquele horrendo desastre ou tudo não passa de um pesadelo terrivelmente duradouro? Toco os objetos que me cercam, quero certificar-me de que estive mesmo na Itália, se houve ou não houve guerra... Estarei morto?

★
Não. A vida está presente. Enveredo-me, às vezes, por caminhos estranhos à razão, só isso. O juízo, porém, ainda é perfeito e lúcido. Satisfeita que seja a rebeldia, quedo-me na espera cruciante do milagre que tarda tanto, que nunca chega. Mas espero. Que espero? Ah, um milagre! Espera à toa para cobrir com ilusões o tempo que passa. Fogem-me as esperanças de salvação mas não me atrevo, por circunstâncias que desconheço, a liquidar com essa situação.

Chego à janela do escritório. Lá em baixo a gente anda, corre, atropela-se, mas vive... Atirando-me daqui, libertarei minha alma da matéria que já não lhe pertence. Formar-se-á um círculo de curiosos em meu redor, olharão de mim para a janela escancarada, sentirão náuseas, mas não saberão, contudo, por que razão me suicidei. Dulce, entretanto, chorará, talvez copiosamente, e ouvirá a mãe repetir com ênfase que eu sempre fui um

(Continua na pág. 46)

BROADCASTIST



Yara Sales começou no Teatro do Estudante, vivendo o papel principal de "Leonor de Mendonça". Agora, quando se anuncia a crise dessa criação de Paschoal Carlos Magno, ela comparece com dez mil cruzeiros para ajudá-lo

RADIO-FLASHES

Wanta Wanzech Teixeira, cuja carreira artística se desenvolve de maneira apreciável, é, radiofonicamente, Marilena Alves. Nacida a primeiro de maio de um ano não muito distante, travou seu primeiro contacto com os meios artísticos cariocas, através de um concurso instituído por Dulcina de Moraes. A seguir, integrou as "estrelinhas volantes", atuando ao microfone das grandes estações, como Tupi, Nacional, Mayrink e Globo. Desta última, presentemente, é exclusiva, participando da maioria de histórias seriadas. Antes de ingressar no rádio, Marilena Alves trabalhou no comércio guanabarrino, exercendo importante função numa destacada firma. Possui o curso secundário e, segundo soubemos, o cinema está interessado no seu concurso.

UM LIVRO

Helena Sangirardi, através de seus programas femininos, tornou-se figura das mais populares no seio dos senfillistas brasileiros. Dessa popularidade, valeu-se a simpática colaboradora da Rádio Nacional para o lançamento de um livro de receitas culinárias que, presentemente, se encontra na terceira edição, tamanha a procura que tem tido. O curioso, porém, é que o livro de receitas de Helena Sangirardi, foi prefaciado por Alvaro Moreyra, nome sobejamente conhecido nos círculos literários.

O RÁDIO AUXILIA O TEATRO!

Yara Sales, a simpatíssima foguista do Trem da Alegria, deve, em parte, seu lançamento no cenário artístico brasileiro, a Paschoal Carlos Magno. Foi o autor de "Sol sobre as palmeiras" que, ao tempo do primitivo Teatro do Estudante, revelou a querida estrela ao público do Rio, quando da encenação de "Leonor de Mendonça", em que a esposa de Heber de Bóscoll viveu o papel principal. Pois, agora, quando a situação do Teatro do Estudante se mostra periclitante, parte dos responsáveis pelo Trem da Alegria, um gesto cativante. Heber e Yara vão ao encontro das necessidades de Paschoal, contribuindo com a importância de dez mil cruzeiros, para que não morra tão sadio empreendimento. E' a contribuição do rádio ao teatro.

ACONTECEU NO ETER

Heron Domingues reassumiu suas funções no Departamento de Notícias da

IMITEMOS O TEATRO

O rádio, em sua marcha progressiva, se tem descurado dos programas infantis como se as crianças brasileiras nada merecessem de si. Tudo quanto tem sido feito nesse sentido, está muito aquém do que poderia ser realizado, a considerar-se o número da programas de auditório que, com desusada frequência, são lançados pelas grandes estações. E' lamentável esse descaso pelo pequenino miúdo, quando sabemos que as autoridades públicas estão empenhadas na redentora campanha de alfabetização e no combate às revistas infantis de caráter pernicioso. Ninguém melhor do que o rádio, cujo extraordinário poder divulgativo é reconhecido por todos, para auxiliar tamanha iniciativa, associando-se a essa grandiosa campanha através de "broadcasts" para a gurizada, cujo escopo baseia-se nos modernos métodos pedagógicos. A criança, como o adulto, não foge à tentação de ouvir as emissoras nacionais, haja vista que a maioria, talvez por descuido de seus progenitores, comparece a toda a sorte de programas de auditório. Porém, qual o resultado prático que usufruem? E' nesse ponto que está o grande erro. Procure o "broadcasting" brasileiro, tal como o vem fazendo o teatro, criar espetáculos para os ouvintes infantis, proporcionando diversões adequadas a essa espécie de escutas, porque não lhes faltará público. O número de crianças que ouve programas radiofônicos, está a reclamar audições especializadas, feitas em moldes educativos. Não há razões para temer o fracasso, ante o exemplo magnífico do teatro. E' preciso, isto sim, pequena dose de boa vontade, para com a turma mirim. Ela merece mais consideração dos que respondem pelos destinos da radiofonia nacional. — A. MIGUEIS.

PRE-8, após ligeiro afastamento causado pela sua permanência nos Estados Unidos. ★ Antônio Nobre é o novo contratado da Rádio Globo, tendo estreado ao microfone dessa emissora, na apresentação da novela "Conceição da Vila". ★ Norma Cardoso está participando da programação de estúdio da Rádio Clube, depois de uma férias compulsórias. A simpática estrelinha continua em grande forma. ★ "Adeus, Querida...", produção assinada por Pedro Anísio e Amaral Gurgel, é uma novela originalíssima que, através de cartas, focaliza o drama de duas amigas. ★ Continua em discussão o "encanecido Código Brasileiro de Rádio" que, a julgar-se pela aproximação do pleito eleitoral, deverá ser votado no próximo ano... ★ Tito Guizar chegou para sua temporada ao microfone da Globo. Terranada esta, o astro mexicano atuará numa das estações paulistas. ★ Alvaro Augusto não tem compromissos com a Mayrink Veiga, embora esteja produzindo novelas para esse prefixo.

DEPOIMENTO

Cid Camargo, operoso locutor das "emissoras associadas" e da Roquete Pin-



A esquerda: Marilena Alves começou como "estrelinha volante", animando os espetáculos de teatro-cego das grandes emissoras. Hoje, é exclusiva da PRE-3, participando de suas novelas. A direita: Vale a pena ser locutor, como valeria a pena ser outra coisa qualquer se realmente fôsse aquele o meu ideal — afirma Cid Camargo

to, de há muito empresta sua colaboração ao "broadcasting" carioca. Daí, a oportunidade de sua palavra, a respeito da vantagem de ser locutor. Diz o integrante da PRG-3: "Seria fácil para muita gente responder que vale a pena ser locutor. Daí, a afluência de candidatos àquele posto, criando situações bem difíceis para aqueles que têm sobre seus ombros o encargo de selecioná-los.

Está perfeitamente às claras a justificativa que seria apresentada por todos aqueles, em sua maioria, convenhamos que fora do rádio, procurar nele o alcance de seus objetivos. Esses, dificilmente, conseguem transpor os primeiros grandes obstáculos.

Confessô que esposo com toda a força do meu ideal, a certeza de que vale a pena ser locutor; não alimentado pelo incentivo quebradiço de uma situação financeira fabulosa; nem ainda, pela vaidade de u'a maior ou menor popularidade.

Vale a pena ser locutor, como valeria a pena ser outra coisa qualquer se realmente fôsse aquele o meu ideal".



ERA ERA...

Samba de Oscar Bellandi e L. M. Filho

Era ela
Do subúrbio a mais bonita
Quanta graça
No seu vestidinho de chita
Seu cabelo ondulado perfumado
Como eu era feliz ao seu lado
Porém, ela
Já mudou-se p'ra cidade
Hoje trago no meu peito a saudade
Volta volta meu amor
Meu coração
Já não suporta tanta dor.

Sei que ela vai sofrer
Sei que vai dizer
O quanto errou
Sei que o arrependimento
Chega no momento
Mesmo quando se pecou
Eu sei perdoar
Porque longe dela
Não posso ficar.

"MARIA, MY OWN" (Maria-la-o)
Rumba de Ernesto Lecuona e L. Wolf Gilbert

Crimson trope moon,
Watches man and maid
Cuban moon is smiling at their se-
[renade]

Both in fond embrace,
Don't know time or place
In the spell of love divine,
Skies aglow
Lovers of the night,
Dread the coming dawn
Feeling with the daylight,
Romance may be gone
As he holds her fast,
Whispers we made will last,
Vows we made will not be broken.
[I know.]

Maria, My Own, rest with in my
[arms]
Maria My Own blessed with all your
[charms.]

Fate has smiled, on me,
Never dreamed I'd be,
With you constantly
You are mine, mine alone
Maria My Own, neath the Cuban
[skies]
Maria My Own, I found Paradise
It was there you showed me where
Maria My Own, for ever more.

RONDALLA

Valsa Canción de Alfonso Esparza Oteo

En esta noche clara de inquietos
[luzes]
Lo que yo te quiero te vengo a decir
Mirando que la luna extiende en el
[cielo]
Su pálido velo de plata y zafir

Em mi corazón siempre estás
Y ya no he de olvidarte jamás
Porque yo nací para ti
Y de mi alma la reina serás

En esta noche clara de inquietos
[luzes]
Lo que yo te quiero te vengo a decir

Abre el balcón y el corazón
Mientras que pasa la ronda
Piensa mi bien que yo también
Siento una pena muy honda

Para que estés cerca de mí
Te bajare las estrellas
Y que esta noche dormida
Será de mi vida mi noche de amor.



Margaret gosta de sair sozinha. Sauda os amigos, mas não tolera os importunos



Este é o marquês de Milford-Haven, também no rol mas que dança com outra

QUANDO AS PRINCESAS VIAJAM...

NÃO sabemos o que esteve a pensar a bondosa e severa Rainha Mary, da Inglaterra, depois que sua filha, a princesa Margaret, viajou pela França, foi a Roma e viu o Papa, recebeu um "bouquet" de rosas vermelhas do Prefeito comunista de Florença e foi fotografada em traje de banho, com um "maillot"

igual ao de qualquer miss das Ilhas Britânicas

Mas, por mais sensacionais que tivessem sido tais acontecimentos, não despertaram maiores murmúrios entre o povo; contudo, no dia que precedeu à visita da princesa a Paris, a embaixada britânica da capital francesa fazia re-

comendações expressas à imprensa, para que respeitasse o caráter estritamente pessoal e privado da presença da simpática princesinha a Paris.

Na Cidade Luz esteve ela sob a guarda vigilante de sua tia, a duquesa Marina de Kent, senhora que ficou famosa desde que um júri de grandes costureiros a

classificara como a segunda mulher das que melhor e mais elegantemente se vestiam no mundo; se não fosse o protocolo "todo poderoso", a princesa teria podido oferecer aos curiosos de novidades reais, maiores cópias para a satisfação do povo e das elites.

Depois de sua curta estada em Paris,



Aqui está o belo rostinho da princesa que os parisienses tanto admiram



Na véspera de sua partida de Paris, ela na Ópera, cercada de rosas e margaridas



Sem ficar noiva, tem sido "demoiselle d'honneur" de amigas na Igreja de Westminster

já se fala que ela irá aos Estados Unidos para umas férias e onde poderá sair mais livremente com o marquês de Blandford, sob as vistas da própria mãe do marquês...

E' interessante registrar que várias histórias circulam em torno da princesa, e um seu gesto, por menor que seja, recebe logo a interpretação fantasiosa do povo. Já colocam o marquês de Blandford como o pretendente mais prestigiado. Apenas com seus vinte anos e meio, será ele, um dia, o futuro Duque de Marlborough. Por várias vezes os seus pais receberam a princesa em seu castelo de

Bleinheim. Já foi ele recebido como hospede de Balmoral Castle, na Escócia, o que é considerado pelos "experts" da Corte, como um bom sinal. Em companhia desse jovem aristocrata, já foi Margaret, por várias vezes, ao "Four Hundred Club" (Clube dos 400) que é o mais "chic" centro elegante e social de Londres. E dizem mesmo que, quando o marquês comanda os "Horse Guards", ao passar pelo lado direito do Palácio, demora muito a olhar, e só volta à posição normal, quando uma janela se fecha... Outros

(Continua na pág. 50)



Dizem que o da esquerda, marquês de Blandford, é o seu mais simpático "possível"

Cada dia, há mais Kolynos-istas*



A famosa estrela do Metropolitan Opera House também é Kolynos-ista, e automobilista nos dias de descanso.

Risë Stevens



Seja Kolynos-ista. Conserve seus dentes divinos. Visite o dentista. Prefira Kolynos!

Kolynos utiliza um derivado de óleos vegetais — comumente denominado sabão — neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços inter-dentais, agindo contra as manchas, e limpando os dentes por completo. Por isso, Kolynos

limpa mais



Odor de hortelã e frescor de ervilha!

Três essências naturais produzem esse sabor refrescante e característico de Kolynos, agradável a todos os paladares. Por isso, todo o mundo diz que Kolynos

agrada mais

McCann



Em cada hora, mais de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos!

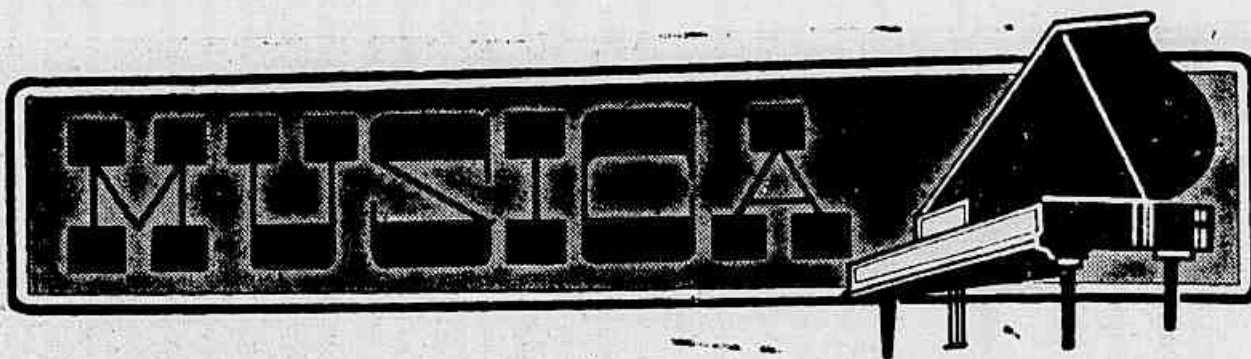
E esta preferência, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

rende mais!



Basta um cm na escova seca.

*USE KOLYNOS. SEJA TAMBEM KOLYNOS-ISTA



CERTAME DA JUVENTUDE — MALCUZYNSKI CONCURSO CHOPIN

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

QUANDO Eleazar de Carvalho repetiu, nos Estados Unidos, a façanha de César — "chegou, viu e venceu" — as esperanças dos compositores brasileiros se voltaram para ele. O prestígio conquistado pelo regente o indicava, naturalmente, para realizar a tarefa de divulgação das obras dos artistas nacionais. O caminho estava aberto: o sucesso de Vila Lobos despertara grande interesse pela nossa música. E Eleazar de Carvalho, ao compor seus programas, não se esqueceu de incluir, sempre, a produção de nossos compositores.

Agora, porém, uma iniciativa diferente veio completar o trabalho de fazer ouvir, no estrangeiro, a música brasileira.

Eleazar de Carvalho não esqueceu sua luta, o esforço persistente que amparou seu talento, à espera das raras oportunidades que surgem, as dificuldades que teve de enfrentar. E por isso mesmo, agora que se acha bem situado, internacionalmente, tendo conseguido grandes sucessos, à frente de alguns dos principais conjuntos sinfônicos americanos, faz questão de levar ao público estrangeiro os valores novos nacionais. Dirige-se, assim, àqueles que aguardam uma audição para, com o estímulo desta, construírem sua obra. A inspiração sepultada nas gavetas que guardam partituras jamais interpretadas poderá, enfim, fugir ao destino das peças que nascem mortas.

O certame da juventude dá uma forma prática a esse objetivo e já mereceu repercussão favorável na imprensa, ao surgir sob o patrocínio da REVISTA DA SEMANA.

Não somente a obra escolhida pela comissão julgadora do certame será executada nos Estados Unidos, como estreará, aqui no Rio, sob a regência de Serge Koussevitsky. A visita desse grande mestre, sempre interessado em ajudar os moços de talento, marcará o ponto mais alto da temporada sinfônica, com uma série de concertos da O.S.B. E, num destes, incluirá a obra premiada. Além disso, o concorrente vitorioso receberá uma bolsa de estudos para o Berkshire Music Center, em Tanglewood, onde se reúnem artistas de diversas nacionalidades, para estudos especiais, sob a direção de Koussevitsky. Foi ali, aliás, que Eleazar de Carvalho se preparou para os grandes triunfos de sua carreira.

Temos recebido diversas consultas sobre problemas relativos à apresentação de partituras. Oportunamente, daremos os esclarecimentos solicitados. Qualquer outra informação pode ser pedida a Roberto Lyra Filho, Rua México, 11, 15º andar, grupo 1501, telefone 32-3382.



O pianista Witold Malcuzyński, que, associando-se às comemorações do centenário de Chopin, se apresentou ao público desta capital num recital composto de músicas do imortal compositor polonês

WITOLD MALCUZYNSKI

O centenário de Chopin está sendo comemorado este ano. Além dos festivais internacionais, promovidos pelo governo polonês, em quase todos os países estão sendo organizados concertos e certames em homenagem à memória do compositor.

O Brasil se fará representar em Varsóvia pelos dois pianistas vencedores das provas realizadas aqui no Rio, Carmem Adnet e Oriano de Almeida. E, no júri, figurará Magdalena Tagliaferro.

Já comentamos a justa decisão da Comissão Julgadora, que consagrou Carmem Adnet e Oriano de Almeida. Também já fizemos os reparos necessários quanto à atitude de Magdalena Tagliaferro, como presidente da Comissão, esperando que, no júri internacional, ela se preocupe menos com a situação de seus alunos, inscritos no concurso, usando critério imparcial na apreciação das provas.

Na série de recitais dedicados a Chopin, o empresário Viggiani apresentou o pianista Witold Malcuzyński, que o público carioca já teve oportunidade de ouvir em outras temporadas.

CHOPIN

Witold Malcuzyński foi feliz na escolha do programa. A Fantasia op. 49, a Sonata opus 35 e o Scherzo nº 2 figuram entre as principais obras de Chopin e revelam toda a força do gênio do compositor polonês.

Agradou-nos, sobretudo, na interpretação de Malcuzyński a exata compreensão da obra de Chopin, que, não raro, é desvirtuada nas execuções que visam o sucesso fácil, mesmo com prejuízo da arte superior do músico. Não se filia Malcuzyński à escola sentimental que pretende apresentar um Chopin despidido da vibração máscula que dá consistência à sua obra. A emoção viril que perpassa, mesmo nos trechos mais suaves de Chopin, exige uma interpretação firme e segura. Malcuzyński não-lá dá, na riqueza de seus recursos técnicos e no vigor de sua sensibilidade.

A série de recitais dedicados a Chopin, que começou com Friedrich Gulda, prosseguiu, assim, auspiciosamente, com Malcuzyński e nos reserva, ainda, a audição de Mieczysław Horzowski e, possivelmente, outros artistas nacionais e estrangeiros.



A Senhorita Tereza de Jesus Mendes cujo enlace matrimonial com o Sr. Enrique Melo Matos, se realizou nesta capital no dia 11 de junho próximo passado



Flagrante apanhado no Palácio Arquiepiscopal, nesta cidade, durante o casamento de Senhorita Maria José de Oliveira com o Sr. Walmir Miranda, destacados elementos da nossa sociedade

TEATRO

JOSÉ FOMM

Canadá está encontrando uma nova forma de expressão nacional em seu teatro autóctone. A única comemoração cultural levada a efeito regularmente naquele país é o Festival Dramático Canadense. No último, recentemente encerrado, concorreram catorze companhias, representando em francês ou inglês. O nome de Robert Davies foi alvo de muitos destaques, pois a peça de sua autoria "Fortune my Fate" (Fortuna, a minha adversária) conquistou o prêmio "Sir Barry Jackson" como a melhor peça canadense, e o prêmio "Fridolin" nos concursos preliminares. Davies mereceu, também, o troféu "Louis Juvet" como o melhor diretor do certame, pela esplêndida fusão de ballet, pantomima e encenação apresentada pelo Teatrinho Peterborough com "A Rendição da Megera", de Shakespeare. A peça de Norman Krasna (autor de "Diabinho de Salas") "John loves Mary", mereceu o troféu "Lord Bessborough" como a "performance mais profissional da semana". O Grupo "Os Vagabundos" obteve o 2.º prêmio inglês pela atuação em "Glass Menagerie", de Tennessee Williams (autor de "Uma Rua Chamada Pecado"), enquanto que o prêmio para a apresentação visual mais afetiva coube a "Imperador Jones", de Eugene O'Neill, pelo Conjunto Negro de Montreal. "Phédre", de Racine, distinguiu ao Conservatório de Lasalle o título de "a trupe líder do Canadá francês", e Madeleine Scotte, que encarnou a incestuosa rainha, foi julgada a melhor intérprete feminina, com o troféu "Jeffries".



Madeleine Scotte em "Phédre", que obteve o troféu "Jeffries", como a melhor atuação feminina, no último Festival Dramático Canadense

Sobre "Fortune my Fate", o crítico britânico Philip Hope Wallace, juiz do Festival, disse: "Apreiei imensamente a peça; tem ela algo de genial e é tão fundamentalmente humana que poderia deliciar a qualquer um, portador de qualquer temporamento, e em qualquer parte do universo".

O tema da peça de Davies gira em torno de um refugiado europeu que recusa aceitar a oportunidade de uma fácil vitória profissional no Canadá, por não querer renunciar aos seus altos ideais. Sua integridade e sua fé nas possibilidades espirituais dos indivíduos, leva um jovem canadense ambicioso, visando um exílio voluntário, a matricular-se em seu curso universitário doméstico, com as bênçãos de um amargurado mestre que espera que seu jovem discípulo possa redimir um dia o seu próprio fracasso. A maioria dos outros caracteres da peça distinguem-se agudamente e a história desliza por entre uma interseção de cenas pungentes.

O interesse despertado durante os últimos dezessete anos pelos festivais dramáticos regionais ou nacionais levou ao desenvolvimento de um vasto e promissor movimento teatral, originando ao mesmo tempo os primeiros sinais importantes do nascimento de um verdadeiro drama canadense. O público do Canadá, de longa data acostumado ao "prazer forçado" de apreciar formas artísticas importadas, está começando agora a experimentar em seu próprio vernáculo o conflito das emoções e idéias internacionais. O teatro canadense, qual ave recém emplumada, indica o nascimento de uma verdadeira consciência nacional.

DESPEDIDA DO FRACASSADO

Sob o título "Despedida do Fracassado", foi publicado há dias um artigo de Paschoal Carlos Magno, verdadeira ameaça ao Teatro no Brasil. Nesse artigo, o diretor do Teatro do Estudante confessa que sua voz, tão largamente alteada, não encontrou eco por parte dos governantes e homens de fortuna; confessa que deu tudo: entusiasmo, trabalho, boa vontade, além de assumir compromissos financeiros muito superiores às suas forças, para dar, através do teatro, uma dignidade nova à mocidade brasileira. Mas cansou-se e afirmou que renunciaria à direção do Teatro do Estudante, após saldar os compromissos assumidos.

Diante das palavras de Paschoal, o prefeito Mendes de Moraes resolveu dar uma subvenção de Cr\$ 300.000,00 ao Teatro do Estudante e ao Teatro Experimental da Ópera, e o deputado Café Filho lançou um projeto para o fornecimento de Cr\$ 500.000,00 para a manutenção do Teatro do Estudante.

Foi necessária a "despedida" de Paschoal, audacioso sonhador que sempre demonstrou em suas empresas a sua irrefreável sedução pelo nosso Teatro, educando o nosso público, incrementando a Cultura em nossa gente, para que os governantes se lembrassem de auxiliá-lo.

O Teatro do Estudante foi fundado em 1938, marcando a sua estréia comterromper sua magnífica obra.

"Romeu e Julieta" (A primeira vez que foi levada em português no Brasil), onde se revelaram Paulo Porto, Sônia Oiticica, Mafra Filho, Geraldo Avelar; logo depois encenou "Leonora de Mendonça", de Gonçalves Dias, com adaptação de Paschoal, quando se revelaram Yara Sales, Ataíde Ribeiro, Danilo Ramirez e o cenógrafo Osvaldo Sampaio. Encenou, mais tarde, "Romanescos", de Rostand, surgindo Sandro Polônio como ator e cenógrafo. Cumprindo suas obrigações, Paschoal embarcou para a Inglaterra, deixando o Teatro do Estudante nas mãos de Maria Jacintho, que apresentou Shakespeare, Claude-André Puget, José de Alencar, Camões, Gil Vicente, etc., e revelando Cailda Becker, Pedro Velga, Milton Carneiro, Alberto Peres e o cenógrafo Osvaldo Mota.

Voltando em 1944 ao Brasil para tratamento de saúde, Paschoal fez nascer, entre outros, o Teatro Experimental do Negro. Indo novamente para a Inglaterra, encarregou José Jansen da direção do Teatro do Estudante, que fez representar Beaumarchais, Molière, Marivaux, Gil Vicente e Camões.

Em 1946, voltando definitivamente à sua pátria, Paschoal sonha encenar "Hamlet" e consegue o seu intento de uma maneira jamais vista em nossa terra, glorificando Sérgio Cardoso.

E, agora, programando o Festival Shakespeare, com quatro peças do imortal dramaturgo, o bravo homem de teatro viu-se na iminência de in-

TRISTE EXPERIÊNCIA

(Continuação da pág. 52)

fusa, enquanto eu compreendia tudo. O homem estava crente de que Elsa era eu! Ele me havia visto na noite anterior com aquele mesmo vestido, o mesmo penteado! Ademais eu havia dado aquela direção a Noti, que seguramente, afirm de ficar de bem com ele, fornecera-lhe o endereço de Elsa. Elsa resistia, protestando. Então o homem, certificando-se de que ninguém o via, pôs a mão na boca de Elsa e a arrastou para o carro. Fechou a porta e saiu com toda velocidade.

Fiquei enregelada, sem poder mover-me. Elsa havia sido sequestrada e estava em perigo. Por minha culpa estava em mão de um homem perigoso e violento, que a havia tomado por mim, e que julgara estar ela dissimulando quando declara que de nada sabia.

Certamente ele não lhe faria qualquer dano. Logo que provasse que não era eu, deixá-la em liberdade. Mas isso parecia ser apenas o meu desejo de culpar Elsa, fugindo de minha responsabilidade. Se Elsa ficasse em perigo, eu poderia regressar ao rancho e ver Efrain... Estaria com a minha liberdade garantida! Comecei a pensar em meu regresso sem Elsa. Mas via também diante de mim o rosto dela, a acusar-me. Como poderia chegar a ser feliz se ia deixar Elsa nas mãos daquele homem perigoso e assassino e que, certamente nada lhe daria o instinto mau para evitar sua prisão de matador de sua mulher? Precisava, pois, fazer algo em favor de Elsa!

Lembrei-me do polícia que sempre vivamos na esquina, com o seu sorriso amável e uns dentes muitos alvos. Talvez o encontrasse. Certamente ajudar-me-ia. Vesti, depressa um vestido qualquer e desci correndo até à porta da rua. Lá estava ele risonho como sempre.

Pelos olhos de espanto com que me ouviu, devia ter eu lhe dito uma porção de coisas estranhas e mal alinhavadas. Logo que terminei, respondeu:

— Ele! Outra vez! Não se preocupe, senhorita! Temos de encontrar sua irmã. Se quiser ficar mais calma e segura, venha comigo ao distrito. Esse homem é muito perigoso! Faz tempos que estamos atrás dele. Se percebe que não é Elsa a moça de quem precisa, certamente voltará e levará a senhorita.

Fiz uma chamada telefônica e me conduzi ao distrito onde me deixaram numa pequenina sala aos cuidados de uma zeladora, que me mostrou seus gatinhos ângorás e falou comigo com muita amabilidade. Enquanto eu aguardava os acontecimentos, ia-me divertindo com sua conversação e com as traquinadas dos gatinhos novos. A mulher me contou como passara sua mocidade num rancho e eu lhe falei do nosso e de Elsa, cunhada que era mesmo que ser minha irmã, muito delicada, inteligente e bondosa. Só aí percebi que o meu egoísmo me havia feito desconhecer Elsa e pô-la em perigo.

Chegou a noite. A zeladora, que fora buscar comida, insistiu comigo para que dormisse numa cama modesta. Onde estaria Elsa? Que lhe estaria sucedendo? Se ela viesse a sofrer algo, eu não deve-

(Continua na pág. 50)

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL. CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA

A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha, e malha bilissima. Vaqueta, marron e havana. De ns. 38 a 44. Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDOR

Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 38 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA

Garantia absoluta. Vaquilha, havana e marron, solado de borracha. De ns. 38 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável, vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha

Preto e marron. De ns. 38 a 44. Preço: Cr\$ 165,00

Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela niquelada



De ns. 38 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e fortíssimo. De ns. 38 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES. O nome "ZEFERINA" é uma garantia. Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte

A ESPERA

(Continuação da pág. 42)

louco. E meu filho não terá pai... Volto, porém, para o interior da sala. Não me falta coragem para o suicídio; é que estou esperando qualquer coisa...

★

Dirijo-me para a Maternidade. Dulce acaba de ser internada e eu me apresso para estar junto dela, como uma figura decorativa. E' incrível como me sinto tranquilo e desanimado. A que ponto cheguei, meu Deus! Um acontecimento como este impacientaria o mais desumano dos vivos. Eu, todavia, estou impassível e sereno, como se nada me dissesse respeito. Por que este torpor? Envergonho-me de mim mesmo e lastimo a sorte de Dulce e de meu filho.

Na sala de espera um médico vem ao meu encontro:

— E' o senhor Silvio?

— Eu mesmo.

— Quer acompanhar-me?

Levando-me para o aposento onde se encontra Dulce, não esconde suas apreensões:

— Trata-se de um caso perigoso e se o senhor preferir algum outro médico, poderá chamá-lo...

— Mas que se passa?

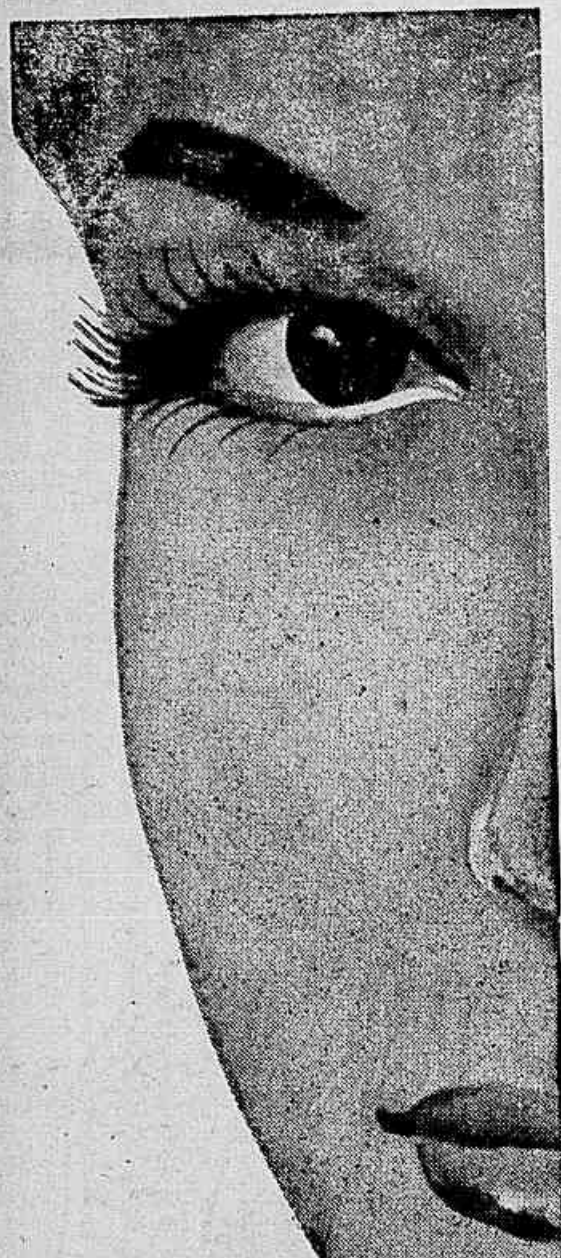
— Sua esposa está extremamente nervosa e, além de tudo, teremos que fazer uma intervenção. Não posso garantir nada...

Entro no quarto e me aproximo do leito. Dulce tem pouco de olhos para fitar-me, cerrando-os em seguida. Deixou entrever, entretanto, a tristeza que a faz sucumbir e o desinteresse que nutre pela vida. De repente, uma dor intensa pretende estourar minha cabeça. Saio para o corredor semi-consciente e procuro um ponto de apoio nas paredes oleadas. Um medo atroz se apodera de mim. Mas medo de que, se há instantes nada sentia? Ah, sim, medo de perder Dulce, de não ser pai. Não poderei resistir à solidão; preciso deles. 'Meu Deus' e Senhor, salvai-os por misericórdia. Não deixéis que mais se aumente meu tormento. Preciso deles, preciso deles'. Sinto que me amparam e me levam para outro compartimento. Qualquer coisa extraordinária está se passando comigo ou eu teria resistido àquela notícia. Sim, estou com medo. Enfim, com medo. E em que situação me chega ele...

★

Não sei há quantas horas estou esperando desde que cheguei à Maternidade. Falta-me coragem para perguntar por Dulce. Estou esgotado ante as dores profundas que percorrem todo o meu corpo, como se mil doenças estivessem incubadas dentro de mim e se manifestassem a um só tempo. Não falo, imobilizei-me completamente, minhas mãos nem se atrevem a procurar um cigarro e espero pelo deslance.

Agora me levam novamente para o quarto de Dulce. Sigo a enfermeira combatido e trêmulo, certo de que caminho para a desgraça. Dentro, tudo está envolto na penumbra e minha vista mal divisa os contornos dos móveis escuros. E' preciso que me conduzam até o leito onde Dulce repousa silenciosa e salva, enquanto meu filho respira suavemente. Quase não posso conter-me. Debruço-me sobre o berço pequenino e choro no meu silêncio. Quanto daria para que meu filho me entendesse!... Haveria de dizer-lhe baixinho, sofregamente, que cessou a espera, que ele é o mi-lagre.



OLHOS
estranhos
e belos...



Graças ao Cilion, V. pode possuir sobranceiras mais graciosas e brilhantes, cílios mais escuros, mais longos e recurvados. Cilion impede a formação de caspas e terçóis, garantindo olhos atraentes e belos!

Prefira o TURO GRANDE
rende mais e custa relativamente, muito menos



CILION

embeleza e protege os olhos

DANÇAR

ENSINA-SE

AV. PASSOS - 133º

E

RUA DO PASSEIO, 38

2º and.

22-5611 e 22-6604



O INSTITUTO DOS BANCÁRIOS E O TRIBUNAL DE CONTAS

Comunicado da Administração dessa autarquia:

"Pela recente minuciosa exposição que fez à imprensa desta capital, a respeito do caso referido pelo Sr. Procurador do Tribunal de Contas, o Instituto dos Bancários deixou manifesta a perfeita exação pela qual se tem pautado no cumprimento de seus deveres.

Referiu o Instituto que, solucionando dúvidas anteriormente suscitadas, sobre se as suas contas deveriam ser prestadas ao Colendo Tribunal de Contas, diretamente ao mesmo ou por intermédio do DNPS, recebeu do Diretor do Departamento de Previdência, em dezembro do ano findo, instruções para que o fizesse diretamente àquele Tribunal, às quais deu imediato cumprimento.

Assim, em março deste ano, dava entrada no Conselho Fiscal a referida prestação de contas, em obediência, aliás, à determinação do mesmo Tribunal, em virtude da qual a prestação de suas contas devia ser encaminhada aos órgãos de controle do Instituto, a fim de opinar sobre a sua exatidão.

Antes, porém, da restituição do respectivo processo pelo seu Conselho Fiscal, recebia da fiscalização do DNPS um ofício no qual se declarava expressamente: "O Sr. Diretor Geral do DNPS, substituto, bem como o Diretor de Divisão de Fiscalização, autorizaram-me informar a V. S. o seguinte: que em fins de março último, entendeu-se, juntamente com o Sr. Diretor Geral do DNPS, Dr. Alberto Blois, com o Sr. Presidente do Tribunal de Contas, relativamente ao processamento das tomadas de contas da Autarquia de previdência social, ficando estabelecido que caberia ao DNPS, através os inspetores de previdência, promover a efetivação das tomadas de contas, limitando-se o Tribunal de Contas julgar os trabalhos apresentados pelos inspetores de previdência."

Em obediência a essas novas instruções, encaminhou ao DNPS o processo em questão.

Eis, em resumo, o que ficou relatado minuciosamente na exposição do Instituto, já divulgada pela imprensa.

Acha, contudo, ainda oportuna a publicação do ofício que lhe foi dirigido pela mesma fiscalização. Fá-lo, a fim de esclarecer o público e tranquilizar os seus segurados; em obediência, portanto, ao dever que o próprio resguardo do seu patrimônio moral lhe impõe.

Eis o ofício: "Sr. Presidente. Em resposta ao ofício N.º G. 254/49, de 6 do corrente, comunico-lhe que a prestação de contas dessa Instituição, relativa a parte do exercício de 1946 e ao de 1947, encontra-se em meu poder para exame na forma das instruções vigentes e será remetida ao DNPS, após devidamente apreciada, a fim de ser encaminhada ao Colendo Tribunal de Contas para julgamento, em observância a preceito constitucional.

Sendo o que se me oferece a respeito, prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. S. os meus protestos de elevada estima e apreço".

Como se vê, segundo reiteradas declarações do Instituto, as suas contas relativas ao período 1946-47, já foram prestadas desde março, faltando tão só o pronunciamento do DNPS, sobre a sua exatidão e o seu julgamento pelo Colendo Tribunal de Contas".

**A LÂMINA DE
MAIOR
VENDA MUNDIAL**

Gillette

ANTES DE COMPRAR

**LOUÇAS, FAQUEIROS, CRISTAIS, PORCELANAS,
FAIANÇAS E ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES,**

visite as magníficas exposições

da CASA CRISTALINO!

(A Rainha dos presentes)

Finíssimo sortimento de lustres de cristal

Preços módicos

URUGUAIANA, 35/37



DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

S AÍMOS de Roma às 10 horas da manhã. Dia lindo, sol acariciador de inverno italiano. O avião, bem camarada, passa entre a Córsega e a Sardenha, de maneira que tivemos ocasião de ver as duas ilhas montanhosas. A Córsega com várias montanhas cobertas de neve. Mesmo nos altiplanos e com estradas de segunda categoria, os agricultores dão um jeito e plantam onde é possível. O esforço por estas terras é enorme. Vão plantando e colhendo com energia. O mesmo nos foi dado observar pela Espanha toda e Portugal. Nos Estados Unidos os fazendeiros têm respeito pelas elevações do terreno: é raro encontrar-se plantações pelas colinas. Quando saem do plano ou semi-plano plantam apenas florestas. Numa grande extensão da populosa Pennsylvania, por exemplo, há vasta arborização nos morros e montanhas. No Brasil já estamos subindo para plantar, embora o carioca ignore isso. As encostas do extenso Vale do Rio do Peixe, Santa Catarina, são bem cultivadas, assim como é a série de morros a caminho de Campos do Jordão, em São Paulo. O pessoal não permanece só nos arrozais do Vale do Paraíba: "mete os peitos" e sobe!...

Oficialmente há uma inspeção de bagagem à saída da Itália, mas os funcionários contentam-se com perguntar se aquilo que levamos é roupa e artigos de uso pessoal. Recebendo resposta afirmativa, como no nosso caso, vão logo passando o giz branco. As 13 horas chegamos a Madrid. Há um excelente restaurante no aeroporto que é novo e ainda não foi terminado. Aliás, quase todos aeroportos hoje estão em obras, aumentos e reformas, pois o serviço aéreo vai de vento em popa, apesar de pensarmos às vezes que já há aeroplanos de sobejo.

As 16,30, hora de Lisboa, estávamos desembarcando no aeroporto no qual também não tivemos dificuldades com os conferentes da Alfândega que, entretanto, fizeram questão de abrir as malas e meter as mãos lá dentro.

— "Esta caixa aqui o que é?"

— Marron glacé.

Mas não pediram para abri-la. O caminho do aeroporto à cidade é muito bonito. Belas avenidas com excelentes construções por todos os lados. Lisboa melhorou muito depois da nossa última estada, há anos. Tarde maravilhosamente bela. O sol de inverno, fresquinho; céu azul.

Não convém esquecer que em Madrid saboreamos belas azeitonas recheadas com anchovas. Não conhecíamos essa especialidade deliciosa. Somos pouco entendidos em culinária, mas são boas de fato.

As ruas muito animadas em Lisboa, lojas bem montadas e sortidas causam boa impressão a quem vem de países racionados. As confeitarias, muito repletas. Especialidades da terra, como ovos moles, ovos de aveiro e os pastéis de nata tão mencionados por Eça de Queiroz.

Quem viaja pela Inglaterra é forçado a ver Dickens, Sherlock Holmes, Walter Scott; na França, Victor Hugo e Zola; na Itália, "o coração" de Edmundo de Amicis com os Henriques e Garrones que encontramos pelas ruas, às portas das escolas ou tomando o bonde. Aqui é Eça ou Junqueira quem nos estende a mão. Cada pessoa tem seu autor favorito, é claro, e cada uma ver, em cada país, o seu preferido, o que torna a viagem mais interessante.

Para os brasileiros Lisboa é a sua própria história e os sentimentos ou sensações são ainda muito mais vivos. Quando visitamos a Torre de Belém, hoje à tarde, parecia que aquele amável guarda que recebeu os 50 centavos da entrada está ali cuidando do que realmente é tanto nosso como dos portugueses. Digamos de passagem que a Torre, apesar de não ser nenhum colosso, é uma construção muito bonita, em estilo da época, e uma maravilha arquitetônica.

Ficamos encantados com o que vimos além disso. Pudemos observar com viva satisfação que não há um só rabisco ou coisa parecida em toda a Torre. Talvez o único edifício histórico não rabiscado por turistas que observamos em todas as nossas via-

gens. Na própria Catedral de Roma, um dos turistas que estava ao nosso grupo teve a má idéia de escrever o seu nome numa coluna de mármore, o que realmente nos irritou. Felizmente essa pessoa de tão mau gosto não era latina nem americana. No Palácio de Fontainebleau chegaram a cortar pedaços de armários e móveis para levar como lembranças!...

Confessamos que nalgum lugar da Torre Eiffel deve existir as nossas iniciais escritas a lápis, mas... tínhamos 16 anos apenas. As vezes temos vontade de pegar uma borracha e apagar aquilo!...

Um pastor protestante, de velha igreja inglesa, muito frequentada por turistas, teve a idéia de colocar à entrada um grande quadro negro com giz, para que as pessoas que sofrem do hábito de escrever iniciais fizessem isso à vontade num lugar onde não faria mal algum!...

A Torre de Belém foi construída à beira do rio Tejo, com parte dentro d'água, numa praia vizinha a estaleiros e fábricas, o que nos dá muita pena, pois merecia muito estar bem no centro de um parque ou, pelo menos, numa zona mais pitoresca. Hoje, fica perto da cidade e vai-se de bonde lá em poucos minutos. Adiante há

foi eleito prefeito de Campinas, conversamos sobre esse assunto e ficou combinado que sua cidade iria construir alguns. E estas linhas são para que Campinas não se esqueça, assim como não esqueçamos de enviar a gravata norte-americana ao prefeito de Crewe, na Inglaterra!... Promessa é dívida.

Todo brasileiro que visita estas terras tem a agradável sensação de estar realmente em sua própria pátria. Não só a língua, mas os nomes nas lojas e nos bondes — muitos com os mesmos letreiros do Brasil: "Estrela", "Praça do Comércio", "Benfica", "São Bento". Quando sentamos à mesa para nossas refeições, os pratos não somente são por nós entendidos, mas sabemos muito bem como são feitos. Há ruas e ruas por aqui com casas iguais às nossas — as mesmas portas e janelas, e até pintadas com as mesmíssimas cores. Podemos mesmo dizer que uma grande parte das fisionomias são as mesmas, no tipo e no rosto. E com a nossa predominante ascendência portuguesa, realmente não poderia ser de outro modo. E essa satisfação íntima a gente sente melhor quando em Portugal.

E' pena que esse negócio de passa-



Calle de Alcalá, em Madrid

bairros modernos com belíssimas residências. Um deles é Algés.

Não havíamos saído do hotel especialmente para ver a Torre, mas olhando do lado do rio Tejo, na volta da excursão, deparamos com aquela construção muito parecida com a que já conhecíamos. Sim — deve ser — saltamos e andamos pela praia até lá. E era mesmo a tal!...

Gostamos muito do dinheiro português como qualidade de papel: boa impressão, tamanho razoável, sem notas sujas, rasgadas ou remendadas. A moeda de metal também é bem feita e não há falta de troco. Essas pequenas coisas são grandes na realidade, pois o dinheiro é necessário e temos forçosamente que usá-lo diariamente... por mais que se queira evitar...

Há cabines telefônicas instaladas em praças e ruas em muitos bairros de Lisboa, exatamente como observamos em outros países no norte da Europa, e vamos dizer também que há abundância de mictórios públicos, o que infelizmente é raro no nosso país onde os administradores ignoram as necessidades fisiológicas. Aliás, verdade se diga, na Inglaterra eles cuidam desses detalhes como em nenhum outro lugar. Quando o nosso amigo Miguel Cury

portos não seja mais simples, pois para obtermos o "visto" em Roma foi necessário telegrafar pedindo licença de Portugal e dando ao mesmo tempo o nome de uma pessoa aqui que fosse nossa conhecida. Estamos imaginando o que nos teria acontecido se não conhecêssemos, como muita gente não conhece, pessoa alguma nesta terra que pudesse prestar informações sobre nossa pessoa, o que é triste e sem razão, pois o nosso passaporte tem "vistos" para muitos países e nenhum cônsul teve que telegrafar à sede.

Parece que o nosso governo não exige semelhante formalidade quando um português quer nos visitar.

Seguindo nossos hábitos, andamos espalhando os salões de bilhar. Na Itália notamos com surpresa que o jogo mais comum é jogado a dinheiro e com a mão em vez de tacos. Colocam uns "pauzinhos" no centro, jogam com 4 bolas e há duas "caças" ou bolsos ao lado, no centro. Em Lisboa jogam muito bem a carambola. Alguns dos grandes mestres mundiais do jogo são portugueses. Jogam ao quadro e 3 tabelas com verdadeira maestria. O grande campeão Gurjão, muito conhecido no Brasil, é falecido. Estivemos conversando com Ferraz, um dos mais

hábeis bilharistas de hoje. Pessoa muito agradável, como quase todos os bons jogadores de bilhar. Contou-nos a vida desse divertimento nesta terra. O sr. Ferraz, apesar de não conhecer o Brasil, conhece de nome os nossos melhores jogadores como o Del Vecchio, Passos, Comandante Carneiro, Navarrita, Alfredo e outros. Conhecia muito também o Rolim, que residia muitos anos em Lisboa e aqui deixou amigos. No bilhar usam bolas de composição em vez de marfim, porém reputam aquelas melhor sob todos os aspectos. Na realidade, são muito boas e prestam-se a todas as fantasias, inclusive "massés", "piqués", como tivemos oportunidade de observar.

Tomamos o trem elétrico até Estoril: carros grandes, bem conservados, uma excelente linha dupla e serviço frequente de trens.

Há várias estações pelo caminho, passando por vários bairros novos, bem construídos com habitações modernas e atraentes.

Estoril é praia de grande popularidade. Muito bem frequentada, com numerosos hotéis, alguns grandes e belamente situados. A praia principal, em direção do Cassino, é um encanto de flores.

Estoril, nesta época do ano, tem o clima de Poços de Caldas, a aparência de Petrópolis misturada com o caminho de Santo Amaro, em São Paulo, e, devido à praia, assemelha-se a Santos.

As casas de chá e bares estavam repletas e no Cassino havia muita gente. Na roleta há só um zero. Além do "baccarat" jogam também dados.

O pessoal que frequentava os cassinos no Rio, Santos, etc., havia de ficar aborrecido com o sistema de Estoril, onde muitas senhoras sentam-se ou simplesmente se espalham pelas cadeiras ao lado da mesa da roleta, tal qual como no "baccarat". E quem deseja fazer a fezinha no 17, 29 ou no 32, tem que encomendar umas duas, três ou quatro damas que ocupam toda a vizinhança da segunda e terceira dúzia!...

Quando a bola está girando e falta pouco para o "feito!", é que a presença delas atrapalha os que querem se divertir em pé, sem ocupar também uma poltrona!...

Boas e confortáveis agências de correio estão espalhadas pelas cidades. Há cinco coletas em Lisboa por dia, dessas caixas. O carioca, que é relativamente bem servido por algumas dezenas de agências do Correio, não sabe dar valor a esse serviço, como por exemplo os santistas, que só possuem uma agência. Teresópolis, com muito menos população, tem duas agências postais telegráficas. Não se sabe como Santos, tão conhecida, com mais de 200 mil habitantes, vários jornais diários, consegue viver com uma agência do correio.

São Paulo cresceu tão rapidamente que a Administração Postal não teve tempo de ir abrindo filiais para acompanhar o seu desenvolvimento. O Rio deve ter quatro ou cinco vezes mais sucursais do que São Paulo!... Isso mostra que temos muito o que fazer no nosso serviço postal.

Lisboa, apesar de não possuir ainda uma iluminação hidroelétrica, é, sem dúvida, atualmente a capital mais bem iluminada das onze que até agora vimos nesta viagem. Vários são os motivos que causam escuridão em algumas metrópoles. Mas o fato é que em Lisboa todos os bairros e o centro são fartamente iluminados, mesmo com usinas turbo-geradoras.

Hoje visitamos o nosso consulado aqui. Dá-nos prazer afirmar que fomos muito bem recebidos em todos os consulados que visitamos. Apesar do grande serviço que os cônsules têm, sempre conseguem tempo para um dedo ou dois de palestra amável e até mesmo uma boa xícara de café. Somente na Embaixada em Bruxelas é que tiramos uma bola preta: não tomaram conhecimento da nossa visita. E' muito possível que tenha havido algum extravio de recado, e se isso aqui mencionamos é só para provar como, via de regra, são amáveis os nossos representantes no exterior.



ANDRÉ MAX

Apesar de ter sido o berço do "Pai da Aviação", o Brasil somente veio a ocupar um lugar de destaque em matéria de aviação comercial, nestes últimos dez anos.

Possuímos hoje organizações modelares em matéria de transportes aeroviários, tanto em relação a passageiros, como quanto a transportes de carga.

Empresas pujantes como a "Panair", "Cruzeiro do Sul", "Vasp", etc. honram o valor da iniciativa particular do nosso país, muitas delas conduzindo aos céus estrangeiros as cores de nossa bandeira.

Possuímos organizações com possantes aviões até 50 passageiros, pesando 45 toneladas e força global nos quatro motores somando 10 mil cavalos. Esses grandes navios do espaço chegam a desenvolver 560 quilômetros por hora, e, em cruzeiro, cerca de 500, com um raio de ação que se eleva a 6.500 quilômetros. Medem 37,50 metros de envergadura e têm vinte e nove metros de comprimento.

Esses "Constellations", são monoplanos de asa baixa, com trem em trípode. A cabine é mantida sob pressão, o que lhe permite um teto de 9.150 metros de altura. Até à latitude de 3.050 metros, é possível manter as condições de densidade e temperatura do ar encontradas ao nível do mar. Entre 7.265 e 9.150 metros, as condições gerais são equivalentes às existentes a 2.440 metros, isto é, perfeitamente suportáveis por qualquer pessoa. Esses aviões dispõem do mais moderno equipamento de navegação até agora concebido pela ciência, havendo também a bordo instalações para maior comodidade dos passageiros, tais como cozinha elétrica, refrigeradores, armários com cristais, além de outros serviços.

É interessante registrar que, apesar de muito nova a nossa navegação internacional, já batemos vários "records" de velocidade, conforme o interessante quadro abaixo, todos eles em poder da "Panair":

PERCURSO	DISTANCIA	TEMPO
Nova York-Rio de Janeiro	7.810 kms.	18 h. 39 m.
Londres-Rio de Janeiro	9.658 "	23 h. 22 m.
Paris-Rio de Janeiro	9.320 "	22 h. 18 m.
Lisboa-Rio de Janeiro	7.869 "	18 h. 45 m.
Buenos Aires-Rio de Janeiro	1.861 "	3 h. 58 m.
Roma-Rio de Janeiro	9.728 "	24 h. 34 m.
Rio de Janeiro-Cairo	11.832 "	29 h. 32 m.
Rio de Janeiro-Belém do Pará	2.475 "	6 h. 15 m.
Rio de Janeiro-La Paz	3.477 "	6 h. 17 m.
Rio de Janeiro-Frankfurt	10.062 "	23 h. 15 m.
Rio de Janeiro-Recife	1.917 "	4 h. 25 m.
Recife-Dakar	3.290 "	7 h. 07 m.
Assunção-Rio de Janeiro	1.482 "	3 h. 05 m.
Lima-Rio de Janeiro	3.498 "	9 h. 00 m.
Bogotá-Rio de Janeiro	5.420 "	14 h. 20 m.
Montevideu-Rio de Janeiro	1.840 "	4 h. 30 m.

Em face de tudo isso, está explicado o grande interesse público que despertou a recente Exposição de Aeronáutica, realizada no aeroporto Santos Dumont, visitada por milhares de pessoas de todas as classes.



Flagrante da visita do sr. ministro Trompowsky, após a inauguração da Exposição Aeronáutica, sob os auspícios do Segundo Congresso Brasileiro de Aeronáutica, patrocinado pela UBAC (União Brasileira dos Aviadores Civis). Da esquerda para a direita: Dr. Manuel Ferreira Guimarães, ministro Trompowsky, dr. Cesar Grillo, diretor da D.A.C., sr. A. D'Agular, chefe de Operações da "Panair", sr. G. Leite de Castro, chefe do Serviço de Comunicações da mesma Companhia.

A ESPERA

(Continuação da pág. 47)

ria viver mais! Deitada naquela cama de campanha, comecei a desejar a morte. A angústia me torturava e eu tinha a boca seca meus olhos imóveis, minhas mãos contraídas. Por fim, dormi, e só despertei quando o dia clareava. Elsa estava ao meu lado! Fatigada, mas salva! Quando os seus olhos se encontraram com os meus ofereceu-me muito mais do que carinho: piedade e perdão!

— Oh! Lupe... minha querida! — Abraçou-se comigo.

Eu a abracei a chorar como uma criança.

— Tudo saiu bem e a polícia, graças a ti, prendeu um homem mau, assassino e perigoso. Depois da audiência em que serás uma das testemunhas, voltaremos para nossa fazendinha... Tudo foi por culpa minha, uma vez que já mais desejaste vir para a capital.

— Mas te garanto, Elsa que poderei ser tão boa aqui como lá. Juro que não mais te darei preocupações. Não vamos voltar para lá! Ficaremos aqui mesmo e aproveitarei toda a experiência desses acontecimentos para emendar-me.

Ela sorriu para mim e respondeu:

— Muito bem. Eu sabia que chegarias a compreender, querida. Não serias irmã de Alberto se assim não agisses. Depois de tudo isto, continuamos como amigas?

Por fim, o homem que matou Gloria foi condenado e recolhido a um presidio. Eu já estava na Universidade a estudar ciências químicas quando Efraim veio também para a cidade seguir um curso idêntico. Perguntei-lhe se achava bonito meu novo penteado e meus vestidos. E ficamos certos de que, terminados os nossos cursos, voltaríamos a residir na fazenda, felizes e... casados!

QUANDO AS...

(Continuação da pág. 45)

também espalham que, certa vez, num baile, uma vidente lhe leu a mão e disse que ele se casaria ainda este ano. Quando a tal vidente contou à princesa o que vira na mão do marquês, ela interveio corada: "Sois muito perspicaz..."

Mas, pelo que parece, todo mundo anda a dar noivos à linda princesinha da Inglaterra. Assim, falam também no Príncipe George da Dinamarca; no Conde Dalkeith, que foi com ela, por três vezes, à representação de "Itma"; incluem ainda Lord Ogilvy, de origem escocesa, como a Rainha, de quem é amiga íntima a avó iêsse Lord; finalmente, um jornal comunista da Itália, aumentou o número dos "prováveis", com o nome do Príncipe Charles, da Bélgica.

Diante de tal avalanche de "noivos", o Buckingham Palace, já nem se dá mais ao trabalho de desmentir...

Quanto à princesa, certamente que ela gostaria mais que se ocupassem menos de sua pessoa e deixassem seu coração escolher calmamente aquele que vai ser o eleito de seus sonhos.

Tudo isso, leitor, sucede a uma princesa que viaja, como nos contos de fadas, todo fidalgo desejando ser o seu Príncipe Encantado...



Belinda (B. Horizonte) — Aprovado o seu conto, mas mudamos o nome para "O Drama do Frederico". Quanto aos outros, aguarde.

L. Z. (?) — Muito pequenino o "Maria também amou".

V. M. (São Paulo) — O seu "Romance" também está curto.

V. M. C. (Caxambu) — "Velho Album" não está mau. E' preciso, porém, dar-lhe mais intenso desenvolvimento e arranjar outro meio para aquele encontro em Copacabana.

W. G. A. (Goiânia) — Aumente no dobro o seu "Um verdadeiro amigo".

A. C. B. (Rio) — O mesmo para o seu conto "Impressão".

A. B. (Rio) — Sua história "Caminho Acidentado" tem imaginação, está bem urdida, mas o português desgraçou tudo. Meu amigo: faça um curso de língua vernácula, estude regência verbal, concordância, colocação dos pronomes oblíquos, e escreva. Não basta a idéia; é preciso também a boa forma.

J. J. C. (Rio) — Impossível aprovar o seu conto "Conquista". Além de muitos erros de linguagem, é a história incompatível com o caráter moral desta REVISTA.

M. A. M. (Rio) — Muito agradecido pelas expressões. Ainda não chegamos ao seu "Milagre". Aguarde.

J. A. S. (Muriaé) — Vamos dar busca.

A. Guerra (Volta Redonda) — Aguarde.

Celso B. Ramos (Rio) — Aprovado o seu "Fim de noivado".

M. D. P. S. (Rio) — Está na fila o "Aranhas Negras". Espere a vez e tenha confiança.

Gil Vaz (Joinville) — Queira aguardar.

CORREÇÕES AOS DESCUIDADOS

Fêz, e não fês (verbo fazer) — Raiz e não raís — Enleante, não enleante — Percalço, e não precalço — Gentileza, e não gentileza — Vizinho e nunca visinho — Pudesse, e não podesse (futuro do subjuntivo) — Maciço, não massiço — Se, (condicional) e não si — Especializado, não especializado (sufixo izar).

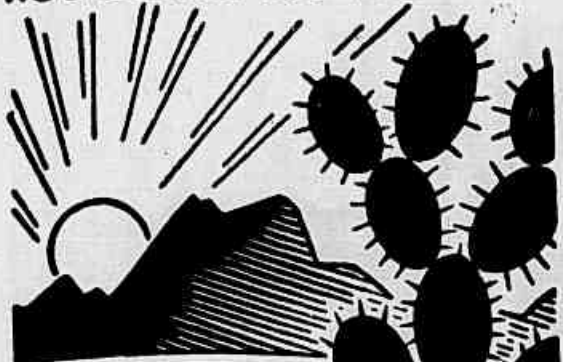
A belera ao seu alcance



DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhores — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 88, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES
DELICADAS
PEDEM
**A Polvilho
Antisséptico**
GRANADO

EROTÉJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO.....

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

SENUN

Agua absolutamente Estéril

pela Ação da Prata Incorporada

Moringues fabricadas pelo processo esterilizante

SENUN

ESTERILISANTE

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

DEDOS QUEIMADOS

(Continuação da pág. 13)

Civil e tratei de todos os papéis para o nosso casamento nessa emergência de guerra, estando tudo em ordem. Muitos se estão casando lá... Você quer casar comigo, meu querido, agora mesmo? Mas não precisa falar, Jim. Basta fazer um gesto com a cabeça.

— Sim... — disse ele com um leve sorriso.

Muitas enfermeiras estavam presentes, na ocasião e um sacerdote foi chamado. Havia um ar de surpresa na face de todos. Jennifer ajoelhou-se. Suas palavras eram quase tão baixas como as que Jim pronunciava. A cerimônia da colocação das alianças chegara. Era, porém, difícil colocar a de Jennifer no dedo de Jim. Mas tudo se conseguiu e, terminado o ato, ficaram a sós.

— Jenny... — murmurou ele.

— Estou aqui, querido... tomarei conta de você... Ficar bom...

— Já lhe disseram? Vão cortar-me o braço...

— Sim... já sei... Procure descansar, Jim...

— Você vai ficar aqui?

— Sim...

Chegaram enfermeiras e dois médicos. Uma delas conduziu Jennifer ao corredor.

Os médicos esperavam ainda evitar a amputação do braço.

Jennifer estava num dos hotéis da cidade em companhia de sua avó. Ao chegar lá, foi dizendo:

— Vovó querida... Acabo de casar-me faz uma hora!

— Que diz, menina?...

— Casei-me com o capitão Jim Lippincott, não faz uma hora!

— Está bem... Vai voltar ao hospital? Mas antes procure comer alguma coisa!

— Ah! Vovó... como eu a adoro!

Passaram-se sete dias. Jennifer se mantinha ao pé do leito de seu esposo, e procurava vencer o tempo fazendo tricô.

Jim abriu os olhos, naquela manhã, e, vendo Jennifer ao seu lado, balbuciou:

— Ainda estás aqui?...

— Durma, Jim... Você não pode fazer esforços...

A situação dele melhorava constantemente e não fora preciso amputar-lhe o braço.

— Jennifer... — disse ele — nada mais neste mundo me fará separar-me de você...

— Assim o espero, Jim.

— Tenho receio...

— De quê?

— De você fugir-me outra vez...

Ela sorriu. Narrou-lhe pormenorizadamente o que fizera.

— Louquinha...

— Sim, Jim... fui louca. Mas agora a guerra me entregou o meu amado em meus braços. Lembra-se de tudo o que sucedeu, Jim? As enfermeiras, o padre, os médicos?

— Parece um sonho, Jenny... Quando me derem alta, Jenny, você vai casar-se comigo?...

— Jim! Meu querido! Já estamos casados!... Eu já sou sua mulher! Veja aqui a aliança!

— Não... Não estamos casados ainda!

— Mas estamos, sim!

Ela inclinou a cabeça sobre seu leito.

— Somos duas almas, Jim, num só corpo, para sempre...

— Jenny... não será tudo isto um sonho?...

— Não, Jim... E' tudo real...

Meses depois, ambos felizes, partilhavam de uma vida repleta de venturas, visitando Mollie Evans, passeando no lago, enchendo de encantos o velho solar de Mrs. Giddings.

Jennifer, pela última vez, lembrava sua vida de solteira, dando um balanço naqueles amores ingênuos e, por vezes, arrebatados, e via passar diante de sua memória as figuras de Sid, de Eugene, de Monty... Stan... Mas desses incêndios do coração apenas tostara a ponta dos dedos. Toda a sua vida estava agora na própria vida de Jim, o seu capitão médico!

— FIM —

Artes PLÁSTICAS

ANGELUS RAVEL



Natureza morta, num ambiente doméstico de grande sentimento

A estréia da pintora Lilli Sedlak, que, pela primeira vez apresenta ao público suas telas, está despertando o mais vivo interesse entre os visitantes do Salão Nobre do Palace Hotel e os próprios colegas de Arte. Expõe a artista uma coleção de cinquenta quadros, e se mostra senhora de grande qualidades de sentimento e interpretação da natureza e da alma humana, afirmando-se artista de muito brilho.

Todos os seus quadros atraem a atenção, já pela segurança da execução, já pela liberdade personalista com que os realizou. Os seus "cravos" empolgam e fazem bem à alma do observador parecendo mesmo que a pintora nasceu com um destino: pintar flores e rosas.

Nesta página, poderá o leitor



A pintora Lilli Sedlak

admirar dois belos quadros de Lilli Sedlak.



"Balana", tela belíssima, com um "background" típico

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES



Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

TRISTE EXPERIÊNCIA

(Continuação da pág. 18)

nhas lições e fazer algumas compras, chegar a Chapultepec, sentando-me por largos momentos em um banco, somente para olhar as árvores e a relva, e recordar meu "rancho" com suas imensas extensões abertas, a exuberante vegetação tropical, ao sopro da brisa ou dos fortes ventos. Elsa trabalhava intensamente. Durante o dia inteiro estudava e às tardes tratava de distrair-me. Mas aquilo tudo me parecia como se fosse uma obrigação e isso não me fazia bem. Foi por isso que, naquela noite, não pude tolerar mais. Elsa havia saído para uma aula noturna que tomava cada semana e me deixou sozinha. Eu ficara a olhar pela janela as luzes da cidade, os que passavam lá em baixo, os autos. Havia recebido uma carta aborrecida de Eirain, e uma amiga me havia escrito que o havia visto a conversar com uma outra moça. Por isso decidi "separar-me" dele. Iria a um bar. Sim, a um "Ladies Bar" que era o pior que me poderia ocorrer. E se um homem me dirigisse galanteios e sorrisos, eu os aceitaria, para vingar-me de Eirain. Queria fazer alguma coisa de terrível para amarrar a Elsa, e que compreendesse minha situação. Desejei com isso que ela visse que a cidade não era para mim e me mandasse lá para o rancho.

E me dirigi a um "Ladies Bar" no centro, que vira de passagem, quando voltava de bonde lá da Academia de piano. Naturalmente que, em toda a minha vida jamais entrara numa casa dessas. Elsa nunca bedia, e lhe parecia de mau gosto que uma senhora o fizesse. Porém eu estava desesperada e nada me incomodava mais. Entrei num salão pequeno esquisitamente decorado. Vi com alegria de estava o mesmo bastante concorrido, todo o ambiente impregnado de fumo de perfumados cigarros e com uma iluminação tenue e cor de rosa.

Fui um coquetel qualquer que vira na lista e omei em torno. Numa das cadeiras próximas vi uma mulher de seus trinta anos, vestido vermelho.

Ao tomar o primeiro sorvo do meu coquetel, fiz uma careta. Aquela mulher percebeu e me disse:

— Esse "banhau" não sabe preparar nem um coquetel decente, não é verdade?

Não simpatizei com ela porque me pareceu muito maquiada e perfumada, com umas unhas exageradas. Mas desejei fazer-lhe e travar conhecimento com ela, assim de que me acompanhasse até a minha casa e Elsa visse com que classe de mulher podia eu travar relações naquela terrível cidade.

Começamos a conversar e dentro em pouco lhe revelei que vinha de uma fazenda, por isso muito estranhava aquelas coisas. Ela, imediatamente me demonstrou simpatia.

— Claro que deve estranhar muito! — Disse-me. — Mas vejo que está sozinha. Precisa de amigos. Eu poderia apresentar-lhe rapazes encantadores, pois estou muito bem relacionada.

Eu pedi o restante daquele veneno e senti um calor enorme a percorrer-me as veias. Ai já me parecia me nos vermos o vestido daquela mulher cujo nome era Gloria Enriquez. Por minha vez eu lhe disse que já tinha dezito anos e revelei meu nome.

Com o segundo coquetel comeci a sentir-me mais audaz. Depois que o sorvi, já nada me parecia desagradável, nem as sonoras risadas de Gloria, nem o seu telefonema a dois amiguinhos seus conhecidos para que se viessem reunir à nossa mesa. Enquanto os esperávamos, tomamos o terceiro coquetel...

Por fim chegaram os dois companheiros. Eram rapazes muito bem parecidos, tipos característicos de filhos de família ociosos e com dinheiro. Apresentaram-se com os nomes de Leon Alcanhiz e Rafael Noti. Este ultimo tomou-me a seu cargo quase imediatamente; começou a falar-me de amores e predestinações, e a vida começou a parecer-me uma alegre aventura. Depois, a convite de Gloria, fomos para sua casa, e Alcanhiz nos levou em seu carro. Eu e Noti iam no assento trazeiro, e não me pareceu chocante que sua mão procurasse a minha. Pediu-me uma entrevista para o dia seguinte, o que lhe concedi. Naquele instante estava eu com a intenção exclusiva de escandalizar Elsa. Já antevia a cara dela quando aquele rapaz desconhecido e muito mais idoso que eu aparecesse lá em casa e me levasse a passeio! Forneci-lhe meu endereço e ficou acertado o compromisso.

Por fim chegamos à casa de Gloria, situada num local pretensioso e com muita poeira. Estavam cerradas as janelas e o ambiente pesado me fez sentir náuseas. Logo depois Gloria me forneceu outro coquetel, julgando, talvez, que assim me sentisse melhor. Quando já estávamos a conversar e a rir, ouvimos um ruído à entrada, como de alguém que procura abrir a porta com chave. Gloria se assustou e disse aos rapazes:

— Deus! É meu marido! Fugam vocês dois pela porta dos fundos. Se ele os vir aqui, mata-me!

Mas não foram bastante rápidos, e entrou um homem ruivo e sombrio. Parou à entrada da sala e ficou a olhar com lentidão estudada e sinistra. Fitou Noti, que se havia voltado, depois de procurar inutilmente abrir a porta da cozinha e rugir. Em seguida virou a esposa.

— Eu te disse — falou — que te mataria na primeira vez que voltasse a encontrar-te em companhia de um homem!

Vi que estava armado. Deu ao gatilho e abateu a mulher com um tiro certeiro, mal teve ela tempo de soltar um grito. Sem saber como, ergui-me e saí em desabalada carreira em procura da rua, a chorar e a gritar como louca, presa de terror.

Francamente, não sei como cheguei a casa. Só sei que já era tarde. Lá estava Elsa procurando conter seu nervosismo, a passear na sala. Tive medo de dizer-lhe tudo o que sabia. Diante de meus próprios olhos havia eu visto um homem assassinar sua esposa, isto que era muito maior do que tudo o que eu fizera para escandalizar minha cunhada. Mas eu disse que fora ao cinema e que me havia perdido. Sentia-me assustada e doente. Fui ao lavatório, sentei-me a borda da piauleira e comeci a contar para o que ingerira...

No dia seguinte, Elsa se levantou e usou aquele mesmo vestido que eu usara na minha estreita mundana... Levantei-me tarde. Elsa se limitou a olhar-me em silêncio. Eu desejava que tudo aquilo não passasse de um pesadelo. Mas a dor de cabeça que eu sentia me mostrava que fora verdade realíssima.

— Elsa... — comeci — ontem à noite...

— Faremos disso à tarde, quando voltar. Agora estou com pressa, do contrario negarei a verdade.

Saí. Eu corri à janela ansiosa por um pouco de ar puro. Doía-me espantosamente a cabeça. Ao debruçar-me, vi quando Elsa ganhava a rua. Mas, nesse instante se aproximou um carro e vi, para tormento meu, que do mesmo saltava o mesmo homem que matara Gloria naquela noite pavorosa. Falou a Elsa e lhe segurou o braço. Ouvi que desejava falar-lhe; Elsa parecia con-

(Continua na pág. 47)

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS:

Por que V. S.
deve usar o
OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal

Um vidro Cr\$ 80,00 — 3 vidros

Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Nº 13

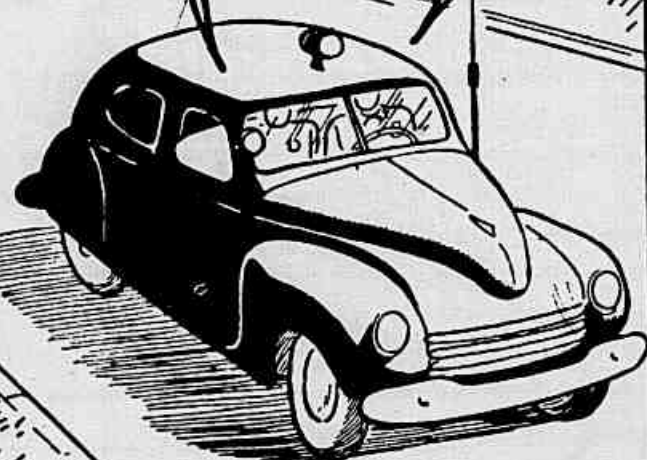
A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

CARRO 22... VÁ À RUA
MAIO, 1237 E TRAGA
DONALD EQUIVICO.
SEU PAI FOI
PRESO.

O.K.
CHEFE



EQUIVICO? VENHA
AO DISTRITO
COMIGO.

QUE
ACONTECEU?



ESTE É SEU FILHO?

PAPAI!
QUE ACONTECEU?

SIM.



A POLICIA CHAMOU O FILHO
DO MR. EQUIVICO PARA CONTAR-LHE
DE SUA CONFIÇÃO

PAPAI! NÃO É VERDADE.



SIM, MEU
FILHO, É
VERDADE.

COMO PODE
FAZÊ-LO!



SOU SCARLET O'NEIL, TENHO
ALGO A DECLARAR.

ENTRE

O'NEIL,
O'NEIL?



SCARLET O'NEIL !!



PRENDA-O!



DEIXE-ME!
SOU INOCENTE!



QUE
QUER
DECLA
RAR?

EU SOU A MOÇA QUE
SEU FILHO PENSOU
TER ASSAS-
SINADO.



QUEIRA
EXPLICAR
POR
FAVOR.

SENTE-SE, CHEFE
SEU CASO 'ESTA'
RESOLVIDO

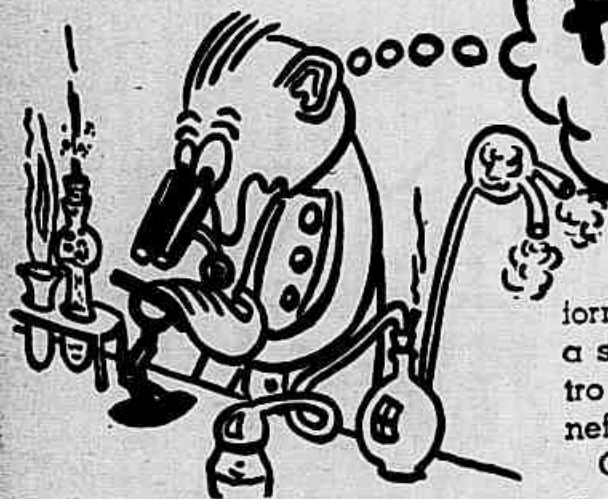




O	M	U	N	O	M	A	N	C	A
					E				
A	M	U	L	A	M	U	R	C	H



BONECOS DE RAFAEL • PAGINA DE AGITAÇÕES ART. • NITAS, ARTS, MANHA, DIVERSÕES • DIREÇÃO DO C. SALAMALEQUES



PENSAMENTO CIENTIFICO

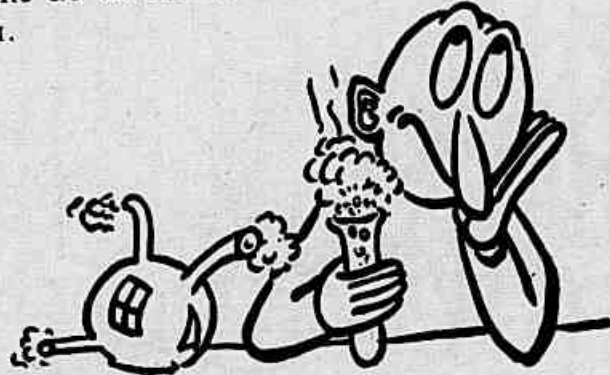
Quando um cruzeiro ficar valendo a metade, nosso poder aquisitivo baixará e as mercadorias subirão.

O Brasil é o único país deste mundo em que as leis da Economia Política não se verificam, pois tudo é feito de acordo com a Política da falta de economia.

Para salvar o Brasil da falência é preciso desvalorizar o cruzeiro, de

forma que a desgraça de um seja a salvação do outro, embora o outro também se desvalorize em benefício do estrangeiro.

O cruzeiro é uma moeda fraca e, por isso, todo mundo se acha com direito de dar-lhe com cabo de vassoura.



Conde de SALAMALEQUES
ESCREVEU.

Designado por uma comissão de altos e baixos políticos respectivamente da Câmara Alta e da Baixa dos Sapateiros, para coordenar as diversas correntes dos que desejam avançar no Bolo da Sucessão, eu, o valoroso, indômito e inquebrantável Conde de Salamaleques que Deus guarde, venho fazer à imprensa do país e de além mar de Espanha as seguintes e definitivas declarações:



CURCUPACO-PA-
PACA, SUGIRO O CON-
DE DE SALAMALEQUES

OBRIGADO,
LOURO.

REPORTER

1º — Ainda não sou candidato único, nem o único candidato.

2º — Se meu nome for sugerido, aceitarei, embora com sacrifícios, a bem de nossa cara Pátria amada, salve! salve!

3º — Prometo cumprir a Constituição, embora, como é de praxe, somente na parte que não me trouxer prejuízos nem aos de meu partido.

4º — Promoverei o intercâmbio entre os povos, sem restrições de raça ou cor, inclusive o câmbio negro.

5º — Chamarei ao selo de Abraão do meu futuro governo de todos os brasileiros de recursos, todos os que estiverem com fome de Direito e mandarei que se fomenta a Justiça.

6º — Haverá menos ratos no Rio e outros recantos do país, acabando-se de vez com a ganância de muitos que só querem devorar os queijos deixando o restante às cascas.

7º — Aumentarei em cento por cento, ou ainda mais, conforme as necessidades do povo, o número de dias feriados obrigatórios, de maneira que, dentro em breve, esteja resolvida a questão social no país.

8º — O jogo será franco, mas ilegal, para mostrar que somos um povo civilizado e que perseguimos os contraventores que fazem dos postes da «Light» quadros-negros todas as tardes.

9º — Perseguirei im-pla-ca-vel-men-te os bondes com placas trocadas, o que tem causado a muita gente o prejuízo de tomar um bonde errado.

10º — Meu governo se baseará na proteção à Família, por isso empregarei, e muito bem, todos os meus parentes.

11º — Chega.

Conde de Salamaleques



VOCE MEU TIO, TERA EMPREGO NO MINISTERIO DA FAZENDA; VOCE NA PREFEITURA, VOCE...

E EU, QUERO SER CAIXA DO TESOURO NACIONAL

Feliz flagrante colhido por nossa objetiva de um bate-papo entre Joe Louis e o novo campeão mundial de box

SUCIAS



Me dá tua mão. TOMA MEU BRAÇO. ME DÁ TUA MÃO. TOMA MEU BRAÇO. ME DÁ TUA MÃO. TOMA MEU BRAÇO.



Banquete — Estando desalcada a copa do nosso amigo Zuquinha da Viola, resolveu, de comum acordo com outros vizinhos e parentes, aderir a um grande banquete que vai ser oferecido a um coordenador político. Nessa ocasião, com todo cuidado, será feita uma inteligente arrecadação de talheres, guardanapos e louças em geral e que caibam em pastas e bolsos avantajados. (O resto é segredo profissional.)

CONSULTÓRIO DE GRACA PARA POBRES DE ESPIRITO

DIREÇÃO DO B. DO BUTECO



SR. BARÃO... DERMAME UM BEIJO NO CINEMA.

FOI NO ESCURO?

Foi, SIM SENHOR.

ENTÃO ELE ESTÁ PERDOADO.

Jucá (Cascadura) — Pela forma segura e firme de sua letra vejo que o amigo é possuidor de caráter severo, capaz de ocupar um lugar de destaque em qualquer Comissão de Preços. Mas noto que os seus tt e dd são muito baixinhos, confundindo-se com os ee e os aa, e isso denota que o senhor gosta de comer alto.

Patrícia — E' preciso que mande por completo o momento exato de seu nascimento: anos, mês, dia, hora e, se possível, minuto e segundo. E' provável que a senhora, esquecida como diz ser, não se recorde bem desse momento empolgante de sua vida sub-lunar; mas, fazendo um esforço de memória e consultando o calendário perpétuo, talvez descubra a exatidão do evento sem precisar recorrer a pessoas maiores de sua família, pois estas quase sempre aumentam as idades dos outros, só para chatear.

Discípulo — Muito agradecido pelas provas de amizade e submissão aos nossos conselhos e às nossas consultas. Se você puser em prática o que lhe recomendamos, será ainda um grande homem neste país de pigmeus. E' indispensável, porém, que não deixe de fazer, diariamente, pela manhã e à noite, aqueles exercícios de extensão e prolongamento de pernas e braços, mesmo que, uma vez por outra, seu companheiro de quarto chame a assistência para levá-lo ao Pronto Socorro ou ao Hospital de Alienados, tanto faz.

Barão do Buteco

Nascimento — Se Deus não mandar o contrário deverá nascer na força da lua nova o primeiro filho de nossa prezada Nini, filha da linda Lili, que por sua vez era sobrinha da falecida Teté. Logo que se der o ansiado acontecimento, iremos ao açougue buscar uns ossinhos para a parturiente, que há dias não come por falta de coragem de nossa parte.





Milhares e milhares de pessoas que pagaram entradas ficam indiferentes àquelas que "goderaram" o jogo

OS GAUDÉRIOS DO FUTEBOL

TEXTO DE LUIZ MORENO



FOTOS DE ARNALDO VIEIRA

HA, em todos os países, duas maneiras de falar: uma, a oficial, culta, literária, com seus termos eruditos, em torno dos quais os estudiosos da filologia dissertam descobrindo fontes etimológicas, muitas vezes até divertidas. A outra, a popular, é composta de vocábulos inventados pelo povo, sem maiores preocupações de origem, sem a vestimenta histórica ou erudita.

Na França lhe deram o nome de "argot"; nos Estados Unidos é o "slang"; em nosso país é a gíria.

De quando em quando aparecem obras literárias estudando a gíria brasileira em seus diversos setores. A do Rio, naturalmente, é, talvez, a mais viva, pois é aqui no Distrito Federal que residem brasileiros oriundos de todos os Estados do País, formando um só bloco de "cariocas", perdendo o bairrismo, integrando-se no tumulto da grande cidade com seus dois milhões de habitantes.

Dificilmente um termo de gíria dos Estados Unidos adquire vida no Rio; mas a recíproca é verdadeira e inevitável: todos os modismos de linguagem popular da gíria carioca ganham foros de cidade em qualquer dos nossos Estados, passando a ser empregados indistintamente por todas as camadas sociais.

Quem mais se incumba de levar aos sertões a gíria carioca e lhe dar prestígio e usança é o rádio, em primeiro lugar; depois, a imprensa. Mas, como a memória auditiva também é muito firme e quase sempre tais palavras ou frases são ditas em forma de diálogo, anedotário, "sketches", etc., é evidente que o povo que ouve é levado a empregá-las nas mesmas condições, dando-lhes até a entonação, a inflexão vocal dos "artistas" em interessante e curiosa emulação.

E' claro, pois, que no futebol também tenham surgido

numerosos modismos, um rico linguajar inventado pelo povo que ocorre às canchas desse jogo popular, dominador de nossas multidões.

Como se chama, pois, ao cidadão adulto ou às crianças que, não dispondo de meios para uma entrada legal, ou já chegando tardiamente, ficam privados de ver uma partida de futebol?

Gaudério. Estamos quase certos de que o leitor jamais ouviu falar em tal nome na área dos muros de nossos campos de jogos. E é natural; mas para um nortista o termo já não é estranho. E' verdade que a escrita e a pronúncia não são assim; há uma corruptela de gaudério, é goderio.

Que vem a ser, pois, esse goderio?

Forma popular do nome erudito acima indicado, constante dos nossos dicionários como qualquer um poderá



Enquanto se vão formando as filas nas entradas do Stadium, as carrocinhas e vendedores ambulantes se estabelecem

De longe também se ama, pensam essas jovens que não puderam entrar e ouvem pelo rádio do auto o desenvolver da peléja



A esquerda: Arriscando a vida os gaudérios do futebol não temem correntes elétricas, nem a fragilidade das árvores. A direita: Surpreendidos pela nossa objetiva, os gaudérios do Vasco erguem vivas aos seus clubes e dão até palpites

ver. Gaudério é o indivíduo que procura viver às custas alheias, um parasita social, um "penetra". No nordeste do País há mesmo uma quadrinha que diz assim:

"Godero disse
que eu goderasse;
comesse o seu
e o meu guardasse."

Eis o tipo do gaudério ou "godero". O camarada que só deseja viver nas costas dos outros, sem pagar cinemas, sem comprar entradas de futebol, sem fumar por sua conta, sem pagar o bonde...

O termo é popular no nordeste do País; mas, em virtude da situação de estar contra a maré, ele não pôde descer de lá e criar raízes no Rio; ora, como o carioca não podia deixar de possuir o seu termo de gíria para classificar os cidadãos que fossem aqui os "goderos" de lá, então inventou uma palavra que é o sinônimo daquela: "casquinha".

O "casquinha" é a evolução de uma expressão que já existiu nos meios populares e se empregava com o verbo tirar: "tirar uma casquinha", uma "raspinha", "lasquinha". Depois, pela lei do menor esforço, a frase cedeu lugar a uma só palavra: "casquinha", e o objeto do verbo adquiriu classificação mais alta, passando a subs-

tantivo, depois de ter sido adjetivo: "sujeito casquinha", "homem casquinha". E a lei eterna da evolução das coisas, das palavras das gentes, mudando de lugar, conquistando novos aspectos, emancipando-se, transformando-se insensivelmente, independente da vontade consciente do homem na sociedade.

"Casquinha" é o "godero" do nordeste, como este é o "godério" que está nos dicionários com todo o seu aspecto de palavra civilizada e culta.

Nos dias de grandes partidas de futebol, as árvores, os muros, as barreiras, quando há, como as vizinhanças de certos estádios, servem de arquibancadas aos "goderos", aos "casquinhas", todos calmamente gauderando os jogos.

Mas não fica apenas n'essa forma de fugir a despesas a vida dos nossos gaudérios na terra carioca. Eles também aplicam a arte de "casquinhar" em torno das barrquinhas de bebidas e comidas, dos tabuleiros de doces, dos carrinhos de sorvetes que afluem aos campos de futebol nos grandes dias de partidas sensacionais.

Quem possui o espírito comercial e tem mercadorias para vender nessas aglomerações populares, não perde tais oportunidades. E conduz o negócio até lá. São ajuntamentos efêmeros, de algumas horas, ao contrário do que se passa em volta de centros industriais, com as populações operárias permanentes, fazendo freguesias firmes, conhecimentos pessoais, amizades e até créditos.

Com os campos de futebol o caso é diferente. Tudo é

efêmero e não dá para criar intercâmbios mais firmes. Comprou, pagou e desocupa o lugar. Nem todos os que desejam um doce, um sorvete, laranjas, refrigerantes, frutas, sanduíches, etc., têm dinheiro. Entra em ação, portanto, o "gaudério"...

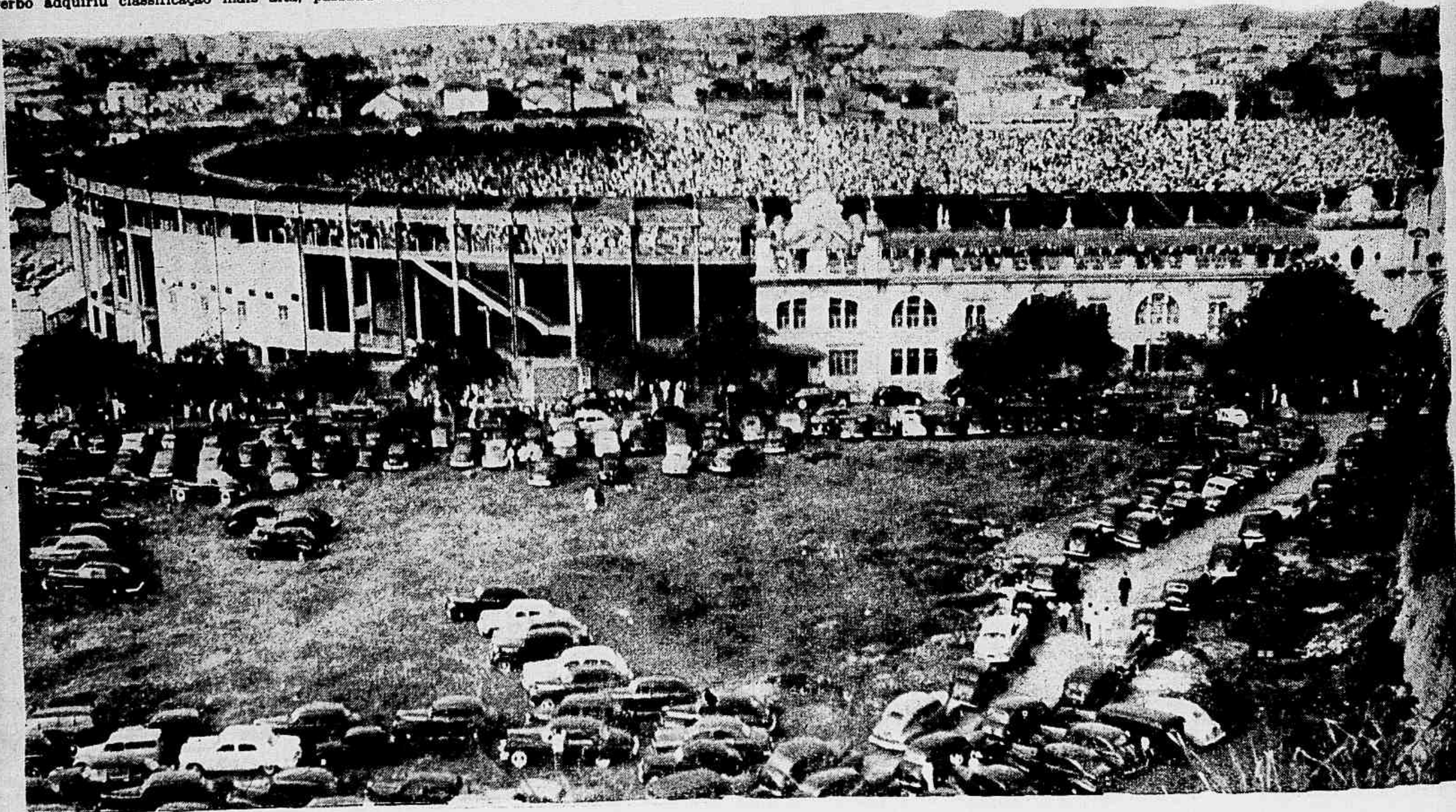
E há mesmo expedientes curiosos e de ótimo efeito. Rapazinhos de olhar humilde e de trajos modestos, fazem um preliminar estudo psicológico do ambiente e dos possíveis pagantes; escolhem um de aspecto caritativo e lhe dirigem a palavra com entonações de resignada piedade:

— Moço... me dá um tostão?...

Se a "vítima" ruge, ele não discute e vai procurar outro; se o cidadão se condói daquele pobrezinho, fornece-lhe o níquel pedido, fica a resmungar contra a falta de amparo social à mocidade, e intimamente pede a Deus que lhe vá creditando esses pequeninos abonos na conta corrente celestial para a hora das aperturas, diante do Tribunal Divino.

O godério, porém, não descansa e prossegue na colheita que promete ser farta. Com aquele tostão de "index", ele vai obtendo outros níqueis, mas tendo o cuidado de ocultar no bolso os excessos, apresentando sempre na palma da mão uns vinte centavos e dizendo que precisa de mais uma moedinha para comprar um pão...

Há outros godérios que procuram enternecer o coração dos assistentes alegando que sua mamãe está doente em casa e ele é o seu único arrimo. E órfão de pai, tem



Ao alto: Vista panorâmica do que foi uma das partidas entre o "Arsenal" de Londres e os nossos clubes do Rio. Na página à direita: Os grandes "matches" de futebol não atraem apenas os aficionados e sim também os "porus", que dão palpites...

MIL
INGRESSO
CRS.





Em clima: Nem só de pão vive o homem, dizem as escrituras santas; também vive de ouvir futebol pelo rádio, diz este amigo. A esquerda: Tirando suas "casquinhas" no jogo que empolga milhares de aficionados do futebol, esses garotos galgam muralhas

muitos irmãozinhos pequenos, por isso se vê forçado a pedir aos bons cristãos um auxílio para suas desgraças na mais triste pobreza.

O godério é um tipo de escola. Dotado de sagacidade e poder observador, ele se veste com a pior roupa de que pode lançar mão, assanha os cabelos e suja o rosto, o corpo, tudo com o objetivo de enternecer os corações desprevenidos.

Em torno de uma boa partida de futebol, leitor amigo, muita coisa interessante há para estudos da natureza humana. E, enquanto a reportagem fotográfica e os redatores desportivos estão lá dentro a apanhar bons flagrantes e o juiz corre o risco de ir para o Pronto Socorro, cá fora, nossa objetiva surpreendeu esse panorama de godérios pelos muros e pelas árvores do campo do Vasco, todos tirando sua "casquinha", goderando o jogo sem pagar um centavo.

Depois de tanto êxito visual, embora, por vezes, as árvores gemessem sob o peso dos corpos, muitos desses godérios foram matar a sede e acalmar os protestos do estômago, dizendo a conhecidos ou desconhecidos:

— Quer completar aqui este níquel para um pastel, moço? E assim é a vida...

Este menino não pôde colocar-se nas árvores ou no muro e cumpre o seu dever comprando ingresso. Ou goderá pelo buraco?...



The advertisement features a collection of four different carpet patterns. The top left carpet has a complex, dense floral and geometric pattern. The top right carpet has a repeating diamond pattern with floral motifs. The bottom left carpet has a large central medallion surrounded by a wide border. The bottom right carpet has a repeating floral pattern. A globe is positioned in the lower center, partially overlapping the bottom left carpet. The text "UM MUNDO DE TAPETES" is written across the globe. Below the globe, the ASA and UNES logos are displayed, separated by a stylized wavy line. The ASA logo includes the word "MARCA" and the UNES logo includes the word "REGISTRADA".

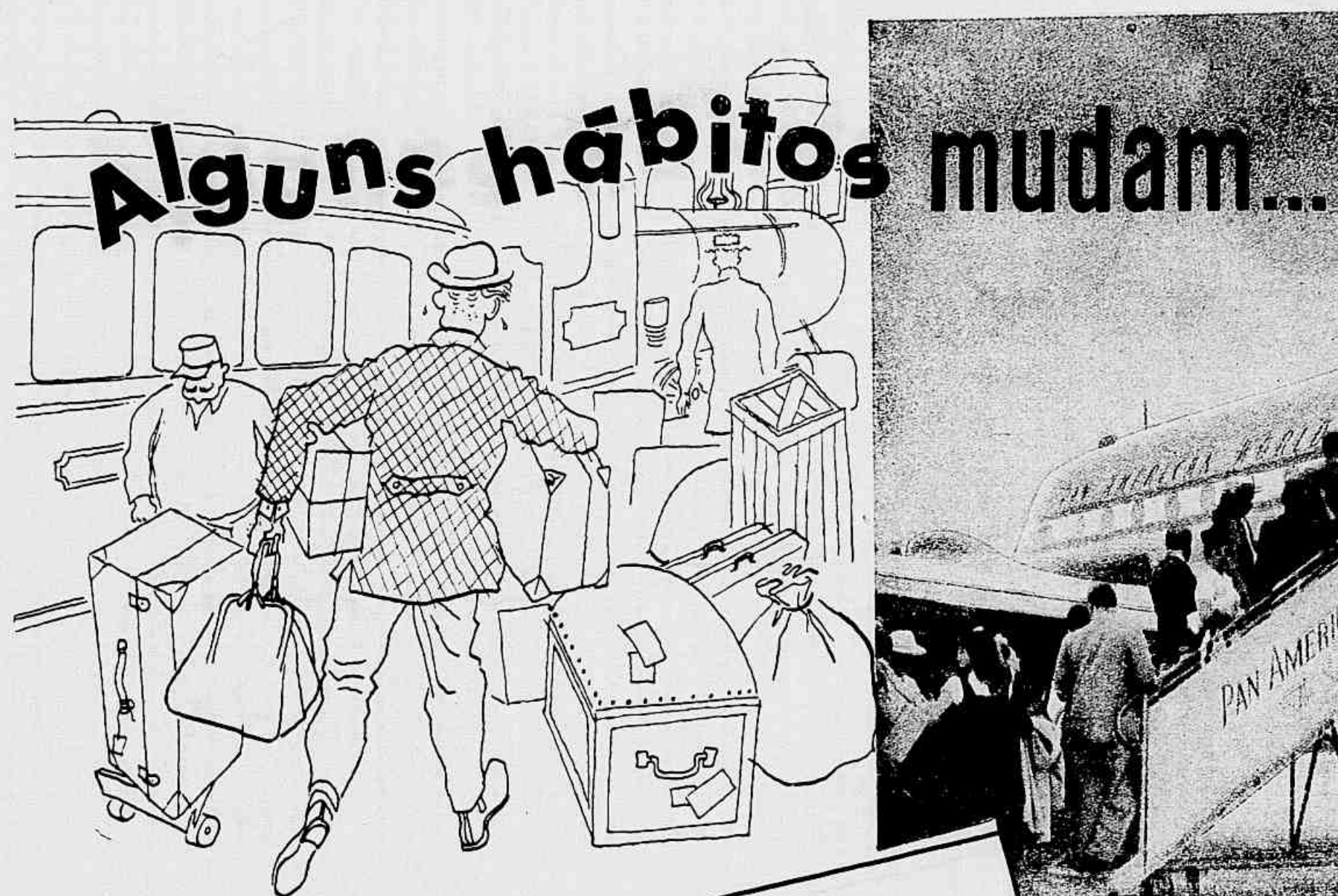
UM MUNDO DE TAPETES

TAPETES E PASSADEIRAS
franceses, ingleses, orientais, tche-
cos, portugueses e nacionais re-
cebidos diretamente das fábricas

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



...mas
a preferência pelos
cigarros Continental
permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro
de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — o homem moderno já
modificou seus hábitos de via-
gem... mas a popularidade dos
cigarros Continental é sempre
absoluta. Porque Continental
oferece sempre a mesma qua-
lidade e paladar uniformes.

O público que dá preferência a
Continental é cada vez mais
numeroso — e Continental,
hoje melhor do que nunca, é
o cigarro de qualidade mais
vendido no Brasil!



Lisos ou com ponteira

Cigarros **Continental**

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**